

Prática de Ensino Supervisionada
em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Cristiana Isabel Pereira Afonso

Relatório Final de Estágio Profissional apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Musical no Ensino Básico

Orientado por:

Vasco Paulo Cecílio Alves

Bragança

Julho de 2015

AGRADECIMENTOS

Ao professor Vasco Alves pela sua dedicação e orientação ao longo de todo o meu percurso académico.

Ao professor cooperante Artur Fernandes pela sua motivação, empenho, dedicação e ensino.

Aos meus pais, ao meu irmão Tiago e à minha cunhada Ana Preto, pela força, motivação, e otimismo com que sempre me apoiaram.

À minha amiga Cristiana Martins, por todo o imenso apoio, amor, força e positivismo que sempre me deu. Por sempre acreditar mais em mim do que eu própria e me desejar mais sucesso do que para si. Serás sempre a minha heroína e irmã.

À minha enormíssima amiga Alexandra Teixeira por ser quem é, por todo o apoio, por todos os sorrisos, por todo o carinho, por toda a amizade, por tudo aquilo que por ser pequeno se tornou enorme!

À minha grande amiga Inês Peixoto por ser uma grande mulher, por ter sempre estado do meu lado, pela sua enorme amizade, por me ter ajudado em tudo quanto podia e principalmente, pelo seu enorme coração!

Aos meus colegas Deolinda Ortins, Maria Joana Soares e Sidónio Oliveira, pelos bons momentos que passámos, por me acompanharem ao longo de todos estes anos, pela amizade e cumplicidade que criámos, por me ajudarem e apoiarem ao longo deste percurso, sois o meu orgulho!

A todos aqueles que quiseram permanecer anónimos, obrigado pela ajuda, pela disponibilidade, pela inspiração e pela força.

RESUMO

O presente relatório é o resultado final da Prática de Ensino Supervisionada, realizada no ano letivo de 2013/2014, no âmbito do Mestrado de Educação Musical no Ensino Básico. Este engloba os estágios realizados no 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, nos quais procurei saber se a música em conjunto é um fator de motivação e uma ferramenta de socialização, realizando atividades que ampliaram a importância da música para mim e para os meus alunos. Tendo sempre em vista a música de conjunto e a importância da mesma, realizaram-se atividades e projetos para providenciar aos alunos uma vivência ativa da música, uma interiorização e interação com a mesma. No 1º Ciclo do Ensino Básico foi realizado um teatro musical que englobou várias disciplinas deste ciclo, cruzando a dança, a música, a interpretação musical e o teatro. No 2º Ciclo do Ensino Básico foram lecionados conteúdos programáticos integrantes no programa da disciplina de Educação Musical, juntamente com um teste de avaliação sumativa. No 3º Ciclo do Ensino Básico foram realizadas atividades públicas, as quais com o objetivo de promover a socialização e o trabalho em grupo. Para a realização destas atividades, recorri à observação direta participante e a uma metodologia baseada na metodologia de investigação-ação, com as quais pude observar o comportamento, os gostos e as dificuldades dos alunos. Assim defini as estratégias para alcançar as experiências de ensino-aprendizagem requeridas com o objetivo de inspirar nos alunos o gosto pela música e pelas aulas de educação musical.

Palavras-Chave: Educação Musical, Música de Conjunto, Prática de Ensino Supervisionada, Motivação, Socialização.

ABSTRACT

This report is the final result of the Supervised Teaching Practice, accomplished in the academic year of 2013/2014 held under the Master of Music Education in Primary School. This covers internships in the 1st, 2nd and 3rd cycles of basic education, in which I wanted to know if ensemble music is a motivating factor and a tool for socialization, doing activities that increased the importance of music for me and my students. Always with a view to ensemble music and the importance of it, activities and projects were performed to provide students with an active experience of music, an internalization and interaction with it. In the 1st cycle of basic education a musical theatre was performed that covered various disciplines of this cycle, crossing the dance, the music, the musical and theatrical interpretation. In the 2nd cycle of basic education were taught syllabus belonging to the Music Education discipline program, along with a summative test. In the 3rd cycle of Basic Education public activities were realized, which aimed to promote socialization and group work. In implementing these activities, I resorted to direct participant observation and a methodology based on the action-research methodology, with which I could observe the behaviour, the preferences and students' difficulties. Thus I defined the strategies to achieve the experiences of teaching and learning required in order to inspire in the students the taste for music and for music education classes.

Keywords: Music Education, Ensemble Music, Supervised Teaching Practice, Motivation, Socialization.

ÍNDICE GERAL

Índice de Figuras.....	xiii
Índice de Tabelas.....	xv
Índice de Gráficos.....	xvii
Índice de Anexos.....	xix
Lista de Siglas e Abreviaturas.....	xxi
Introdução.....	1
I REVISÃO DA LITERATURA.....	4
1.1 A Função da Música.....	4
1.2 A Educação Musical em Portugal.....	7
1.3 Abordagens Metodológicas na Educação Musical.....	11
1.4 Síntese.....	14
II METODOLOGIA.....	14
2.1 Definição da Metodologia.....	14
2.2 Contexto da Investigação-Ação.....	17
2.3 Fases da Intervenção.....	17
2.4 Instrumentos de Recolha de Dados.....	18
2.4.1 Observação Direta Participante.....	18
2.4.2 Inquérito por Questionário.....	19
2.4.3 Ficha de Avaliação Sumativa.....	19

2.5 Síntese.....	20
III ORGANIZAÇÃO E CARATERIZAÇÃO DO CONTEXTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.....	21
3.1 Organização da Prática de Ensino Supervisionada.....	21
3.2 Caraterização do Contexto Educativo.....	21
3.2.1 Contextualização do Meio Escolar e da Escola.....	22
3.2.1.1 1º Ciclo do Ensino Básico, 2º Ciclo do Ensino Básico e 3º Ciclo do Ensino Básico.....	22
3.2.2 Caraterização das Salas de Aula.....	25
3.2.3 Caraterização da Turma.....	27
3.2.3.1 Turma do 1º Ciclo do Ensino Básico.....	27
3.2.3.2 Turma do 2º Ciclo do Ensino Básico.....	29
3.2.3.3 Turma do 3º Ciclo do Ensino Básico.....	30
3.3 Síntese do Trabalho Desenvolvido.....	31
IV EXPERIÊNCIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO ENSINO BÁSICO.....	31
4.1 Contextualização das experiências de ensino-aprendizagem.....	31
4.1.1 No 1º Ciclo do Ensino Básico.....	31
4.1.2 No 2º Ciclo do Ensino Básico.....	35
4.1.3 No 3º Ciclo do Ensino Básico.....	40
4.2 Projetos Dinamizados.....	44
4.3 Síntese.....	47

V	ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	47
5.1	Análise dos Dados.....	47
5.1.1	1º CEB.....	48
5.1.2	2º CEB - Tabela de Observação e Ficha de Avaliação Sumativa.....	48
5.1.3	3º CEB - Tabela de Observação e Inquérito por Questionário.....	52
5.2	Discussão dos Resultados.....	55
5.3	Conclusões Finais.....	56
5.4	Síntese.....	57
	Considerações Finais.....	58
	Referências Bibliográficas.....	61
	Anexos.....	65

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da Escola Básica 1,2,3 Augusto Moreno.....	22
Figura 2 – Vista de frente da Escola Básica 1,2,3 Augusto Moreno.....	22
Figura 3 – Vista de cima da Escola Básica 1,2,3 Augusto Moreno.....	23
Figura 4 – Parque de estacionamento da Escola Básica 1,2,3 Augusto Moreno.....	23
Figura 5 – Planta da sala de aula nº 34 da Escola Básica 1,2,3 Augusto Moreno.....	25
Figura 6 – Planta da sala de aula nº 33 da Escola Básica 1,2,3 Augusto Moreno.....	26
Figura 7 – Capa da história de o Macaco de rabo cortado.....	32
Figura 8 – Exercícios escritos de identificação de notas	34
Figura 9 – Excerto da ficha sobre instrumentos de altura definida/indefinida.....	37
Figura 10 – Excerto da ficha sobre os símbolos dos instrumentos <i>Orff</i>	38
Figura 11 – Cifras ABCDEFG.....	41
Figura 12 – Capa do filme: Copying Beethoven.....	43

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Instrumentos da sala de aula nº 33.....	27
Tabela 2 – Conceitos e conteúdos disciplinares de EM do 5º ano de escolaridade.....	36
Tabela 3 – Classificação da ficha de avaliação.....	49
Tabela 4 – Resultados do inquérito por questionário.....	54

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição dos alunos por género.....	28
Gráfico 2 – Percentagem dos alunos distribuída por género.....	28
Gráfico 3 – Distribuição dos alunos por género.....	29
Gráfico 4 – Percentagem dos alunos distribuída por género.....	29
Gráfico 5 – Distribuição dos alunos por género.....	30
Gráfico 6 – Percentagem dos alunos distribuída por género.....	30
Gráfico 7 – Classificação dos alunos sobre a ficha de avaliação.....	50
Gráfico 8 – Percentagem da classificação da ficha de avaliação.....	50
Gráfico 9 – Percentagem de respostas – questão nº 2.1.....	52
Gráfico 10 – Percentagem de respostas – questão nº 2.5.....	53
Gráfico 11 – Percentagem de respostas – questão nº 2.6.....	53

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Tabela de Observação.....	66
Anexo 2 – Inquérito por Questionário.....	67
Anexo 3 – Ficha de Avaliação Sumativa.....	68
Anexo 4 – Canções para o Teatro Musical.....	70
Anexo 5 – Espiral dos Conceitos e Conteúdos do 5º ano de Escolaridade.....	74
Anexo 6 – Canção: “Canção de Natal”.....	75
Anexo 7 – Canção: “Canção de Natal 2”.....	76
Anexo 8 – Canção: “Natal de Évora”.....	77
Anexo 9 – Apresentação PREZI sobre os Instrumentos de Altura Definida e Indefinida.....	78
Anexo 10 – Ficha sobre os Instrumentos de Altura Definida e Indefinida.....	81
Anexo 11 – Ficha sobre os Símbolos dos Instrumentos Orff.....	82
Anexo 12 – Canção: “Hino à Alegria”.....	83
Anexo 13 – Exercícios de Percussão Corporal.....	84
Anexo 14 – Apresentação PREZI sobre a Família dos Instrumentos Musicais.....	85
Anexo 15 – Canção: “Canção do Adeus”.....	92
Anexo 16 – Canções de Carnaval: “Olha o Carnaval”, “Viva o Carnaval” e “É Dia de Carnaval”.....	93
Anexo 17 – Correção da Ficha de Avaliação Sumativa.....	94
Anexo 18 – Apresentação PREZI sobre a Música Tradicional Portuguesa.....	96
Anexo 19 – Canção: “A Caminho de Viseu”.....	99
Anexo 20 – Canções Tradicionais Portuguesas.....	100
Anexo 21 – Canção: “Deus Está Aqui”.....	109
Anexo 22 – Canção: “Somos Filhos da Madrugada”.....	110
Anexo 23 – Apresentação PowerPoint sobre a Música de Intervenção Portuguesa.....	111
Anexo 24 – Canções para Missa Pascal.....	112
Anexo 25 – Canções para Comemoração do 25 de Abril.....	119
Anexo 26 – Apresentação PowerPoint sobre a Revolução do 25 de Abril.....	124

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

1º CEB – 1º Ciclo do Ensino Básico

2º CEB – 2º Ciclo do Ensino Básico

3º CEB – 3º Ciclo do Ensino Básico

EB – Ensino Básico

EM – Educação Musical

IA – Investigação-Ação

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PES – Prática de Ensino Supervisionada

INTRODUÇÃO

Na *práxis*, na educação e na reflexão o professor deve ter a capacidade de observar, planificar, agir e refletir sobre a sua prática profissional de modo a melhorá-la e para que esta corresponda às necessidades educativas presentes. Este deve procurar sempre a melhoria das suas intervenções pedagógicas e também das abordagens pedagógicas já existentes, de modo a poder desenvolver e melhorar as suas capacidades de docência e ir ao encontro das necessidades educativas dos seus alunos. O professor deve também promover e incentivar o desenvolvimento de capacidades humanas e interação social através de atividades que permitam aos alunos desenvolver essas capacidades.

A minha Prática de Ensino Supervisionada teve como base atividades de música de conjunto inseridas numa série de projetos apresentados publicamente. Estes projetos tinham como objetivo incutir, nos alunos, alguma motivação para a música, fazendo com que ela tivesse um papel relevante nas suas vidas. Este deveria ser um dos objetivos da Educação Musical (EM) no Ensino Básico uma vez que “o ensino artístico não se destina apenas a formar criadores ou profissionais das artes” (Marques, 2001, p. 28) mas dedica-se também a promover o gosto e o interesse pela música.

O professor não deve ser apenas uma fonte de saber imutável, deve procurar ensinar, mas também aprender com os seus educandos, vê-los não apenas como fonte de saber e conhecimento, mas também como seres em crescimento que podem beneficiar muito da aprendizagem e da relação interpessoal. Ser professor não é apenas limitar-se a dar aulas, pois ser professor “sempre implicou preocupar-se com o bem-estar e segurança dos alunos, apoiar pessoalmente os alunos, respeitar as famílias e procurar os métodos de ensino... Ser professor sempre foi tanto educar como instruir” (Formosinho & Niza, 2009, p. 174).

O presente relatório é uma descrição das minhas experiências de ensino - aprendizagem realizadas no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), do Mestrado em Ensino da Música no Ensino Básico inserido no Instituto Politécnico de Bragança. Este é constituído pelo relato da PES decorridas no 1º, 2º e 3º Ciclos do ensino básico (CEB). A minha intervenção no âmbito da PES tinha como foco principal incutir

o gosto pela música nos alunos, dar a conhecer diferentes tipos de instrumentos e diferentes géneros musicais e levar os alunos a saber trabalhar em grupo.

As experiências de ensino-aprendizagem foram desenvolvidas através de uma prática reflexiva tendo continuamente em consideração as dificuldades dos alunos, implementando sempre as melhores estratégias e abordagens. As técnicas de recolha de dados por mim utilizadas foram um inquérito por questionário e a observação direta participante, estando esta integrada em uma metodologia baseada na investigação-ação. Foi utilizada também uma escala de classificação, o que permitiu organizar os itens integrantes na observação.

O presente documento encontra-se dividido em cinco capítulos:

I – Revisão da Literatura;

II – Metodologia;

III – Organização e Caracterização do Contexto da Prática de Ensino Supervisionada;

IV – Experiências de Ensino-Aprendizagem no Ensino Básico;

V – Análise e Discussão dos Resultados.

O Capítulo I, Revisão da Literatura, narra a função da música no Homem, desde a Antiguidade até aos dias de hoje, descreve o percurso da EM, nomeadamente no que concerne à trajetória das políticas educativas. Refere também algumas das abordagens metodológicas ativas existentes na EM.

O Capítulo II, Metodologia, expõe e define a metodologia utilizada ao longo da PES, o contexto e as fases em que esta decorreu, descreve que esta se baseou na metodologia de investigação-ação, assim como os instrumentos de recolha de dados utilizados.

O Capítulo III, Organização e Caracterização do Contexto da Prática de Ensino Supervisionada, contextualiza e caracteriza o meio escolar, a escola, as salas de aula e as turmas integrantes na PES.

O Capítulo IV, Experiências de Ensino-Aprendizagem no Ensino Básico, descreve as experiências de ensino-aprendizagem realizadas durante a PES no 1º, 2º e 3º CEB no Agrupamento de Escolas Abade Baçal na Escola 1,2,3 Augusto Moreno.

Para finalizar o Capítulo V, Análise e Discussão dos Resultados, expõe os resultados dos dados obtidos através de uma tabela de observação direta, uma ficha de avaliação sumativa, um inquérito por questionário, relata os resultados obtidos e procede à análise dos mesmos.

Este relatório termina com as considerações finais nas quais verifico se os objetivos inicialmente traçados foram cumpridos, onde realizo um resumo de toda a PES, focando os resultados e a influência que este teve para a minha atividade futura de docente.

CAPÍTULO I – REVISÃO DA LITERATURA

1.1 A Função da Música

Nos dias de hoje a música tem várias funções: educativa, expressiva, formadora, entre outras, as quais dependem e variam de indivíduo para indivíduo. Estes atribuem à música uma importância por si requerida, a qual varia consoante o gosto e as prioridades do ser humano. Gordon (2000) refere que a música desenvolve características intrínsecas pois esta:

é única para os seres humanos e, como as outras artes, é tão básica como a linguagem para a existência e o desenvolvimento humanos. Através da música, as crianças aprendem a conhecer-se a si próprias, aos outros e à vida. (p. 6)

A música nas suas várias funções começou na pré-história através dos instrumentos feitos de ossos de animais e de pedaços de madeira, muitos deles utilizados em rituais ou em cultos. Mesmo naquela época a música tinha uma função instrutora pois:

o Homem primitivo imitava os sons da Natureza fazendo experiências com os objetos que tinha ao seu alcance e selecionando os materiais mais adequados para os reproduzir. À medida que o Homem desenvolveu a capacidade racional, foi estabelecendo a diferença entre o som casual ou inconsciente, produzido pela natureza ou por si mesmo, e o som originado voluntariamente com uma finalidade determinada. (Leita & Testor, 2011, p. 11)

A música tem uma função social sendo esta utilizada também nas tribos de vários países em diversos rituais de passagem, substituindo muitas vezes a língua materna. Na tribo dos Venda, na África, apenas a linguagem musical é utilizada, cada música e cada dança é representativa de um momento específico (Blacking, 1973).

Tal como refere Schopenhauer (2005) a música fala sobre formas e em línguas que são diretamente compreendidas por todos pois não necessita de ser intermediada por conceitos, esta apenas é vivida e experienciada de várias formas.

Nesta sequência entende-se que desde os primórdios que a música e o Homem se tornam um só, são interdependentes e que desempenham papéis nos quais se influenciam mutuamente.

Como referem Austin, McPherson & Renwick (2007) a interligação entre o Homem e a música dá-se de três formas, de forma emocional, de forma identificativa e

de forma expressiva. De forma emocional pois a música desperta e estimula no Homem reações, sentimentos e emoções, de forma identificativa uma vez que o Homem se identifica com o tipo ou estilo de música que ouve e de forma expressiva pois a música é uma forma de expressão pessoal que o Homem desde sempre utiliza para expressar quem e como é. Esta também tem uma função social, estimulando para o trabalho em grupo e para a união desse grupo. Frequentemente a música tem a capacidade de proporcionar ao Homem a oportunidade de se envolver com a escola com motivação, quer seja para fins didáticos ou recreativos, dando voz às suas emoções.

Tudo isto vai de encontro ao pensamento filosófico da antiga Grécia, no qual se basearam os modelos ativos de educação musical. Platão e Aristóteles, embora com filosofias diferentes, completavam-se entre si, uma vez que Platão acreditava que a música era do cosmos dando sempre ênfase ao uso palavra em prol da educação do Homem. E Aristóteles defendia que a música era forma de expressão dos estados da alma (Fubini, 1999). É também aqui na Grécia antiga que se encontram os registros escritos mais antigos do pensamento filosófico sobre a música e a sua relação com o Homem, que ainda hoje vigoram.

Ainda neste sentido, e segundo Henderson (1957), a música para os gregos antigos:

. . . funcionava como uma segunda língua, capaz de expressar todo o tipo de pensamentos e sentimentos . . . Para Platão a música é um dom divino. Não é a técnica, a arte ou a ciência que torna o poeta capaz de cantar. Isso só se torna possível através da inspiração que vem da Musa. (p. 385)

A consciência musical da sociedade grega estava muito presente, pois para além dos pensamentos filosóficos anteriormente explicados, existiam também concursos e espetáculos públicos que se realizavam em Atenas e em Delfos nos quais a música era o fator de maior relevância (Campos, 2007).

Enquanto docente em início de carreira, defendo que a música deve estar sempre presente na vida das crianças pois possui funções educativas (instrução, motivação, interesse, empenho) e funções sociais (socialização, cooperação, integração). Compete aos jovens ser o futuro e ser a inovação musical uma vez que “. . . nenhuma evolução, nenhum progresso, podem ocorrer sem a participação da juventude, pois é nos espíritos jovens que as ideias deitam suas raízes mais profundas” (Fonterrada, 2008, p. 126).

Numa perspetiva mais alargada, a música pode ter várias funções dentro do mesmo grupo de amigos ou colegas ou até mesmo de uma geração, tais como a união, a cooperação, a interdependência, entre outras, depende do uso que estes lhe dão e da sua finalidade. Nas escolas algumas das finalidades da música é instruir e disciplinar os alunos, incentivar ao trabalho em grupo e à expressão pessoal. Desta forma a música revela-se um grande e poderoso símbolo cultural ajudando na formação e representação da ‘*self*¹’ (Couto & Santos, 2009).

Mediante o que foi dito anteriormente também se pode considerar que a música contribui para um ambiente escolar e educativo mais dinâmico e social, aproximando os alunos no que respeita a relações interpessoais e estimulando o processo de aprendizagem. Os fatores anteriormente referidos foram tidos em consideração no processo de ensino-aprendizagem da minha PES, na medida em que estes possibilitaram a criação de um ambiente inclusivo, tanto no campo da aprendizagem, como da socialização. Também permitiram valorizar a funcionalidade na música no que concerne o desenvolvimento de competências quer a nível individual, quer a nível coletivo. Como refere Sabbatella (2008), o contato com a música desenvolve as capacidades e destrezas musicais, tais como a audição, a interpretação instrumental e vocal, a improvisação, a criação e o movimento, e ainda capacidades não musicais, como a coordenação, a atenção, a memória, a concentração, a motivação e a autoestima.

Tendo tudo isto em consideração, e após a focalização na importância da música, no ponto seguinte irei inserir essa importância no seio do contexto da música através das políticas educativas existentes em Portugal. Irei também realizar uma evolução histórica da Educação Musical, mencionando o currículo e os programas inseridos na lei de bases Portuguesa.

¹ Aquilo que define a pessoa e a sua identidade pessoal

1.2 A Educação Musical em Portugal

A história da Educação Musical em Portugal é uma história repleta de contradições pois tal como refere Mota (2014) “a Educação Musical em Portugal é o resultado de um caminho sinuoso em que prevalece uma permanente ambiguidade . . .” (p. 43).

Importa, portanto, fazer uma retrospectiva histórica no sentido de elencar os acontecimentos ao nível político que determinam a dialética da Educação Musical no nosso país. Desta forma, tento averiguar se as políticas educativas em Portugal valorizam ou não, o que os filósofos ancestrais já diziam.

No âmbito do ensino artístico da música foram criados em 1835 os conservatórios de Música, tendo este tipo de ensino progredido ao longo dos anos (Gomes, 2008). A educação em Portugal e, segundo Torres (1998), o ensino oficial e obrigatório da música surgiu pela primeira vez nas reformas de Passos Manuel e Costa Cabral, entre 1836 e 1850. Após estas reformas, a disciplina de música apenas se limitava à prática, adotando assim o nome de canto coral. Estas medidas ocorrem no cenário ideológico do Liberalismo, durante o séc. XIX, visando a valorização da Educação Musical no plano das iniciativas da política nacional, nomeadamente através da criação da referida disciplina.

Segundo Fernandes (1995) com a reforma de 1882, os municípios ficaram encarregues da construção e da conservação de escolas, pela promoção de cursos de ensino e alfabetização, a designação e a remuneração dos docentes e dos seus horários.

Já em 1910, e com a implementação da República, introduziram-se grandes alterações no ensino, o que se veio a demonstrar em 1919, ano em que o Conservatório sofreu uma importante reforma levada a cabo por Viana da Mota e Luís de Freitas Branco (Gomes, 2008), através da elaboração de “ . . . um currículo de formação geral e musical e a obrigatoriedade de uma prática musical regular para alunos e professores” (Palheiros, 1993, p. 39). Esta reforma fez com que os métodos pedagógicos e os programas escolares fossem adaptados às necessidades da época, “fornecendo aos alunos meios de obtenção de uma cultura menos rudimentar do que era a regra entre os músicos portugueses” (Branco, 1995, p. 296).

Em 1934, com o início do Estado Novo, dá-se uma transformação das políticas educativas que, segundo Real Costa (1923) citado por (Mota, 2014) “. . . apenas existe ‘no papel’ sendo-lhe atribuída pouca ou nenhuma importância quer por parte dos responsáveis ministeriais quer dos próprios alunos” (p. 43). Neste regime, surge a necessidade de promover e institucionalizar a música tradicional. Para tal, segundo Guerreiro (2008), foram criados os ranchos folclóricos que utilizavam a dança e o canto para manter “viva” a música tradicional e para acompanhar as manifestações culturais tais como a Exposição do Mundo Português (1940). Estes grupos são difundidos pela rádio, dando-lhe um carácter “domesticado, mediático e normalizado, que servia os ideais sociopolíticos do Estado Novo” (p. 56). A nível da educação, introduz-se o pensamento de Estado Educador, ou seja “. . . um estado responsável em exclusivo pela educação dos seus cidadãos” (Fernandes, 1999, p. 183), em que as escolas se encontravam isoladas e alheias ao mundo exterior. A criação das escolas públicas era indispensável à estabilização do denominado Estado-Nação. Estas desenvolvem-se numa forma bastante centralista, alicerçadas sobre o valor da educação e as suas formas de organização (Barroso, 1999).

Tal como refere Guerreiro (2008), existiam grupos de associativismo musical que resistiam ao regime, nomeadamente a Academia de Amadores de Música de Lisboa e da Universidade Popular, a associação de concertos Sonata e da Juventude Musical Portuguesa, o Coro da Juventude Musical Portuguesa, o Coro da Incrível Almadense, entre outros.

O Canto Coral, até à data de 1968, fora tratado como um meio para apurar o sentido patriótico e nacionalista, visando uma união nacional. Este tinha um carácter meramente lúdico e pouco intelectual (Torres, 1998), não sendo assim considerada importante para a formação dos alunos. Como refere (Costa, 1923), o Canto Coral era menosprezado, uma vez que:

Chamam-lhe indisciplinante, barulhento, maçador até para os próprios contínuos... Como querem que o Canto Coral seja tomado a sério pela mocidade já iniciada na cultura geral que V. Ex. as possuem se o ensino tem sido grotesco e a nota desta cadeira não tem nenhum valor no curso do estudante?! (p. 34)

A escola era uma ferramenta muito importante de controlo patriótico, pelo que era responsável pela criação de laços entre as crianças e a Nação utilizando para tal a

bandeira Nacional e o hino Nacional, de forma a promover o patriotismo e a identidade nacional (Proença, 2000). De modo a proporcionar uma consciência patriótico-nacional, é criado, segundo (João, 2001) o Secretariado de Propaganda Nacional, cujo alvo demográfico era toda a população. Tal como refere Mattoso (1994):

“a encenação propagandística do regime, a organização da «política do espírito» começa pelos mais simples, nasala de aula, passa pela organização dos tempos livres, informa a assistência à família, a acção corporativa rural, piscatória ou industrial e o enquadramento meliciano da juventude. Cada setor de atividade com os seus organismos tutelares próprios direta ou indiretamente subordinados ao estado: sindicatos nacionais, casas so povo, casas do pescador, mocidade portuguesa, organização das mães para a educação nacional, federação nacional para a alegria no trabalho”. (p. 291)

Já em 1968 deu-se uma grande e importante reforma no ensino da música e passou a designar-se de Educação Musical, integrando no currículo. Com esta reforma “inicia-se um novo caminho para a Educação Musical, em que a disciplina é encarada como um contributo para a formação geral da personalidade da criança: formação auditiva, psicomotora, intelectual, socio-afectiva e estética” (Torres, 1998, p. 20).

No princípio dos anos 70, o sistema educativo da educação como um todo sofre alterações pelo que em 1971 o Conservatório Nacional reorganizou todos os seus programas e planos de estudo. Mas, e como refere (Vieira, 2006), “esta Experiência Pedagógica constituiu um momento problemático da legislação governamental sobre o ensino artístico especializado, devido à falta de regulamentação posterior, que se impunha, e que não foi feita durante vinte e oito anos” (p. 61).

Em 1974, com a revolução do 25 de Abril e segundo Ruivo & Veneza (1988) “o ‘Poder Local’ emergente é, assim, um poder baço e apagado, feito de comissões administrativas encarregadas de gerir o Município herdado do Estado Novo” (p. 11). Nesta época de transição, surge a importância da existência de um poder local centrado na educação, e para tal, recorre-se à restauração das antigas escolas primárias.

Como refere Mota (2014) a queda da ditadura do Estado Novo permitiu que a sociedade repensasse o papel da educação na sociedade. Assim, a música:

... não constituía uma prioridade educativa num país com elevados níveis de analfabetismo, o seu papel mobilizador em termos sociais e políticos possibilitou que muitos jovens se viessem a identificar com a chamada música politicamente empenhada, a ‘canção de protesto’, a qual se socorria de textos que refletiam as questões essenciais do dia-a-dia dos portugueses e era tocada um pouco por toda a parte como elemento fundamental de revolução em curso”. (p. 43)

Em 1975 dá-se a descolonização no continente Africano, o que faz com que muita da população de Cabo Verde, Moçambique, Angola e Guiné emigre para Portugal à procura de trabalho. Esta emigração tem uma grande influência cultural em Portugal, uma vez que:

“ . . . a sociedade portuguesa foi permeada pela riqueza dos estilos musicais africanos que passaram a fazer parte do seu dia-a-dia. . . Embora sejam parte integrante dos consumos musicais da população Africana, vieram tornar-se igualmente favoritas junto das camadas mais jovens. O mesmo tem vindo a suceder com o *Fado*, uma das formas musicais cantadas mais populares da cultura portuguesa, a qual era vista como conservadora e próxima dos mais idosos e que hoje atrai uma vasta gama de jovens intérpretes extremamente capazes e com renome internacional”. (Mota, 2014, p. 43)

Após a revolução de 1974, e já em 1984 a autoridade deixa de ser local e passa a ser distribuído por vários órgãos de poder. Os municípios ficam encarregues de diversas competências, entre elas a educação e o ensino, a cultura e a saúde (Oliveira, 1996).

Em 1990, a Educação Musical integrou até ao sexto ano como regime obrigatório e nos anos seguintes como disciplina de opcional. Após 1990, desenvolveram-se, com base nas abordagens de Edgar Willems e Carl Orff, vários cursos de pedagogia e didática musical, de modo a atualizar as práticas da Educação Musical.

Nos dias de hoje, a Educação Musical está integrada no currículo do ensino regular nas escolas. Como refere o Ministério da Educação (2001) na educação pré-escolar a música, mais propriamente a expressão musical, faz parte da área do domínio das expressões. No 1.º ciclo do ensino básico, a música tem um carácter obrigatório, integra na área das expressões artísticas. No 2.º ciclo do ensino básico, é designada de Educação Musical e também tem um carácter obrigatório. No que diz respeito ao 3.º ciclo, a Educação Musical não é de carácter obrigatório, sendo que hoje em dia esta já não existe em todas as escolas do país, sendo até mesmo escassa. Em Portugal e respeitante à Educação Musical, foram desenvolvidas algumas abordagens metodológicas que auxiliaram ao desenvolvimento da Educação Musical nas escolas, os quais irei referir na secção seguinte.

1.3 Abordagens Metodológicas da Educação Musical

Após referir, no subcapítulo anterior, a Educação Musical em Portugal e as políticas educativas integrantes na mesma, irei enquadrá-la nas abordagens metodológicas ativas referentes à Educação Musical de modo a poder enquadrar metodologicamente a minha intervenção pedagógica.

No século XX houve a necessidade de uma pedagogia musical centrada na criança, atendendo ao seu desenvolvimento e intelecto. Esta mudança da filosofia educativa deveu-se ao paralelo desenvolvimento das teorias da psicologia infantil tais como Piaget, Vygotsky, entre outros, que possibilitou um maior conhecimento da criança como ser dotado de características e necessidades específicas (Christianson, 1938). Em seguimento surgem as abordagens metodológicas ativas baseadas na atividade e no movimento e na acessibilidade da música apesar da idade ou estatuto.

São várias as abordagens metodológicas de pedagogia musical. Nesta secção irei referir as abordagens de Émile Jaques-Dalcroze (1865-1950), de Edgar Willems (1890-1978), de Zoltán Kodaly (1882-1967) e os princípios pedagógicos de Carl Orff (1895-1982). Apenas irei referenciar estas abordagens e não outras uma vez que estas são abordagens ativas, ou seja, valorizam mais a parte prática do que a teórica, e todas têm elementos em comum tais como a vivência e a experimentação musical, o corpo e o movimento como instrumento primário, entre outros.

A abordagem metodológica de E. Dalcroze denominada de *eurítmica* foca o ritmo através da prática e a qual segundo Silva (2008) surge quando este observa falta de interiorização rítmica por parte dos seus alunos. Estes apenas aplicavam regras teóricas que aprendiam, criando assim uma lacuna e uma insegurança rítmica. Este método pretende explorar a música através do movimento, do ritmo e do corpo. Como refere (Sousa M. , 1999) “é um método de formação musical activo no qual a aprendizagem da música se faz através da participação do corpo, isto é, a linguagem musical é compreendida através do movimento corporal, desenvolvendo a psicomotricidade e a linguagem” (p. 12).

A abordagem metodológica de E. Willems surgiu através da abordagem anteriormente descrita pois este foi aluno de E. Dalcroze. Este defendia que a música devia ser incutida na criança desde muito jovem para assim a aprendizagem se tornar mais espontânea uma vez que a criança já teria intimidade com a música (Sousa & Neto, 2003).

Esta abordagem é profunda uma vez que tenta ir à raiz da personalidade da criança e segundo Willems (1970) os seus princípios e fundamentos “. . . não partem da matéria nem dos instrumentos, mas sim dos princípios da vida que unem a Música e o ser humano, merecendo especial importância o movimento e a voz” (p. 43).

Para o pedagogo o solfejo e o instrumento são introduzidos através da audição e do sentido rítmico sem recorrer à teoria, assim estabelece bases rítmicas e auditivas que podem levar à virtuosidade, pois como refere Sousa (1999) na abordagem de Willems:

Utilizam-se elementos de trabalho típico como seja um material auditivo variado, para os diversos aspetos do som e da audição; os denominados ‘batimentos’ para desenvolver o instinto rítmico, as canções escolhidas com fins pedagógicos tendo em vista a prática solfegística e instrumental; as marchas características, tendo por finalidade desenvolver o sentido do tempo, primeiro físico e segundo expressivo, bem como movimentos naturais. (p. 13)

Zóltan Kodály elevou o ensino da música utilizando como recurso a música tradicional do seu país. Segundo Sousa (1999) o projeto de Kodály:

em colaboração com Bela Bartók teve como principal objetivo a reestruturação do ensino da música no seu país tendo em vista não só a formação de músicos, mas a de futuros auditores e amadores de música conscientes e cultos musicalmente. (p. 15)

A sua abordagem pedagógica foca a aprendizagem da teoria musical através do canto pois este é uma das melhores formas de desenvolvimentos da capacidade intelectual da criança.

Fonterrada (2008) afirma que os princípios do ensino de Kodály são a capacidade de ler associada á capacidade de ler música, a musicalização realizada através do canto, a música introduzida na infância desperta a musicalização. Refere ainda que apenas a música com um elevado valor artístico deve ser utilizada no processo de ensino musical, a base da instrução da linguagem musical na criança deve ser feita através de músicas folclóricas e canções tradicionais, e que, o ensino infantil deveria ter como o centro do seu currículo educacional a música.

Para terminar as abordagens metodológicas, os princípios pedagógicos de Carl Orff sustentam-se no construtivismo, uma vez que este reconhece que a criança já nasce com características intrínsecas que se desenvolvem com o crescimento. Este pedagogo fundamenta os seus princípios no agir, no reagir, no integrar e no colaborar pois como refere Sousa (1999) “nesta fundamentação reside um conjunto de elementos que presidem à orientação de toda a sua metodologia-ritmo, melodia, criatividade, jogo, improvisação e instrumental” (p. 13).

Estes elementos desenvolvem a aprendizagem musical na criança uma vez que estas aprendem através das vivências musicais experienciadas por elas. Para o autor as crianças devem cantar, tocar, dançar, realizar atividades lúdico-musicais para assim crescer e desenvolver a sua criatividade e a sua formação musical. Carl Orff realizou “decisivas contribuições no campo da rítmica, da criatividade musical dos instrumentos didáticos e da integração das diferentes manifestações artísticas e expressivas” (Grainza, 2002, p. 76).

O autor criou instrumentos nos quais as crianças poderiam criar a própria música com relativa facilidade, os quais eram de fácil utilização e dos quais se destacam os jogos de sinos, os xilofones, os metalofones e instrumentos de pequena percussão. Assim surge o instrumentário Orff constituído por estes instrumentos, os quais Orff criou e mandou construir inspirando-se em instrumentos africanos (Grainza, 2002).

Todas as abordagens pedagógico-musicais ativas acima descritas têm como principais características a vivência e o contato direto com música, uma vez que todos os intervenientes têm de participar nas atividades propostas. Isto apela às relações interpessoais pois todos os intervenientes têm de colaborar e interagir entre si. Segundo Cunha (2013) todas estas abordagens têm pontos em comum tais como:

- 1) A *praxis* antecede sempre a *Theoria*.
- 2) A importância da valorização de material sonoro familiar à criança, ao qual se associam, posterior e gradualmente, novas ideias musicais.
- 3) A integração da música com outras formas de expressão, como a linguagem falada, o movimento e a dança.
- 4) A importância da linguagem, não só como expressão artística, mas como processo de aprendizagem e valorização da língua materna.
- 5) O movimento e o corpo são inseparáveis da prática musical.
- 6) A motivação, o prazer e os aspectos lúdicos passam a ser valorizados e considerados factores fundamentais do processo ensino/aprendizagem.
- 7) A música é para todos – A democratização e laicização da música não exclui ninguém e proporciona, ao maior número possível de pessoas, independentemente da sua idade, ou estrato social, o acesso ao universo da música.
- 8) Valorização dos processos de aprendizagem, da prática musical (vocal e instrumental) e da criação /improvisação deixando para segundo plano, o resultado ou produto final. (pp. 23-24)

Todas as abordagens metodológicas acima referidas têm em comum a vivência musical ativa, tanto em termos rítmicos, como vocais e instrumentais. Na minha *práxis* não utilizei uma abordagem em particular, adotei as metodologias conforme as necessidades que foram surgindo.

1.4 Síntese

Neste capítulo foi descrita a função da música para o Homem e para a sociedade, integrando-a nas políticas educativas em Portugal. Estas por sua vez fazem parte das abordagens metodológicas da Educação Musical, algumas das quais foram utilizadas por mim na minha Prática de Ensino Supervisionada. Assim, pode verificar-se que a música, o Homem e a sociedade já possuem uma ligação vinculativa histórica, o que se reflete nas políticas educativas ocorrentes em Portugal.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

2.1 Definição da Metodologia

Hoje em dia, os docentes têm de se adaptar às dificuldades dos seus educandos criando estratégias para as colmatar, dando assim respostas educativas adequadas às necessidades dos seus alunos, quer seja individual ou coletivamente. Há uma necessidade de realizar e desenvolver uma prática reflexiva uma vez que “os professores eficazes usam a investigação sobre o ensino e a aprendizagem para seleccionar as práticas que se sabe que melhoram a aprendizagem dos alunos” (Arends, 2008, p. 1). Em concordância com Arends, Palheiros (1999) afirma que a investigação em Educação Musical deve obter-se através da interação entre a teoria (investigação) e a prática (*práxis*). Para tal, esta afirma que “o próprio professor pode desenvolver atitudes investigativas que lhe vão permitir questionar e melhorar o seu próprio trabalho . . . “ (p. 22).

Este relatório, assim como toda a minha PES, têm como base o modelo de investigação-ação. O primeiro objetivo deste modelo, a ação, é levada a cabo através de estratégias definidas pelo professor, colmatando assim as necessidades dos alunos. A investigação parte da observação das dificuldades dos alunos, seguida de uma reflexão para encontrar estratégias para depois aplicar na ação (Coutinho *et al.*, 2009).

Segundo Tripp (2005) não existe uma única definição para este modelo nem se sabe ao certo a sua origem sendo que é “pouco provável que algum dia venhamos a saber

quando ou onde teve origem esse método, simplesmente porque as pessoas sempre investigaram a própria prática com a finalidade de melhorá-la” (p. 441).

No que diz respeito à PES, considero que as atividades letivas se enquadram neste modelo e que a investigação se baseia na observação, na análise e na reflexão das dificuldades ou problemáticas existentes durante as práticas letivas. Na minha opinião, é de extrema importância que o professor investigue sobre a sua atividade docente, adquirindo assim novos conhecimentos. Mas, para além de investigar para si próprio, o professor também investiga em prol do educando uma vez que a sua interação com o aluno é crucial neste processo de aprendizagem. Como referem Marques, Moreira & Vieira (1999) o modelo de investigação-ação justifica-se porque:

. . . os resultados da reflexão são transformados em *praxis* e esta, por sua vez, dá origem a novos objectos de reflexão que integram, não apenas a informação recolhida, mas também o sistema apreciativo do professor em formação, quando ele é envolvido num processo de questionamento sistemático da acção que o impele a mover-se entre a evidência e a interpretação. É precisamente neste vaivém contínuo entre acção e reflexão que reside o potencial crítico e emancipatório da investigação-acção enquanto estratégia reflexiva. (p. 138)

O modelo de IA é muito ativo pois o professor tem de ser muito participativo de modo a poder ultrapassar dificuldades, a melhorar determinadas práticas da atividade docente, a adaptar-se às necessidades do meio onde se insere e a tornar-se versátil na colmatação de dificuldades. Neste modelo “o essencial é a exploração reflexiva que o professor faz da sua prática, contribuindo dessa forma não só para a resolução de problemas como também (e principalmente) para a planificação e introdução de alterações nessa mesma prática” (Coutinho *et al.* 2009, p. 360). O modelo utilizado nas minhas aulas foi o de investigação-ação participativa uma vez que não me limitei a observar e a investigar, mas também a participar, tornando-me, eu e os meus alunos, participantes no meu processo.

No que diz respeito às minhas intervenções pedagógicas no 1º CEB e devido ao facto de haver uma atividade de final de ano a qual se tratava de uma festa envolvendo todos os departamentos deste ciclo, as minhas aulas foram planeadas com base nisso, e todas elas integraram conteúdos para essa festa, que ocorreu dia 7 de Maio de 2014 no Teatro Municipal de Bragança. Esta atividade foi em grupo baseada no livro de António Torrado, intitulado “O Macaco de Rabo Cortado” e foi adaptada musicalmente pelo

professor Artur Fernandes. As atividades em grupo são muito importante para a socialização entre os alunos:

As actividades em grupo ou de aprendizagem cooperativa requerem, obviamente, um tipo de participação diferente por parte dos alunos. As actividades em grupo requerem que os alunos falem uns com os outros, e a aprendizagem cooperativa requer a realização de tarefas académicas em conjunto. (Arends, 2008, p. 150)

Na minha intervenção pedagógica no 2º CEB optei por seguir o programa do respetivo ano curricular e da escola. Planifiquei as sessões letivas de maneira a formar uma linha condutora entre o que o professor cooperante lecionou antes da minha intervenção e nos conteúdos que este iria lecionar após a minha intervenção. Nestas planificações constaram as várias metas de aprendizagem, os conteúdos necessários para atingir os resultados pretendidos para cada sessão letiva. Neste CEB apliquei um instrumento de avaliação/recolha de informação como ferramenta de auxílio para, juntamente com o professor cooperante, fazer a avaliação final de período aos alunos. Esta intervenção teve um carisma mais teórico e, tal como referem Batista, Carvalho & Ribeiro (2007):

a sala de aula pode ser considerada um precioso espaço de desenvolvimento teórico, pois nesta, além do processo de ensino e aprendizagem professor-estudante, pode-se ainda construir dentro dela novas teorias, métodos e práticas de ensino. Nesta ótica professores e estudantes além de atores do processo de educação, podem tornar-se roteirista e diretores de como este deve ocorrer. (p. 412)

No que diz respeito á minha intervenção pedagógica no 3º CEB as minhas sessões letivas foram planeadas segundo as duas atividades já previamente planeadas pelo professor cooperante e pela escola. Estas atividades, nomeadamente a festa de comemoração do 25 de Abril, realizada dia 24 de Abril, e a Missa Pascal que decorreu no dia 7 de Maio.

2.2 Contexto da Intervenção

A intervenção decorreu ao longo dos três estágios pedagógicos, no 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico. Estes decorreram de 28 de Outubro de 2013 até 15 de Maio de 2014 na escola EB 1,2,3 Augusto Moreno.

Os alunos participantes nos meus estágios foram 50, nos quais 27 eram de 1º CEB, 17 de 2º CEB e 6 do 3º CEB. É importante referir que o professor cooperante esteve sempre presente em todas as atividades e em todas as sessões letivas.

O processo de investigação, reflexão, planificação e ação foi sempre reforçado com os programas e planificações dos estágios. Todas as sessões letivas foram realizadas em regime de sala de aula, mas algumas atividades foram levadas para fora da sala de aula e até mesmo da própria escola.

2.3 Fases da Intervenção

No que respeita a minha intervenção pedagógica e na fase de responsabilização², esta dividiu-se em três etapas: planificação, intervenção pedagógica e avaliação/reflexão. A primeira etapa desta decorreu para o 1º CEB nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2014, no 2º CEB decorreu nos meses de Setembro e Outubro de 2013 e no 3º CEB decorreu nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2014. Nesta primeira fase fiz toda a pesquisa documental e bibliográfica, formulando os objetivos e as metas de aprendizagem a atingir, tal como a planificação e a preparação da intervenção pedagógica em cada uma das PES dos Ciclos de Ensino Básicos.

Após esta pesquisa idealizei e desenvolvi a planificação geral das sessões letivas tendo sempre uma lista de verificação como registo de observação. Durante a PES, as planificações diárias foram sendo realizadas com base nos conteúdos do programa da disciplina de EM, nas dificuldades e nos progressos de cada turma.

² Entenda-se que a Prática de Ensino Supervisionada pressupõe a intervenção em três fases: a fase de observação (acontece quando o estagiário se introduz ao contexto escola); a fase de cooperação (acontece quando o estagiário coopera com o Professor Cooperante); a fase de responsabilização (acontece quando o estagiário assume a responsabilidade de lecionar as sessões letivas).

A segunda etapa, denominada pela fase de intervenção, decorreu para o 1º CEB nos meses entre Fevereiro e Maio de 2014, no 2º CEB entre os meses de Outubro de 2013 e Janeiro de 2014, e no 3º CEB entre os meses de Fevereiro e Maio de 2014. Nesta fase apliquei tudo o que delineeii na primeira fase (planificação) e procedi à recolha de dados, usando no 3º CEB um questionário fechado sobre o funcionamento da disciplina de EM.

Nas três PES, 10 horas foram dedicadas para a observação das sessões letivas, 20 horas foram para cooperação letiva e 30 horas para responsabilização pela docência.

Na última etapa da intervenção, avaliação/reflexão, realizei o tratamento e a análise de todos os dados recolhidos durante a fase de intervenção.

2.4 Instrumentos de Recolha de Dados

O processo de recolha de dados nesta PES foi realizado através de três ferramentas: observação direta participante utilizando uma lista de verificação, ficha de avaliação e questionário. No 1º CEB não foram aplicados nenhum desses processos uma vez que fora realizado em regime de aula extra curricular e não se aplicava a avaliação aos alunos. Neste Ciclo, a reflexão sobre a *práxis* foi realizada através das minhas reflexões diárias. No 2º CEB foi aplicada a lista de verificação e a ficha de avaliação enquanto que no 3º CEB foi aplicada a lista de verificação e o questionário.

2.4.1 Observação Direta Participante

Observação direta participante é considerada por (Fortin, 2009) como uma das formas mais viáveis quando se pretende estudar o comportamento das pessoas na qual o investigador está implicado na participação e pretende compreender determinado fenómeno em profundidade. Na minha intervenção pedagógica, a observação direta foi realizada, utilizando uma lista de verificação, de modo a recolher parâmetros (comportamento, assiduidade, material) (anexo 1) que faziam parte dos critérios de avaliação final. A observação realizada foi uma observação participante uma vez que não me limitei apenas a observar, mas também adotei o papel de professora e dinamizadora das atividades.

No final de todas as sessões letivas de responsabilização pela docência, elaborei uma reflexão pessoal descrevendo as atividades da aula, a sua metodologia, o comportamento dos alunos e as suas dificuldades perante as atividades. Estas reflexões serviam para registrar os objetivos cumpridos e não cumpridos, as estratégias que resultaram e as que falharam, de modo a que tudo isto fosse modificado nas aulas seguintes.

2.4.2 Inquérito por Questionário

O questionário é uma técnica de recolha de dados constituído por um conjunto de questões abertas, fechadas ou semiabertas apresentadas em formato escrito. A aplicação de um inquérito por questionário facilita, segundo Afonso (2005), “converter a informação obtida dos inquiridos em dados pré-formatados, facilitando o acesso a um número elevado de sujeitos e a contextos diferenciados” (p. 101).

Na minha PES apliquei um questionário (anexo 2) aos alunos do 3º CEB que era constituído por questões fechadas, breves, claras e sucintas. Os objetivos deste questionário eram dois: a obtenção da opinião dos alunos no que diz respeito às apresentações multimédia, à clareza dos conteúdos, ao seu interesse nas atividades e ao formato das aulas e a reflexão da minha prática docente.

2.4.3 Ficha de Avaliação Sumativa

A ficha de avaliação sumativa é um dos requisitos obrigatórios na avaliação sumativa que não serve apenas para atribuição de uma nota ou classificação final, mas é sim um modo de saber se os conteúdos lecionados enquadrantes na ficha foram interiorizados (Fernandes, 2004). Na Educação Musical, o importante deveria ser a aprendizagem dos alunos, o processo, e não o resultado das mesmas porque as aprendizagens são reguladas pelos alunos e estes não devem ser vistos apenas como recetores de informação, mas sim como sujeitos capazes de construir a sua própria aprendizagem (Fernandes, 2004). Como refere o decreto-lei de 2001, “a avaliação constitui um processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e

certificador das diversas aquisições realizadas pelo aluno ao longo do ensino básico” (Decreto-lei n.º 6/2001, Art. º12.º, n.º 1).

Na minha intervenção educativa realizei no 2º CEB uma ficha de avaliação sumativa (anexo 3) com dois objetivos, ter resultados sobre os conteúdos lecionados por mim na PES e obter mais dados classificativos para atribuir a nota final de período aos alunos. Isto vem em concordância com o que refere Zabalza (2000) para o qual a avaliação tem duas grandes funções: uma de carácter informativo sobre o processo educativo e outra de carácter valorativo sobre os resultados obtidos no decorrer do procedimento do ensino e da aprendizagem.

A avaliação não deve ser o produto final e deve adaptar-se às necessidades das disciplinas pois tal como refere o documento do Ministério da Educação:

A avaliação, constituindo-se como um processo regulador do ensino, é orientadora do percurso escolar e tem por objetivo a melhoria da qualidade do ensino através da aferição do grau de cumprimento das metas curriculares globalmente fixadas para os níveis de ensino básico. Esta verificação deve ser utilizada por professores e alunos para, em conjunto, suprir as dificuldades de aprendizagem. A avaliação tem ainda por objetivo conhecer o estado geral do ensino, retificar procedimentos e reajustar o ensino das diversas disciplinas em função dos objetivos curriculares fixados. (Despacho normativo n.º 24-A/2012)

Em modo conclusivo, a avaliação é uma ferramenta muito importante para todos os professores, mas principalmente para aqueles que se encontram em início de carreira uma vez que lhes permite também refletir sobre as suas próprias ações, estratégias e métodos de ensino.

2.5 Síntese

Neste capítulo foi descrita a metodologia na qual a minha PES se baseou, juntamente com o contexto na qual esta se desenvolveu e os instrumentos de recolha de dados utilizados. Estes serviram para que eu fosse recolhendo informação durante a minha intervenção, para posteriormente poder analisar esses dados da prática letiva.

CAPÍTULO III – ORGANIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

3.1 Organização da Prática de Ensino Supervisionada

Neste capítulo será contextualizado e caracterizado o meio escolar, a escola, as salas de aula e as turmas. É de salientar que as três PES ocorreram na Escola Básica 1,2,3 Augusto Moreno sobe a supervisão e cooperação do professor Artur Fernandes.

O 1º CEB teve início a 11 de Fevereiro de 2014 e terminou a 14 de Maio de 2014, o 2º CEB teve início a 28 de Outubro de 2013 e terminou a 31 de Janeiro de 2014 e, o 3º CEB teve início a 12 de Fevereiro de 2014 e terminou a 15 de Maio de 2014. Nestes Ciclos a PES dividiu-se em três momentos, aulas de observação, aulas de cooperação e aulas de responsabilização pela docência. Na tabela seguinte encontra-se o calendário de intervenção das três PES que será descrito de seguida.

No total, a PES no 1º CEB foi constituída por 19 aulas de 90 minutos, sendo cinco aulas de observação, oito de cooperação e seis aulas de responsabilização pela docência. Em relação ao 2º CEB, este foi constituído por seis aulas de observação, doze de cooperação e onze aulas de responsabilização pela docência. Relativamente ao 3º CEB, este foi composto por cinco aulas de observação, oito de cooperação e sete aulas de responsabilização pela docência. No 1º CEB e no 3º CEB as aulas eram de 90 minutos uma vez por semana, mas no 2º CEB as aulas eram de 45 minutos duas vezes por semana.

3.2 Caracterização do Contexto Educativo

Neste subcapítulo será descrita a contextualização do meio escolar, a caracterização da escola e das turmas nas quais realizei as três PES. Algumas das informações relativas à escola foram cedidas pela mesma, e as informações das turmas foram cedidas pelas professoras titulares das mesmas.

3.2.1 Contextualização do Meio Escolar e da Escola

No subcapítulo seguinte, o 3.2.1.1, todas as informações referentes ao meio escolar e à Escola provêm do *website*: <http://www.aeabadebacal.pt/index.php/historial#EscolaAugustoMoreno>, de informações pessoais e de informações requeridas ao diretor da escola e ao professor cooperante. Estas também resultam de uma pesquisa *in loco* durante a fase de observação da PES, com o objetivo de saber do projeto da escola, das instalações, das condições de ensino, da localização, entre outros.

3.2.1.1 1º Ciclo do Ensino Básico, 2º Ciclo do Ensino Básico e 3º Ciclo do Ensino Básico

A Escola Básica 1,2,3 Augusto Moreno situa-se na Avenida General Humberto Delgado 5300-167 Bragança, em frente ao Centro Regional de Segurança Social, relativamente perto do Centro de Saúde, da Policia de Segurança Pública, dos Bombeiros, da Câmara Municipal, entre outros³.



Figura 1 - Localização da Escola Básica 1,2,3 Augusto Moreno

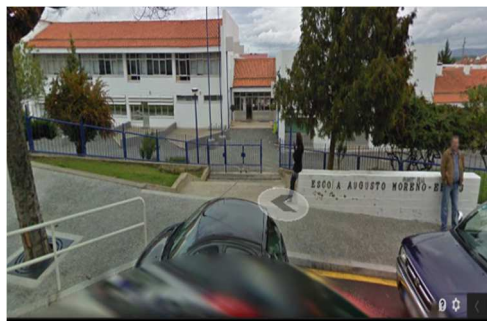


Figura 2 - Vista de frente da Escola Básica 1,2,3 Augusto Moreno

³Informação retirada do *website*: <http://www.aeabadebacal.pt/index.php/historial#EscolaAugustoMoreno> –
acedido a 20 de Setembro de 2014



Figura 3 - Vista de cima da Escola Básica 1,2,3 Augusto Moreno

Esta escola está rodeada por um grande recinto, contendo várias árvores e plantas, um grande campo vedado de desporto e outro campo não vedado de futebol, balneários exteriores e um pequeno anexo. Toda a escola é rodeada por grades de pequena altura, o que não assegura a permanência dos seus alunos dentro das instalações, tal como não impede elementos estranhos à escola que entrem. A escola possui quatro portões de entrada/saída, sendo que o portão principal se encontra de frente às instalações e encontra-se aberto durante as horas de expediente da escola e sempre com vigilância. Nas instalações da escola encontra-se um parque próprio privado, apenas para docentes, funcionários e encarregados de educação, com uma larga área para satisfazer as necessidades dos seus utentes⁴.



Figura 4 - Parque de estacionamento da Escola Básica 1,2,3 Augusto Moreno

⁴ Informação retirada do *website*: <http://www.aeabadebacal.pt/index.php/historial#EscolaAugustoMoreno>
– acedido a 20 de Setembro de 2014

Informação cedida pelo Diretor da Escola 1,2,3 Augusto Moreno

O edifício principal da escola é constituído pela cantina, o bar, dois anfiteatros, várias salas de aulas, uma sala de informática bem equipada, dois ginásios interiores, biblioteca, área de convívio circundante ao bar, entre outros. Existem três salas com quadro interativo, uma sala de ciências com computadores e um dos auditórios também possui quadro interativo. Tem salas de aula para crianças com dificuldades educativas especiais, sendo que estas estão equipadas às suas necessidades. A dimensão das salas de aula varia, o que por vezes dificulta a docência pois no caso das salas de aula de música, estas são muito reduzidas para algumas atividades e para o número elevado de alunos por turma. As salas de música possuem um computador fixo, com os respetivos altifalantes, com internet e um projetor de teto.

O agrupamento Abade Baçal, com a sua sede na Escola Secundária Abade Baçal, abrange várias escolas com um nível etário compreendido entre os 3 e 17 anos, numa extensão do Pré-Escolar até ao 9º ano. Possui também cursos EFA (Cursos de Educação e Formação de Adultos), integrados no programa Novas Oportunidades em que a idade dos alunos varia entre os 18 e os 65 anos. Este agrupamento é constituído pela Escola Secundária Abade de Baçal, pela Escola EB 1,2,3 Augusto Moreno, pela Escola EB de Izeda, por 6 escolas básicas do 1º Ciclo (Escola Básica nº 6 - Toural, Escola Básica nº 7 – Cantarias, Escola Básica nº 8 – Artur Mirandela, Escola Básica nº 9 – Mãe d'Água, Escola Básica de Parada e Escola Básica de Rossas) e por cinco jardins-de-infância (Jardim de Infância da Estação, Jardim de Infância de Rossas, Jardim de Infância de Parada, Jardim de Infância de Salsas e Jardim de Infância de Izeda)⁵.

As três PES tiveram o Professor Artur Fernandes como professor cooperante. Foi benéfico para mim enquanto docente em início de carreira e principalmente estando em PES sem experiência alguma anterior, ter tido o professor Artur Fernandes nas três PES, o que me permitiu uma aprendizagem concisa nos 3 CEB. Assim, o método de ensino teve sempre uma linha condutora uma vez que o professor cooperante foi o mesmo.

⁵ Informação retirada do *website*: <http://www.aeabadebacal.pt/index.php/historial#EscolaAugustoMoreno>
– acedido a 20 de Setembro de 2014

3.2.2 Caracterização das Salas de Aula

As salas de aula onde decorreram as três PES foram duas, a nº 33 e a nº 34, sendo que a sala nº 34 era aproximadamente metade do tamanho da sala nº 33. Todo o equipamento musical encontra-se na sala nº 33, onde existe uma arrecadação com os instrumentos lá guardados.

A sala nº 34, onde decorreram algumas das aulas do 2º CEB, possui muitas mesas para o reduzido espaço, o que impede os alunos de estarem totalmente e deixa livre, apenas, um pequeno corredor central, rodeado de mesas. Esta disponibiliza 13 mesas para os alunos e uma mesa para o docente, um computador fixo na mesa do docente, uma pequena aparelhagem situada num pequeno espaço no canto esquerdo da parede, por cima da mesa do docente. Há também um projetor de teto fixo, dois quadros, sendo um de giz e o outro branco, para ser utilizado com marcadores, servindo também de tela para o projetor.

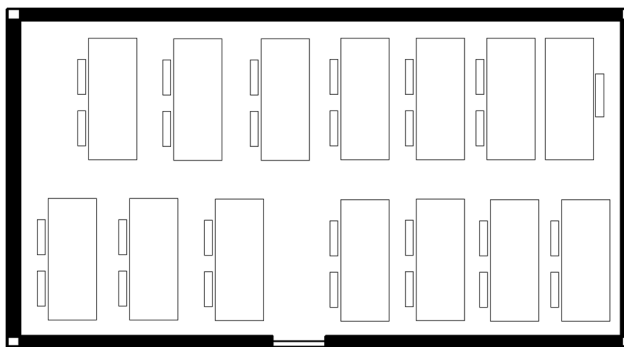


Figura 5 - Planta da sala de aula nº 34 da Escola Básica 1,2,3 Augusto Moreno

A sala nº 33 está melhor equipada do que a sala nº 34, tanto em termos de espaço, como em termos de instrumentos musicais e de acústica, uma vez que a sala é revestida por cortiça, isolando-a sonoramente. Esta permite a realização de atividades que requerem mais espaço, uma vez que é ampla, e incorpora a arrecadação com os instrumentos musicais.

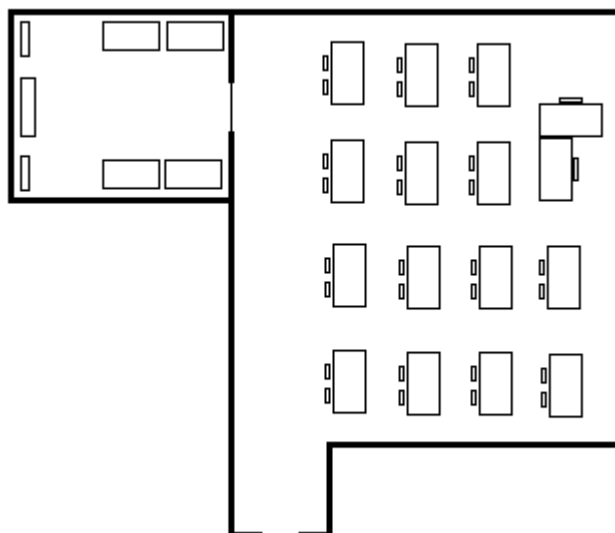


Figura 6 - Planta da sala de aula nº 33 da Escola Básica 1,2,3 Augusto Moreno

Esta é constituída por 16 mesas de sala de aula para os alunos e 2 para o docente, um quadro a giz pautado, um quadro branco de marcadores, um computador fixo com os respetivos altifalantes, um projetor de teto e uma tela de projeção, sendo que geralmente a multimédia era projetada no quadro branco.

A tabela seguinte demonstra alguns dos instrumentos existentes nesta sala.

Tabela 1 – Instrumentos da sala de aula nº 33

<i>Instrumentos Sala nº 33</i>	Cavaquinhos	Guitarra Acústica
	Flautas de Bisel	Melódicas
	Xilofones	Metalofones
	Jogos de sinos	Castanholas
	Reco-Reco	Triângulo
	Maracas	Bombos
	Tamborim	Teclado

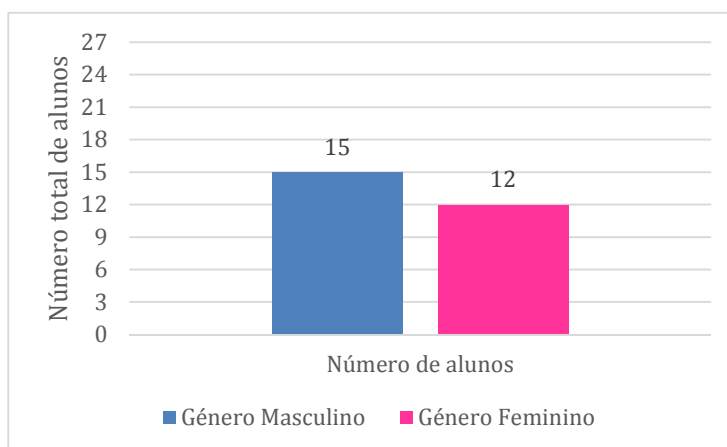
Existem instrumentos de lâminas tais como os xilofones os metalofones e os jogos de sinos, que são em bastante quantidade, mas que já estão degradados, estragados e sem bastantes lâminas. Apesar da fraca condição dos instrumentos, é de salientar que mesmo assim é benéfico para os alunos terem estes instrumentos pois permite o contato, a vivência e a experiência com os mesmos, que de modo contrario não teriam.

3.2.3. Caracterização da Turma

3.2.3.1. Turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico

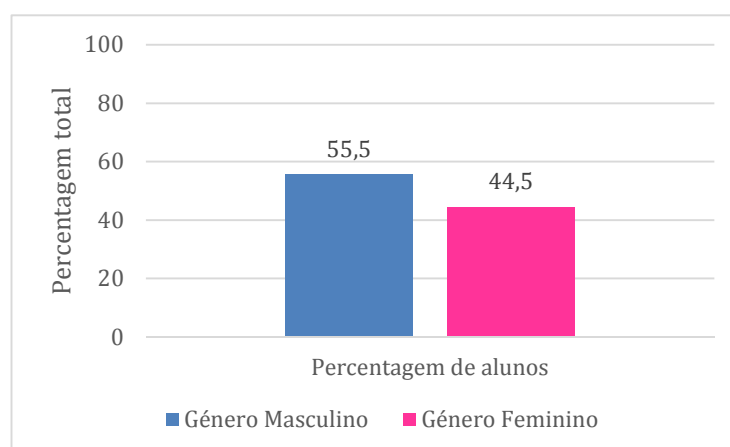
A turma do meu 1º CEB era constituída por 27 alunos, 12 do género feminino e 15 do género masculino, com idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos, sendo a média de idades de 8,5 anos. O gráfico abaixo demonstra o número de alunos distribuídos por género.

Gráfico 1 – Distribuição dos alunos por género



A turma apresenta uma percentagem muito próxima sendo que possui 44,5% de raparigas e 55,5% de rapazes (ver gráfico 2). A idade máxima é mais elevada devido ao facto de existirem 2 alunos repetentes, um com 10 e outro com 11 anos. É de salientar que esta turma era constituída por 2 turmas conjuntas, uma do 1º ano e outra do 2º ano, sendo que havia alunos que já sabiam ler e outros que não, o que dificultou um pouco lecionar certos conteúdos pois não podia recorrer à leitura direta no quadro.

Gráfico 2 – Percentagem dos alunos distribuída por género

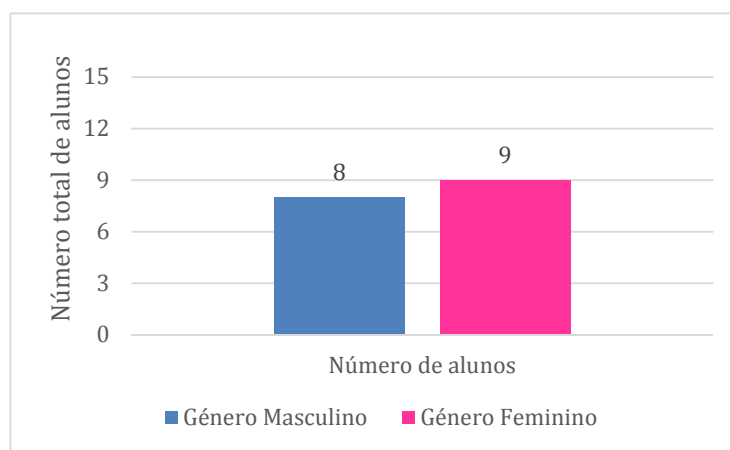


De modo a obter uma caracterização mais fidedigna da turma em questão, solicitei à professora titular da turma algumas informações. Apesar do contacto com a informação do contexto sociocultural este não é aplicada uma vez que é minha intenção salvaguardar a identidade dos alunos e dos respetivos pais. Este método foi utilizado nos três CEB.

3.2.3.2. Turma do 2.º Ciclo do Ensino Básico

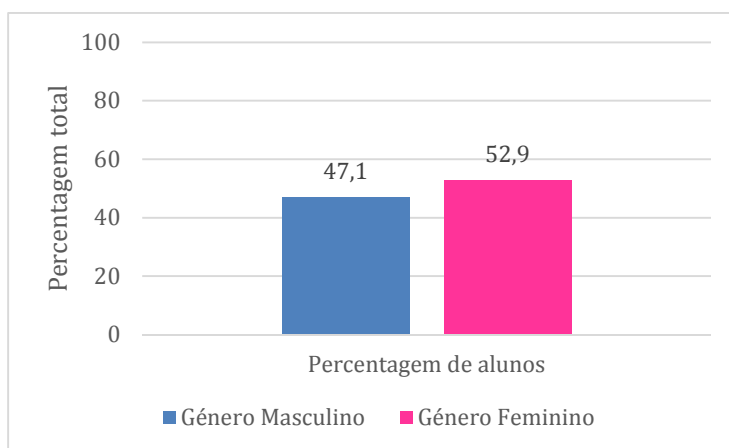
A turma do 2º CEB era um 5º ano e era constituída por 17 alunos, sendo 9 do género feminino e 8 do género masculino, com idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos, sendo a média de idades 11,5 anos. O gráfico abaixo faz a relação do número de alunos distribuídos por género.

Gráfico 3 – Distribuição dos alunos por género



A turma apresenta uma percentagem muito próxima sendo que possui 52,9% de raparigas e 47,1% de rapazes (ver gráfico 4).

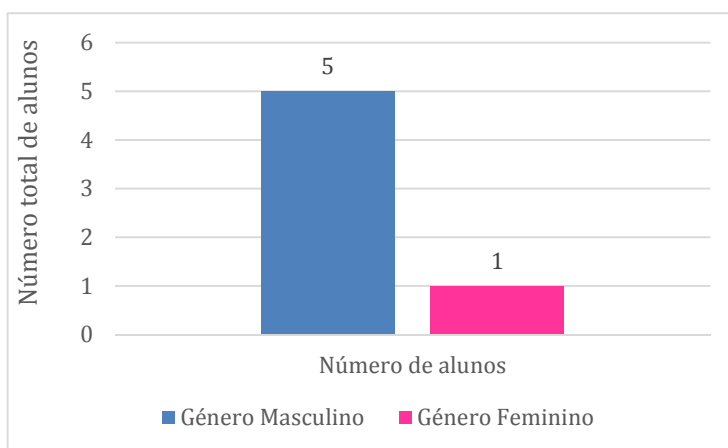
Gráfico 4 – Percentagem dos alunos distribuída por género



3.2.3.3. Turma do 3.º Ciclo do Ensino Básico

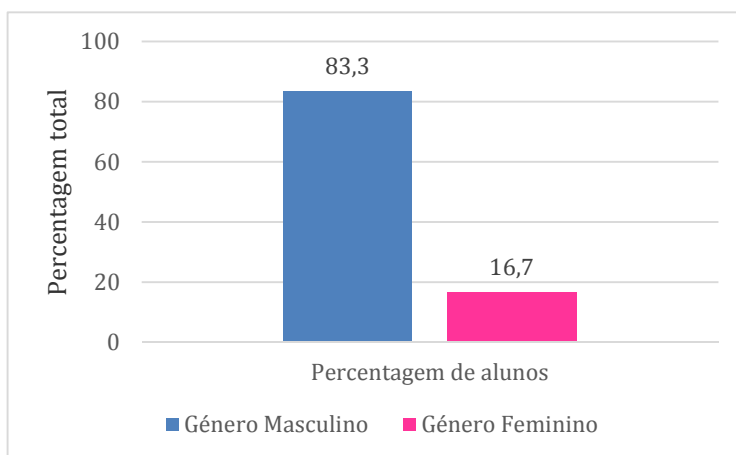
A turma do meu 3º CEB era um 8º ano e era constituída por 6 alunos, uma vez que era uma turma dividida, na qual os alunos se dividiam para ter TIC e EM. A turma tinha 1 do género feminino e 5 do género masculino, com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos, sendo a média de idades 14,5 anos. O gráfico abaixo faz a relação do número de alunos distribuídos por género.

Gráfico 5 – Distribuição dos alunos por género



A turma apresenta uma percentagem muito dispare pois apenas existe uma rapariga e 5 rapazes, e é constituída por 16,7 % de raparigas e 83,3 % de rapazes (ver gráfico 8). A máxima de idade é mais elevado devido ao facto um aluno advir de outro país. Nesta turma havia também um aluno com necessidades educativas especiais (NEE), mas segundo a diretora de turma, este não necessitava de ser monitorizado.

Gráfico 6 – Percentagem dos alunos distribuída por género



3.3. Síntese do Trabalho Desenvolvido

A PES no 1º CEB teve início com um período de observação na qual apenas me limitava a observar as aulas, a turma e o professor. De seguida surgiu o período de cooperação no qual auxiliava o professor cooperante nas suas aulas em tudo o que este pedisse e necessitasse. Por fim seguiu o meu período de responsabilização pela docência na qual iniciei a minha intervenção pedagógica. Esta intervenção consistiu no desenvolvimento de um projeto, já elaborado pela escola e pelo departamento de EM, que interligou várias áreas disciplinares do 1º CEB. Este projeto intitulou-se de “O Macaco de Rabo Cortado” o qual vai ser descrito no capítulo seguinte.

CAPÍTULO IV – EXPERIÊNCIAS DE ENSINO- APRENDIZAGEM NO ENSINO BÁSICO

4.1 Contextualização das Experiências de Ensino- Aprendizagem

Neste capítulo irei relatar o trabalho desenvolvido no 1º, 2º e 3º CEB na Escola 1,2,3 Augusto Moreno. As três PES tiveram lugar entre Outubro de 2013 e Maio de 2014 e foram realizadas com a turma AM 2 no 1º CEB, com a turma 5º Z no 2º CEB e com a turma 8º A no 3º CEB. É de notar que o nome das turmas referidas neste relatório são turmas fictícias de modo a salvaguardar a identidade dos alunos.

4.1.1 No 1º Ciclo do Ensino Básico

A PES no 1º Ciclo do Ensino Básico teve início a 11 de Fevereiro de 2014 e terminou a 14 de Maio de 2014 e a qual começou com um período de observação de modo a poder visualizar os conteúdos programáticos, os conhecimentos musicais, a dinâmica e o conhecimento geral da turma para depois ajudar na minha intervenção pedagógica. Neste ciclo já estava definida, pelo professor cooperante e pela escola, uma atividade de final de ano, baseada em um teatro musical, pelo que as experiências de ensino-

aprendizagem tiveram de ser adaptadas para essa atividade que integrava vários departamentos do 1º Ciclo. As minhas aulas foram planeadas com base nas canções integrantes no teatro musical. Este teatro foi baseada no livro de António Torrado, intitulado “O Macaco de Rabo Cortado” e foi adaptado musicalmente pelo professor Artur Fernandes.

6

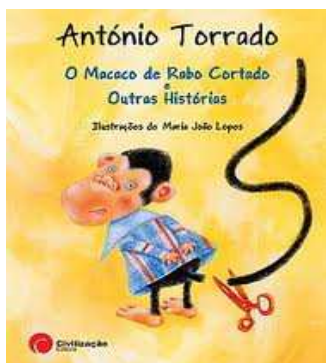


Figura 7- Capa da história do Macaco de Rabo Cortado

Nesta adaptação, as canções trabalhadas por mim para o teatro foram:

- I – Minha Avó Mandou-me à Rua;
- II – Rabo Cortado;
- III – Tiroliroliro;
- IV – Tenho Cinco Reis;
- V – Peixeira;
- VI – Padeiro;
- VII – Lencinho;
- VIII – Beijinhos;
- IX – Violeiro;
- X – Macaco Mariola;

⁶ Disponível em: <http://www.fabulasecontos.com/o-macaco-de-rabo-cortado/>. Acedido a 11 de Janeiro de 2015.

XI – Kikiriki eu vi eu vi;

XII – Canção do Macaco Trocista;

XIII – Surriada do Povo;

XIV – Um Macaquinho Janota (anexo 4)

As canções tinham como acompanhamentos instrumentais guitarra acústica, flauta de bisel, xilofone alto, jogo de sinos e bombo. Inicialmente ensinei a letra oralmente, duas frases de cada vez, até os alunos a interiorizarem repetindo várias vezes. De seguida e auxiliando-me com a guitarra acústica, adicionei a letra com a melodia, e quando esta estava interiorizada juntei a flauta de bisel. Repetimos tudo várias vezes até estar totalmente assimilado. Este processo de ensino pode remeter para a abordagem metodológica de Carl Orff.

Juntamente com a parte musical, havia também uma parte coreográfica que estava encarregue às professoras do 1º ciclo e que, com a parte instrumental, completavam as músicas para a festa. No final das canções e após estas estarem devidamente interiorizadas pelos alunos, as professoras do 1º ciclo juntaram-se a nós e ensinaram/praticaram as coreografias das canções com os alunos. Enquanto isto tomava lugar, eu continuei com o grupo de alunos que cantava e tocava no teatro para assim os alunos terem uma noção global do teatro e assim ensaiar tudo junto.

É de salientar que esta turma era constituída por duas turmas conjuntas, uma do 1º ano e outra do 2º ano, sendo que havia alunos que já sabiam ler e outros que não, o que dificultou um pouco lecionar certos conteúdos pois não podia recorrer à leitura direta no quadro.

Neste teatro musical integravam todas as turmas de 1º ciclo, as quais se reuniam todas na minha aula, tendo eu assim que trabalhar com mais de cinquenta alunos o que embora difícil, tornou esta experiência gratificante uma vez que foi de louvar observar como crianças tão novas conseguem efetuar tantas tarefas ao mesmo tempo como tocar, cantar, dançar e ainda memorizar as falas teatrais. Este teatro teve lugar no dia 7 de Maio de 2014 no Teatro Municipal de Bragança e correu muito positivamente.

Ainda durante a PES neste ciclo, realizei outras atividades diversificadas com os educandos, nomeadamente mímica musical, em que os alunos, ao som de músicas do mundo, primeiro sozinhos, depois a pares e finalmente em grupo, tinham de representar fisicamente aquilo que estavam a ouvir. Isto serviu para despertar a imaginação deles, dinamizar as aulas e criar atividades em grupo. Este género de atividades foram também realizadas com instrumentos de percussão como uma pandeireta, em que os alunos estavam em pares, e eu marquei oito tempos, e durante esses 8 tempos o aluno nº 1 do par realizava uma “conversa corporal” com o nº 2, e após um período de silêncio, e novamente durante oito tempos, o aluno nº 2 “respondia” ao nº 1 mediante aquilo que ele tinha feito anteriormente. Para finalizar, realizavam todos os pares uma conversação em simultâneo e depois trocaram de pares. Este tipo de atividades remontam para a audição ativa que se engloba na abordagem metodológica de Émile-Jacques Dalcroze. Para além de atividades dinamizadoras, ensinei também conteúdos musicais, tal como notas na flauta de bisel e notas no pentagrama⁷. Realizei exercícios escritos para identificação de notas (figura 8) em que eu escrevia no quadro, os alunos passavam para o caderno e depois escreviam por baixo de cada nota o seu respetivo nome. Depois de identificadas as notas, toquei os exercícios na guitarra acústica e pedi para eles cantarem, sempre com um andamento lento e repetindo várias vezes as notas. Inicialmente cantavam um compasso de cada vez com uma pausa de quatro tempos entre compasso e no final cantavam toda a linha melódica.



Figura 8 - Exercícios escritos de identificação de notas

⁷ Pentagrama é um sinónimo de pauta musical.

Realizei ainda atividades orais, em que eu dizia o nome das notas e os alunos tinham de as colocar corretamente no pentagrama. De seguida tocavam na flauta de bisel os exercícios, treinando assim a leitura de notas e a dedilhação da flauta.

No final destes exercícios pedia sempre aos alunos que se voluntariassem para ir ao quadro e escrevessem notas para os colegas identificarem e tocarem. Os alunos mostraram-se sempre muito participativos nestas atividades.

4.1.2 No 2º Ciclo do Ensino Básico

A PES no 2º ciclo do Ensino Básico teve início a 28 de Outubro de 2013 e terminou a 31 de Janeiro de 2014 e na qual as aulas se dividiam em dois dias semanais.

Esta teve início com um período de observação em que apenas me limitei a observar a turma, o ambiente e a forma como o professor cooperante dava as aulas, juntamente com os conteúdos lecionados nessas aulas. No período de cooperação, dei as aulas juntamente com o professor cooperante, ajudando sempre no que fosse necessário, maioritariamente a lecionar os conteúdos que este já tinha planeado, tal como fazer exercícios no quadro, acompanhar com a guitarra e cantar as músicas da respetiva aula, entre outros. Na fase de responsabilização o planeamento e a leção das aulas ficou inteiramente ao meu critério, embora o professor cooperante me auxiliasse em alguns conceitos e na realização das planificações. Os conteúdos lecionados foram definidos tendo como base a planificação da disciplina de EM baseada no programa de Educação Musical do 2º CEB proveniente do Ministério de Educação.

As aulas de responsabilização tiveram início dia 9 de Dezembro de 2013 e terminaram dia 30 de Janeiro de 2014. Nesta PES existiam documentos os quais serviram de linhas condutoras, uma vez que este ciclo tem um programa próprio. Esses documentos foram a espiral dos níveis e conceitos, a qual integra desde o nível I até ao nível VI, abordando conceitos como timbre, dinâmica, altura, ritmo e forma (anexo 5). O programa da disciplina de EM do 5º ano de escolaridade está dividido em cinco conceitos gerais já acima referidos, cada um com vários conteúdos disciplinares, como podemos observar na tabela seguinte.

Tabela 2 – Conceitos e conteúdos disciplinares de EM do 5º ano de escolaridade⁸

Conceitos	Conteúdos Disciplinares
Timbre	<ul style="list-style-type: none"> - Fontes sonoras; - Instrumentos de sala de aula ou Instrumental <i>Orff</i>; - Timbres semelhantes e contrastes; - Famílias tímbricas; - Mistura tímbrica; - Instrumentos de orquestra; - Combinação tímbrica.
Ritmo	<ul style="list-style-type: none"> - Ritmos corporais; - Pulsação; - Sons curtos e sons longos; - Andamentos: rápido, lento, moderado, acelerando e retardando; - Figuras rítmicas: semínima, colcheia, mínima, semibreve e pausa; - Ponto de aumentação; - Compassos binário, ternário, quaternário e anacrusa.
Dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> - Forte, meio-forte e piano; - Crescendo e diminuendo; - Pianíssimo e fortíssimo.
Altura	<ul style="list-style-type: none"> - Sons de altura definida e indefinida; - Registos agudo, médio e grave; - Pauta, clave e escrita musical; - Melodia e linhas sonoras; - Linhas horizontais e verticais; - Escala pentatónica (Dó Maior); - Melodia e harmonia; - Escala diatónica (Dó Maior); - Melodias simples com flauta e instrumental <i>Orff</i>.
Forma	<ul style="list-style-type: none"> - Elementos repetitivos; - Ostinato; - Imitação e cânone; - Forma AB e ABA.

⁸ Informação retirada da Planificação Anual de Disciplina de Educação Musical do 5º ano de escolaridade.

Do dia 9 de Dezembro de 2013 até ao dia 16 de Dezembro de 2013, dei continuação aos conteúdos dados pelo professor cooperante que consistiam nas canções para a festa de Natal da escola, realizada no dia 17 de Dezembro de 2013.

As canções lecionadas por mim no dia 9, 12 e 16 de Dezembro para a festa foram a “Canção de Natal” (anexo 6), “Canção de Natal 2” (anexo 7) e “Natal de Évora” (anexo 8). Estas canções foram cedidas pelo professor cooperante. Os arranjos instrumentais e vocais foram idealizados por mim e pelo professor cooperante de modo a dinamizarmos as canções para os alunos tocarem na festa de Natal. Os instrumentos foram escolhidos por serem os mais conhecidos por parte dos alunos e por serem de fácil manuseamento.

Terminada a pausa letiva, denominada de férias de Natal, retornei a lecionar no dia 6 de Janeiro de 2014 em que ensinei os instrumentos de altura definida e indefinida. Iniciei a aula mostrando no programa informático *Prezi*, uma apresentação (anexo 9) sobre o que eram e quais eram os instrumentos de altura definida e indefinida, fazendo sempre perguntas relativas aos instrumentos que se encontravam na sala de aula, para que os alunos associassem visualmente os mesmos. Expus, juntamente com a sua imagem e significado, os chamados símbolos *Orff*, utilizados para discernir e identificar os vários instrumentos *Orff* que por norma são os convencionalmente utilizados em sala de aula. Depois da explicação oral e da associação visual destes instrumentos e dos seus respetivos símbolos, expus os instrumentos existentes na sala pedindo a sua definição de altura, nome e símbolo. No final da aula entreguei uma ficha não sumativa, apenas de conhecimento, aos alunos de modo a reforçar os seus conhecimentos sobre a matéria dada. De seguida mostro uma parte dessa ficha, encontrando-se na íntegra no anexo 10.



Figura 9- Excerto da ficha sobre instrumentos de altura definida/indefinida

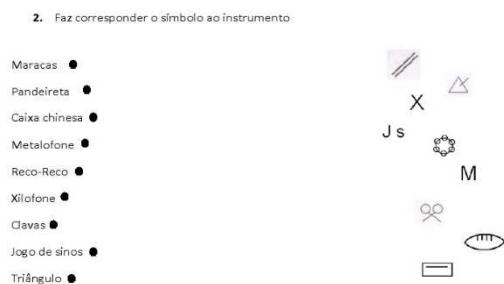


Figura 10 - Excerto da ficha sobre os símbolos dos instrumentos Orff

Todas as aulas iniciavam-se com alguns exercícios de notação musical, ritmo, entre outros, de modo a haver uma certa coerência na estrutura das aulas, e também porque eram conceitos com os quais os alunos estavam menos familiarizados e demonstravam maior dificuldade.

Na aula do dia 13 de Janeiro de 2014 revi os conceitos de simbologia *Orff* e a altura dos instrumentos utilizando uma ficha acompanhada de ficheiros áudio, os quais continham instrumentos que os alunos teriam de identificar auditivamente (anexo 11). Ainda neste dia lecionei/revi conceitos como intensidade e dinâmica, utilizando exercícios melódicos escritos no quadro em que eu interpretava e os alunos identificavam, e nos quais eu escrevia a dinâmica e estes tinham de identificar. Utilizei também a peça musical “Hino à Alegria” de Beethoven (anexo 12), alternando as dinâmicas para estes interpretarem na flauta de bisel, de modo a que estes executassem a mesma canção com dinâmicas diferentes (piano, meio-forte, forte, crescendo e diminuendo). No final da aula, pedi voluntários entre os alunos para que, enquanto um escolhia a dinâmica, os outros interpretavam, e sempre assim neste modelo.

No dia 20 de Janeiro, introduzi o conceito de percussão corporal e de ritmo, insistindo na improvisação e na imitação. Comecei por mostrar vídeos de percussão corporal, entre eles vídeos dos “Barbatuques”, um grupo brasileiro especialista em percussão corporal que usam várias partes do corpo inclusive a voz, e também vídeos com crianças da idade dos alunos, de modo a poderem identificar-se com estes. Após os vídeos, realizei alguns exercícios de percussão corporal, usando o estalo dos dedos, o bater das palmas e o bater no peito. Os exercícios iam variando e aumentando a sua dificuldade rítmica, sendo realizados pelos alunos através da imitação (anexo 13). No final pedi aos alunos que improvisassem exercícios de percussão corporal para os colegas de modo a incitar à improvisação e à criação.

No dia 23 de Janeiro introduzi o conceito de família dos instrumentos musicais, definindo o conceito de aerofones, membranofones, idiofones e cordofones. Utilizando uma apresentação multimédia *Prezi* (anexo 14), mostrei os vários instrumentos pertencentes a cada uma destas famílias, concentrando-me em maioria nos instrumentos que rodeavam os alunos de modo a estes conhecerem melhor aquilo com que trabalham. Para além destes, mostrei ainda instrumentos raros e de outros países, os quais os alunos mediante as suas respostas e espanto não tinham conhecimento da sua existência. Para tal, utilizei vídeos, mostrando o timbre desses instrumentos, juntamente com a forma correta de se tocarem. Para finalizar mostrei também vídeos dos instrumentos raros e desconhecidos para os alunos, pedindo que integrassem estes e outros instrumentos não mencionados nos vídeos, nas respetivas famílias de instrumentos.

Na aula seguinte, do dia 27 de Janeiro, utilizando duas canções do manual escolar de EM dos alunos, uma instrumental e uma apelidada “Canção do Adeus” (anexo 15). Assim, utilizando estas canções como recurso, revi a escala de Dó Maior na flauta de bisel, sendo esta a escala mais utilizada pelos alunos nas aulas. As canções foram introduzidas individualmente através dos respetivos áudios, fornecidos pelos manuais escolares. Após esta exposição, distribuí as partituras das canções e revi-as com os alunos, uma vez que estas eram constituídas apenas por notas e figuras rítmicas já anteriormente apreendidas pelos alunos. Utilizei estas músicas para explicar e introduzir o conceito de anacruse, ponto de aumentação e o Ré agudo na flauta de bisel. De seguidas estes interpretaram as canções, com o auxílio das respetivas partituras, e com os áudios como suporte harmónico. No final pedi aos alunos que se voluntariassem para interpretar as canções de modo a avaliar se os conceitos introduzidos na aula foram interiorizados ou não.

Na aula do dia 30 introduzi as canções para o Carnaval, uma vez que é tradição na escola Augusto Moreno que esta festividade se realize, tratando de juntar todos os alunos de EM e indo tocar na respetiva escola e na sede do agrupamento. As canções eram interpretadas utilizando a voz, o xilofone alto e a flauta de bisel, dividindo a turma, e na qual uns cantavam e outros interpretavam outras melodias na flauta de bisel e no xilofone alto. As canções introduzidas foram 3, “Olha o Carnaval”, “Viva o Carnaval” e “É Dia de Carnaval” (anexo 16). Primeiramente interpretei as canções, com ajuda de guitarra acústica como suporte harmónico, e cantei, para os alunos começarem a

interioriza-las. De seguida ensinei aos alunos as partes instrumentais na flauta de bisel e no xilofone, juntamente com a parte da voz. Primeiro juntei a parte da guitarra com a voz dos alunos, e depois de esta estar aprendida, juntei a parte da flauta de bisel e assim sucessivamente até poder trabalhar a canção na íntegra e com todas as respetivas partes.

O departamento de EM da Escola Básica 1,2,3 Augusto Moreno não tem uma ficha de avaliação implementada, pelo que a elaboração da mesma fica ao critério dos respetivos professores, guiando-se pelos critérios de avaliação do departamento. Assim, e em concordância com o professor cooperante, a realização da ficha de avaliação deste ciclo ficou ao meu critério (anexo 3) e na qual utilizei conceitos e conteúdos observados por mim durante o período de observação. A respetiva correção da ficha de avaliação pode ser consultada no anexo 16 do presente trabalho. A avaliação dos alunos abrangia não só esta ficha de avaliação, mas também a assiduidade, o comportamento, o empenho, entre outros. Para obter esta avaliação, idealizei uma tabela de registo de observação direta (anexo 1), na qual registrei com um “-“ aquelas componentes em falta dos alunos. O nome dos alunos encontra-se apagado para salvaguardar a identidade dos mesmos. A assiduidade era registrada na grelha por mim e pelo professor cooperante na pauta de presenças eletrónica da escola. O material escolar para a aula consistia na flauta de bisel, no caderno pautado de música, num lápis e numa caneta para escreverem. Assim terminou a minha PES no 2º CEB, foi a primeira PES que realizei, e na qual desenvolvi alguma capacidade e experiência pedagógica, o que me ajudou na PES dos outros Ciclos.

4.1.3 No 3º Ciclo do Ensino Básico

A PES no 3º ciclo do Ensino Básico teve início a 12 de Fevereiro de 2014 e terminou a 15 de Maio de 2014 e na qual no período de observação estudei a turma e a forma como o professor cooperante dava as aulas, juntamente com os conteúdos nelas lecionados. No período de cooperação dei as aulas juntamente com o professor cooperante, ajudando-o a desenvolver a planificação que já tinha preparada, aprontando os instrumentos para os alunos tocarem, ajudando-os com as dificuldades, acompanhando com a guitarra acústica ou o cavaquinho e ainda cantando as músicas trabalhadas durante as aulas.

Na fase de responsabilização, as aulas, o planeamento e a execução das mesmas ficou inteiramente ao meu critério, embora o professor cooperante me auxiliasse em

alguns conteúdos, a realizar as planificações e a escolher as músicas mais adequadas para as atividades já por ele planeadas para a turma.

As aulas de responsabilização pela docência tiveram início dia 26 de Março de 2014 e terminaram no dia 15 de Maio de 2014. Iniciei a minha responsabilização ensinando os alunos a tocar no cavaquinho, pois o objetivo seria fazer uma performance para comemorar o 25 de Abril e participar na missa pascal. Iniciei a aula com uma apresentação no programa *Prezi* (anexo 18) sobre música tradicional portuguesa, apresentando imagens de alguns géneros de música tradicional portuguesa como o rancho e os gaiteiros. Mostrei ainda aos alunos imagens com o mapa de Portugal com divisões das diferentes áreas em que se integram os diferentes instrumentos e os diferentes géneros de música portuguesa. Exibi também instrumentos típicos da zona de Trás os Montes, alguns dos quais os alunos terem dito não conhecer. De seguida mostrei as cifras ABCDEFG, inseridas na figura 11 para os alunos poderem interpretar e executar as canções uma vez que estas em vez de terem acordes tinham cifras.

9

A	B	C	D	E	F	G
LÁ	SI	DÓ	RÉ	MI	FÁ	SOL

Figura 11- Cifras ABCDEFG

Assim, estes aprenderem mais um código musical não convencional que hoje em dia na internet é o mais usado. Já com os instrumentos em mão, comecei por ensinar a música “A Caminho de Viseu” (anexo 19) com os acordes de menor dificuldade (Dó Maior e Sol Maior). Nas restantes músicas (anexo 20) utilizei o mesmo método que na música anteriormente descrita. Sempre com as cifras projetadas e o meu cavaquinho virado para os alunos para observarem as cifras no cavaquinho, ensinei os acordes de Dó Maior, Ré Maior, Ré Menor, Mi Maior, Fá Maior, Sol Maior, Lá Maior, Lá Menor, e Si Maior.

No dia 27 de Maio dei início à introdução das canções para a Missa Pascal, uma atividade integrante no calendário do agrupamento.

Antes de dar início à aula questionei os alunos sobre a sua religião, de modo a não forçar a presença de ninguém caso isso fosse contra a sua vontade ou a sua crença

⁹ Disponível em: <http://music-rall.no.comunidades.net/apostila-para-violao>. Acedido a 19 de Fevereiro de 2014.

religiosa. Depois de alguns minutos de conversa, nenhum dos alunos se opôs a esta atividade e à sua presença e participação na mesma, de modo que dei início à aula. Com a guitarra acústica toquei e cantei a canção “Deus Está Aqui” (anexo 21) para os alunos interiorizarem, a qual todos os alunos conhecia á exceção de um aluno. Os instrumentos que acompanhavam a canção eram: flauta de bisel, metalofone alto e xilofone alto, mas decidimos introduzir também cavaquinho pois um dos alunos pediu. Um aluno ofereceu-se para tocar bombo pois sentia-se mais à vontade com este instrumento, pelo que eu permiti, pelo que o ritmo do bombo foi criado na aula. Dois alunos escolheram a flauta de bisel, um aluno o bombo, um aluno o xilofone alto, um aluno o metalofone alto e um aluno o cavaquinho. Uma vez que eu tinha de me encontrar junto dos alunos para ensinar os vários instrumentos acima referidos, pedi ao professor cooperante que me auxiliasse e que tocasse guitarra acústica e me ajudasse a cantar.

Na aula do dia 4 de Abril iniciei a introdução das canções sobre o 25 de Abril para no dia 24 de Abril, uma vez que dia 25 era feriado e não havia aulas, realizarmos uma apresentação no bar da escola, junto da comunidade educativa da mesma. Algumas destas canções já eram conhecidas pelos alunos o que facilitou a exposição e interpretação vocal das mesmas. Por falta de tempo e também para dar ênfase às palavras das canções e não ao instrumental, estas apenas eram constituídas por voz, guitarra acústica, cavaquinho e bombo. Primeiramente ensinei aos alunos a canção “Somos Filhos da Madrugada (anexo 22), iniciando com a letra juntamente com a melodia e a guitarra acústica para suporte harmónico. De seguida, pegando no cavaquinho ensinei os acordes existentes na canção, juntando por fim a melodia. No final da aula e em discussão com os alunos, entendi que eles não tinham muito a noção de porque surgiu o 25 de Abril, nem qual o tipo de música que se interpretava nesta época.

Posto isto, no dia 23 decidi começar a aula com uma breve apresentação *PowerPoint* (anexo 23) sobre música de intervenção portuguesa e os seus músicos mais marcantes. De seguida, e durante essa aula, terminei de ensinar aos alunos as canções para a missa pascal (anexo 23) e as músicas para a comemoração do 25 de Abril, encontradas no anexo 25.

No dia 24 e de modo a situar historicamente os alunos para a atividade proposta, exibí uma breve apresentação *PowerPoint* (anexo 26) sobre a revolução do 25 de Abril, contendo o seu significado, lutas, relevâncias, músicos, entre outros. Os alunos

mostraram saber do que se tratava esta intervenção e as suas causas, o que formou um espaço de diálogo entre a turma. De seguida revi todas as músicas para a atividade de comemoração do 25 de Abril para depois de almoço ser realizada.

Nessa atividade, e para minha surpresa, os alunos de 1º ciclo tinham uma exposição e também uma atividade teatral sobre o 25 de Abril. Houve alunos e professoras que se juntaram a nós e participaram na nossa atividade, tornando-a assim numa atividade conjunta e de grupo.

No dia 30 de Abril, e tal como aconteceu na aula anterior, revi todas as músicas para a missa Pascal a realizar-se dia 7 de Maio utilizando a mesma metodologia da aula anterior. No final desta, entreguei um questionário (anexo 2) aos alunos sobre os conteúdos das aulas, as atividades realizados e o valor da música para estes. Este questionário tinha apenas o propósito de reunir informação sobre o funcionamento das aulas e saber a opinião dos alunos respetivamente às mesmas. Uma vez que a aula seguinte seria a minha última aula de PES, os alunos pediram-me para visualizar um filme. Depois de algum diálogo sobre vários filmes e documentários, estes escolheram o filme “*Copying Beethoven*” (figura 12), sobre a vida e obra do compositor.

10



Figura 12 - Filme:
Copying Beethoven

Dia 15 de Maio a aula foi baseada na visualização do filme anteriormente referido, do qual surgiram comentários e diálogos interessantes uma vez que os alunos apenas conheciam o compositor Ludwig Van Beethoven por algumas das suas obras e não pela sua vida. Estes acharam interessante o facto de o compositor ter padecido de surdez e ter continuado a compor.

¹⁰ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0424908/>. Acedido a 3 de Maio de 2014.

4.2 Projetos Dinamizados

Durante a minha PES nos três Ciclos do ensino básico realizei algumas atividades extracurriculares, os quais denominei de projetos dinamizados, que passo a descrever seguidamente. Os projetos dinamizados foram:

- 1 – 11 de Novembro de 2013 - Magusto da Escola
- 2 – 12 de Dezembro de 2013 - Quinteto de instrumentos de sopro (medley de Natal)
- 3 – 17 de Dezembro de 2013 - Festa de Natal da Escola
- 4 – 15 de Janeiro de 2014 - Reis/Janeiras
- 5 – 26 de Fevereiro de 2014 - Carnaval
- 6 – 01 de Abril de 2014 - Missa Estabelecimento Prisional
- 7 – 04 de Abril de 2014 - Projeto Música Tradicional Portuguesa
- 8 – 24 de Abril de 2014 - Comemoração do 25 de Abril
- 9 – 07 de Maio de 2014 - Festa de final de ano no Teatro Municipal
- 10 – 07 de Maio de 2014 - Sexteto de instrumentos de sopro (banda sonora do vídeo sobre o agrupamento)
- 11 – 07 de Maio de 2014 - Missa Pascal
- 12 – 08 de Maio de 2014 - Festa 2º ciclo no Teatro Municipal

Na atividade do magusto da Escola fiquei encarregue do naipe das flautas de bisel durante todas as canções da atividade. Esta atividade inseriu-se no âmbito do Clube de Música, o qual era extracurricular e no qual os alunos participavam de livre vontade. O Clube de Música já tinha iniciado antes da PES pelo que, quando esta se iniciou, os alunos já tinham ensaiado algumas canções. Eu escolhi o naipe das flautas de bisel que executavam a melodia principal e nas quais os alunos demonstravam algumas dificuldades. Durante o clube os alunos reuniam-se por naites e cada estagiária ficou responsável por um naipe. Eu iniciei as músicas pedindo aos alunos para que, em conjunto, solfejassem as músicas comigo, de modo a lerem as notas das músicas e os tempos musicais. De seguida perguntei se tinham alguma dificuldade e quando tinham, expliquei as figuras rítmicas nas quais eles tinham dúvidas e após todos entenderem e interiorizarem as canções, foquei-me na flauta de bisel. Eu toquei as canções na flauta para que os alunos visualizassem, seguindo sempre a partitura, e ensinei-lhes as posições

que estes ainda não sabiam (sib e fá#). Em continuação os alunos tocaram as canções, uma de cada vez, e sempre que havia dúvidas eu esclareci. Este método de exposição, explicação, interpretação e imitação foi utilizado por mim em todas as canções desta atividade.

A atividade referente ao quinteto de instrumentos de sopro intitulou-se “*The Ladies and a Christmas Medley*” e foi uma iniciativa que partiu de mim e das duas outras colegas estagiárias, com o objetivo de mostrar á Escola Augusto Moreno, os seus professores e alunos, um género diferente de música natalícia. Foi idealizado de modo a fazer algo musical integrante na época festiva do Natal e também para mostrar aos alunos um leque de instrumentos diferentes aos quais estes estavam familiarizados. A participação contou comigo, com duas colegas também estagiárias na escola e com duas colegas do curso que nos auxiliaram nesta tarefa. É de salientar que toda a comunidade escolar presente nesta apresentação aplaudiu esta apresentação e que de facto lhes agradou, uma vez que no final muitos alunos, professores e inclusive os diretores da instituição nos vieram felicitar pelo espetáculo.

Na festa de Natal da Escola o grupo do clube de música tocou 3 canções: “Canção de Natal”, “Canção de Natal 2” e “Natal de Évora” (anexos 6,7 e 8). Estas canções foram previamente ensaiadas na hora do clube de música e nas quais eu fiquei responsável pela parte da guitarra, do xilofone e pela parte das segundas vozes. Nas canções “Canção de Natal” e “Natal de Évora” fiquei encarregue de tocar guitarra e de cantar a segunda voz, de modo a proporcionar mais harmonia às canções. Na canção “Canção de Natal 2” fiquei encarregue da parte do xilofone alto que realizava um segunda voz em relação á voz principal.

Na atividade dos Reis/Janeiras o clube de música tocou dentro e fora do edifício principal da Escola Augusto Moreno e em frente aos Correios da cidade de Bragança de forma a levar animação musical para as pessoas que se encontravam nesses espaços. Fiquei encarregue do naipe de xilofone alto e do naipe de flautas de bisel uma vez que nesta atividade participaram muitos alunos e como estagiária ensinei a estes dois napes.

A atividade do Carnaval foi realizada em 3 sítios, na Escola Augusto Moreno, na sede do Agrupamento (Escola Abade Baçal) e no *Shopping Forum Teatrum* com o objetivo de levar o ânimo festivo a sítios frequentados por população de diversas idades.

Nesta atividade fiquei responsável pelo naipe das flautas de bisel uma vez que os alunos se centraram mais no cavaquinho e na voz do que nas flautas de bisel.

A missa no estabelecimento prisional foi uma atividade sugerida pelo professor cooperante para ser realizada apenas pelos seus estagiários. Nessa missa fiquei responsável pelo naipe das flautas de bisel que integrava as segundas vozes de todas as músicas, por cantar algumas melodias principais e pelo jogo de sinos. O mesmo aconteceu na atividade da missa Pascal da escola na qual ensinei as melodias na flauta de bisel aos alunos que se mostraram muito participativos.

De forma a incentivar a adesão á música tradicional Portuguesa, foi realizado por mim e pelas minhas colegas de estágio, um projeto só abrangendo músicas tradicionais portuguesas. Estas músicas continham instrumentos tradicionais como cavaquinho, concertina, adufe, e instrumentos menos tradicionais como baixo elétrico, guitarra acústica, ovo de percussão¹¹ e cajon¹².

A atividade sobre a comemoração do 25 de Abril foi realizada no âmbito do 3º CEB, sendo esta constituída por canções alusivas ao 25 de Abril e na qual eu fiquei encarregue de ensinar aos alunos os acordes no cavaquinho e as melodias das canções.

A festa de final de ano, realizada no Teatro Municipal de Bragança, abrangia todas as turmas de 1º ciclo da Escola Augusto Moreno. Nesta festa, e com a minha turma de PES de 1º ciclo, fiquei responsável por ensaiar 14 canções para o teatro (anexo 1) compostas por voz e flauta.

Como iniciativa pessoal, foi realizada por mim e pelas colegas de estágio uma proposta á Escola Augusto Moreno baseada na realização de uma banda sonora a ser utilizada no vídeo apresentado sobre o agrupamento Abade Baçal na festa de final de ano no Teatro municipal de Bragança. Esta banda sonora era composta por dois *medleys*¹³ e interpretada por um sexteto de instrumentos de sopro.

Por final participei ainda nos projetos que as minhas colegas de estágio programaram para a festa de final de ano do 2º ciclo. Assim, fiquei incumbida de auxiliar

¹¹ Instrumento de percussão em forma de ovo com timbre semelhante às maracas.

¹² Instrumento de percussão em forma de caixa no qual o instrumentista se senta sobre ele e percute com as mãos.

¹³Peça musical que corresponde a uma mistura de músicas ou de partes delas.

nas canções dos teatros musicais utilizando uma guitarra acústica e cantando as melodias principais.

4.3 Síntese

Na generalidade a minha intervenção pedagógica foi positiva, educativa, instrutiva e gratificante, sendo que evolui pedagogicamente aula após aula, tornando-me professora, investigadora e companheira dos alunos. Como docente estagiária realizei uma intervenção reflexiva, ponderando sempre cada passo de modo a que os alunos pudessem beneficiar com isso. Foi muito importante envolver os alunos nas aulas de EM de modo a que estes tirassem o máximo de benefícios das mesmas. Por isso foi relevante desenvolver um ambiente inclusivo para assim ter os alunos motivados e apelar á sua criação, participação e empenho na sala de aula.

CAPÍTULO V – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 Análise dos Dados

Neste capítulo irei proceder à análise e interpretação dos dados relativos à PES no 2º CEB e no 3º CEB que teve lugar ao longo do ano letivo de 2013/2014. No 2º CEB irei referir os dados integrantes na tabela de observação e irei analisar os resultados referentes à ficha de avaliação sumativa. No 3º CEB irei apenas referir os dados integrantes na tabela de observação e os resultados obtidos no inquérito por questionário. Os dados foram recolhidos através dos instrumentos referidos no capítulo anterior e que irei analisar e interpretar de seguida.

5.1.1 1º CEB

No que diz respeito ao 1º CEB as experiências de ensino-aprendizagem foram definidas tendo em vista o teatro musical integrante na festa de final de ano a realizar pelos alunos deste ciclo. A planificação e execução das aulas foram muito idênticas uma vez que a PES esteve dependente do conteúdo do teatro musical. Para além das canções deste teatro, trabalhei ainda exercícios teóricos, práticos e melódicos, exercícios musicais na flauta de bisel e a sua respetiva escala e dedilhação, mímica, interpretação imaginativa e corporal e jogos rítmicos. Este tipo de jogo segundo Wuytack (2000) “é um bom exercício para desenvolver os aspectos de: audição interior; capacidade de coordenação entre o canto e o movimento; memória e capacidade de concentração” (p. 8).

Através das reflexões diárias posso afirmar que os objetivos para este CEB foram bem executados e que foram atingidos com êxito.

5.1.2 2º CEB – Tabela de Observação e Ficha de Avaliação Sumativa

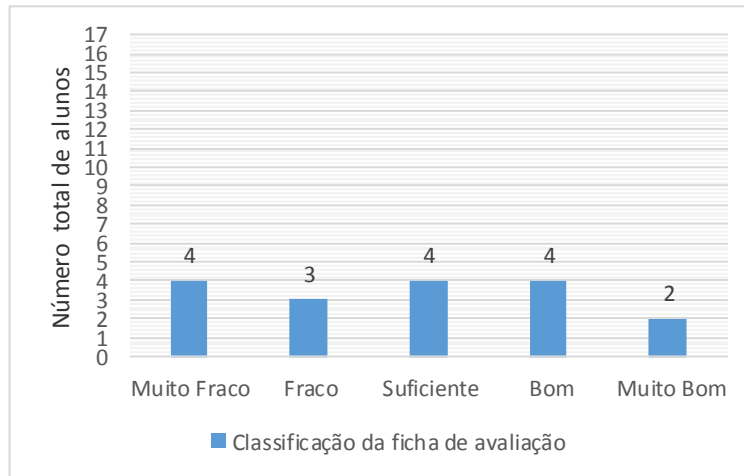
A tabela de observação utilizada diariamente durante as sessões letivas durante toda a PES era composta por quatro itens, assiduidade, material, comportamento e outros. Esta tabela foi utilizada uma vez que na avaliação final estes parâmetros faziam parte do item atitudes e valores, o qual equivalia a 30% da avaliação final de período. O item outros incluía trabalhos em grupo, relacionamento com o professor e com os colegas e o cumprimento das regras de sala de aula. No que diz respeito à ficha de avaliação sumativa, na tabela seguinte encontra-se a correção da ficha de avaliação dos alunos, juntamente com a classificação da mesma. A ficha dividia-se em sete questões de cotação variada, variando estas de um mínimo entre 12 % e um máximo de 18 %. Era uma turma com dificuldades em alguns conteúdos, nomeadamente na parte rítmica, o que se verificou nas classificações baixas da ficha de avaliação.

Tabela 3 – Classificação da ficha de avaliação

Alunos	Questões							Total	Classificação Final
	1	2	3	4	5	6	7		
Cotação	1x16	1x16	3x4	3x4	1x16	1x10	1x18	100	
Aluno 1	8	11	7	0	0	1	2	19	Muito fraco
Aluno 2	8	5	10	6	10,5	6	4	50,5	Suficiente
Aluno 3	2	1	6	6	4	2	0	21	Fraco
Aluno 4	4	0	0	0	2	0	0	6	Muito fraco
Aluno 5	11	13	11	9	6	10	18	78	Bom
Aluno 6	10	14	11	6	8,5	10	11,5	71	Bom
Aluno 7	10,5	16	11	9	8,5	10	18	83	Bom
Aluno 8	9,5	16	11	6	11	10	1	64,5	Suficiente
Aluno 9	10	6	6	9	6	10	6	53	Suficiente
Aluno 10	8,5	5	12	6	2	1	0	35,5	Fraco
Aluno 11	5	1	5	0	2	0	1,5	14,5	Muito fraco
Aluno 12	16	16	12	9	16	10	15	94	Muito Bom
Aluno 13	15	16	12	12	14,5	10	18	97,5	Muito Bom
Aluno 14	7	16	12	12	14	10	2	73	Bom
Aluno 15	1	1	0	0	0	2	2	6	Muito fraco
Aluno 16	5	6	12	9	8	10	0	50	Suficiente
Aluno 17	3,5	4	8	6	4,5	10	3	39	Fraco
Muito Fraco – 0 – 19; Fraco – 20 – 49; Suficiente – 50 – 69; Bom – 70 – 89; Muito Bom – 90 – 100.									

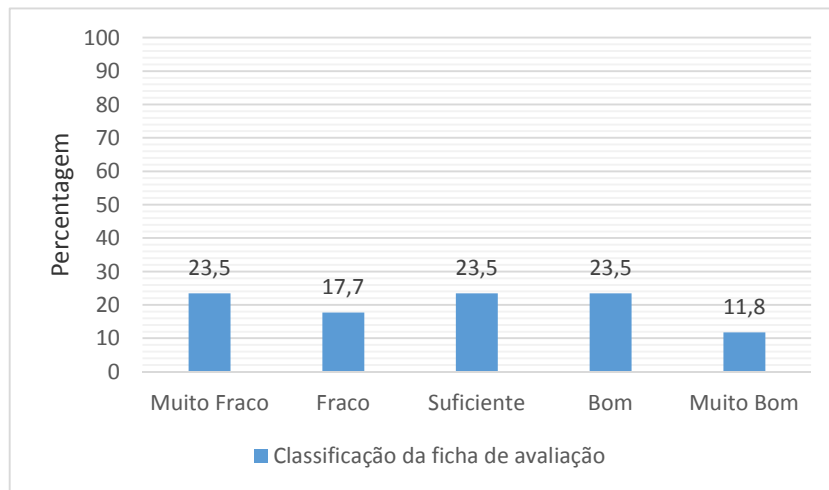
No gráfico 7 encontra-se a relação entre o total de alunos e a classificação obtida na ficha de avaliação. Como se pode verificar no gráfico, quase ¼ da turma obteve muito fraco, e ao todo, os alunos com negativa foram sete, o que perfaz uma percentagem de 41,2 % sobre 100 %, o que equivale quase a metade da turma. Por outro lado, dez alunos, ou seja, 58,8 % da turma obteve nota positiva.

Gráfico 7 – Classificação dos alunos sobre a ficha de avaliação



O gráfico 8 demonstra a percentagem de alunos que obtiveram cada uma das diferentes classificações na ficha de avaliação.

Gráfico 8 – Percentagem da classificação da ficha de avaliação



No 2º CEB as experiências de ensino-aprendizagem foram estabelecidas consoante a planificação anual da disciplina de EM. Em termos de canções e de modo a tornar as aulas mais dinâmicas, lecionei canções para a festa de Natal e de Carnaval da Escola e lecionei canções instrumentais para os alunos interpretarem na flauta de bisel.

Estas canções foram ensinadas seguindo sempre a mesma sequência baseada na imitação rítmica das melodias, acrescentando depois a letra falada das frases de cada vez juntando no final a melodia também por imitação. A imitação é uma ferramenta de elevada importância uma vez que “em primeiro lugar, deve desenvolver-se a capacidade de ouvir, fundamental no processo da experiência musical” (Wuytack, 2000, p. 6).

No que diz respeito a conteúdos programáticos da disciplina, lecionei a síncopa, os instrumentos de altura definida e indefinida, os símbolos *Orff*¹⁴, a intensidade, a família dos instrumentos musicais: aerofones, membranofones, idiofones e cordofones, e a anacruse. Realizei ainda exercícios teórico-práticos de ritmo e notação musical, atividades com percussão corporal, e como recursos multimédia utilizei vídeos, ficheiros áudio e ficheiros *midi*. No que diz respeito a recursos instrumentais utilizei a flauta de bisel, o cavaquinho, o xilofone alto, o metalofone alto, a pandeireta e o triângulo. Seguindo o programa da disciplina trabalhei com os alunos as notas Ré⁴, Sib³ e Fá^{#3} juntamente com os vários andamentos, dinâmicas, ponto de aumentação, síncopa e anacruse.

Respeitante á recolha de dados, foi utilizada uma ficha de avaliação sumativa (anexo 3) na qual 59 % dos alunos obtiveram classificação positiva e 41 % obtiveram classificação negativa. Foi utilizada também uma tabela de registro de observação direta (anexo 1), a qual serviu de apoio para atribuir a classificação final dos alunos.

Através dos resultados obtidos e apesar da proximidade entre a percentagem das classificações positivas e das negativas da ficha de avaliação, houve uma melhoria da parte dos alunos, principalmente no que respeita a parte rítmica, pois esta era a maior lacuna dos mesmos.

De um modo geral mediante os dados recolhidos e a vivência *in loco*, os resultados foram positivos, sendo que os alunos se mostravam sempre um bom entusiasmo e participação nas atividades, realizando sempre perguntas sobre a matéria lecionada.

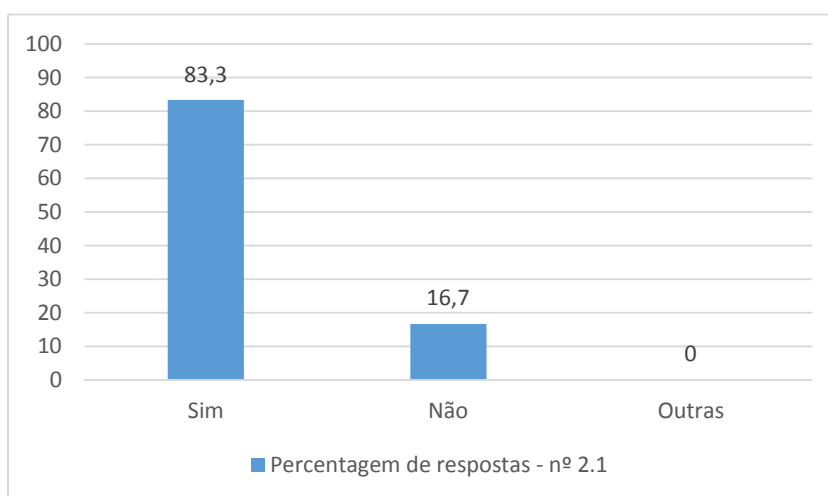
¹⁴ Símbolos representativos dos instrumentos de sala de aula.

5.1.3 3º CEB – Tabela de Observação e Inquérito por Questionário

O modelo de tabela de observação utilizado neste CEB foi o mesmo que o utilizado no 2º CEB pelo que a interpretação do mesmo já está descrita no subcapítulo anterior.

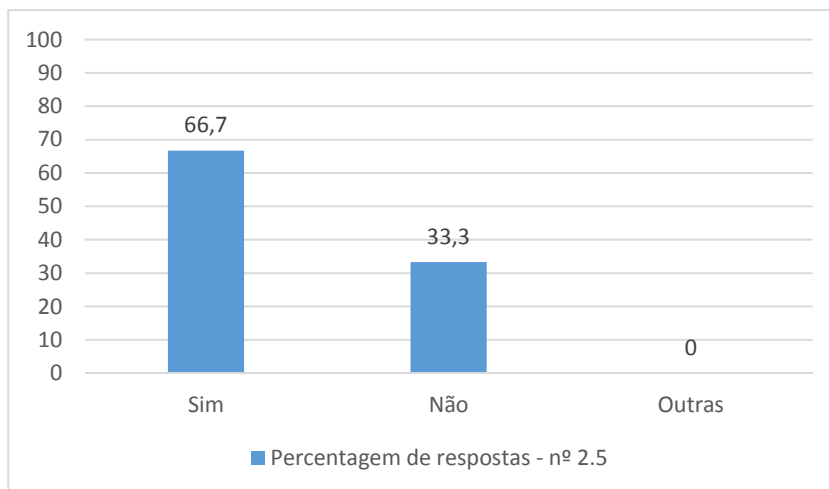
No que diz respeito ao inquérito por questionário, este era constituído por questões fechadas sobre os conteúdos das aulas, as atividades realizadas e o valor da música para os alunos. Três questões eram de alíneas, nas quais os alunos teriam de responder apenas sim, não, ou outras. A primeira questão era relativa à idade e ao género de cada aluno e, a segunda era relativa à apreciação geral dos alunos face aos conteúdos das aulas. No caso desta última e, como se pode verificar no gráfico 9, 83,3% dos alunos responderam sim e 16,7% não.

Gráfico 9 – Percentagem de respostas - nº 2.1



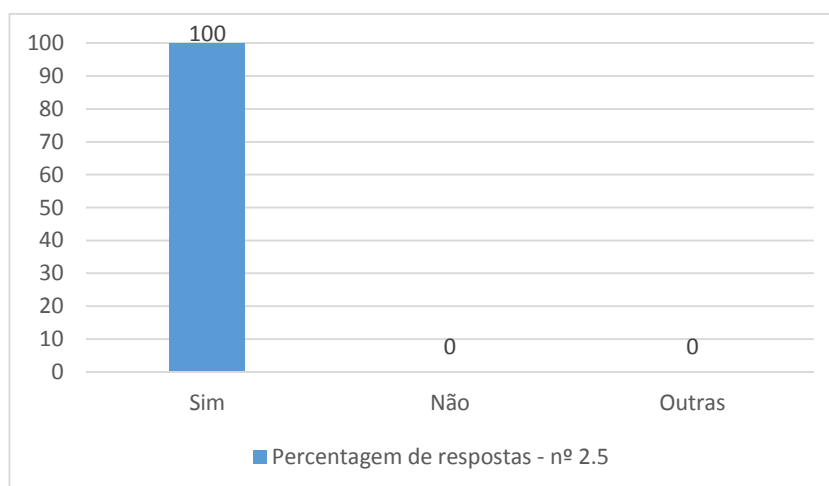
Nas questões 2.2, 2.3 e 2.4 os dados registados foram os mesmos que na questão 2.1 em cima apresentada. No que diz respeito à questão 2.5 (gráfico 10), 66,7 % dos alunos responderam sim e 33,3 % responderam não.

Gráfico 10 – Percentagem de respostas - nº 2.5



Na questão 2.6 (gráfico 11), 100 % dos alunos respondeu sim.

Gráfico 11 – Percentagem de respostas - nº 2.6



Nas questões 3.1 e 3.2 os dados foram iguais aos da pergunta anteriormente referida. No 3º CEB as experiências de aprendizagem foram planeadas em volta de duas atividades existentes no plano da Escola, nomeadamente a missa Pascal e a comemoração do 25 de Abril. Para além das temáticas envolventes nestas duas atividades em cima referida, abordei ainda a temática sobre música tradicional Portuguesa e música de intervenção. A turma desta PES tinha pouca motivação, empenho e espírito participativo pelo que as aulas e as atividades foram muito dinâmicas, abordando a temática de música portuguesa, mas dinamizando com vídeos e outras atividades. Para introduzir uma temática nova era

sempre mostrado uma apresentação multimédia de modo a integrar os alunos na atividade pretendida.

No que diz respeito á Música Tradicional Portuguesa foram lecionados os instrumentos tradicionais caraterísticos, a sua origem, os grupos e os géneros deste tipo de música, terminando com canções tradicionais portuguesa tais como “o malhão”, “alecrim”, entre outras. Foram ainda lecionadas as cifras¹⁵ e o instrumento cavaquinho de modo a poderem ser utilizados na atividade da comemoração do 25 de Abril.

Introduzi ainda a comemoração do 25 de Abril com uma apresentação multimédia sobre a música de intervenção Portuguesa, enfatizando a sua origem, o seu significado, os intérpretes principais e a que género de música se integrava. Foram lecionadas canções sobre o 25 de Abril tal como “Somos Filhos da Madrugada”, “uma gaivota”, “Grândola Vila Morena” entre outras. Lecionei ainda músicas para a missa Pascal, as quais exigiram mais esforço de todas as partes pois os seus recursos instrumentais eram mais extensos na medida em que eram integradas por flauta de bisel, jogo de sinos, metalofone alto, xilofone alto e bombo.

Neste CEB a recolha de dados foi realizada através de um questionário feito aos alunos e no qual apresento os resultados na tabela seguinte.

Tabela 4 – Resultados do inquérito por questionário

Inquérito por questionário		
Questão	Sim (%)	Não (%)
2.1	83,3	16,7
2.2	83,3	16,7
2.3	83,3	16,7
2.4	83,3	16,7
2.5	66,7	33,3
2.6	100	0
3.1	100	0
3.2	100	0

Este questionário serviu para poder analisar o resultado da minha PES sendo que, mediante as respostas dos alunos, posso dizer que foi positivo uma vez que as

¹⁵ Acordes musicais de carácter resumido (ABCDEFG)

respostas foram sempre positivas no que diz respeito ao funcionamento das aulas e dos conteúdos lecionados. Isto demonstra ainda que os alunos gostaram e participaram com gosto nas atividades da missa Pascal e da comemoração do 25 de Abril.

Os resultados expostos neste capítulo demonstram que o docente tem de:

reflectir sobre a função que desempenha, analisar as suas práticas à luz dos saberes que possui e como fontes de novos saberes, questionar-se e questionar a eficácia da acção que desenvolve no sentido de aprofundar os processos e resultados, os constrangimentos e os pontos fortes, a diversidade e os contextos da acção, reorientando-a, através da tomada fundamentada de decisões. (Roldão, 2010, p. 49)

5.2 Discussão dos Resultados

Após a análise de todos os dados acima referidos discutirei os resultados obtidos, desde a ficha de avaliação ao inquérito por questionário pois “a utilização de um questionário para aferir a opinião dos intervenientes e destinatários acerca dos efeitos e contributos dos projectos para a resolução dos problemas identificados é um contributo para a aproximação à eficácia” (Capucha, 2008, p. 44).

No que diz respeito à ficha de avaliação do 2º CEB, nenhuma das classificações finais sobressaiu, uma vez que 4 alunos tiveram muito fraco, 3 fraco, 4 suficiente, 4 bom e 2 muito bom. Apesar dos resultados terem sido variados, os alunos que obtiveram as classificações mais baixas não desanimaram e continuaram a participar nas aulas e a serem interativos e participativos. As questões nas quais os alunos mais falharam eram questões que envolviam ritmo, pois este era uma das suas maiores dificuldades. Para combater esta lacuna, persisti em exercícios rítmicos como atividade introdutória das sessões letivas. Para além disso utilizei as canções como ferramenta de auxílio para desenvolver o sentido rítmico dos alunos. Como já foi referido anteriormente, a ficha de avaliação sumativa não deve ser o fim de um processo, mas deve ser sim uma ferramenta do percurso dos alunos e deve ter “... como objectivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens” (Ribeiro & Ribeiro, 2003, p. 342).

Um dos objetivos desta prova de avaliação era saber, e conforme Bloom, Krathwohl & Madaus (1972), se os alunos possuíam ou não, os conhecimentos, as capacidades e as

habilidades a nível musical e atribuir-lhes uma classificação qualitativa e quantitativa mediante os resultados.

No que diz respeito ao questionário realizado no 3º CEB, os alunos responderam na sua maioria que os conteúdos abordados nas aulas, as apresentações multimédia e os vídeos foram apelativos. Quanto á participação dos alunos na Missa Pascal, 4 alunos responderam que foram do seu interesse e 2 alunos responderam que não. Respeitante à sua participação na comemoração do 25 de Abril, no gosto pelo formato das aulas e pelo gosto/indispensabilidade da música na vida dos alunos, todos os alunos responderam que sim. Mediante os resultados do questionário, posso afirmar que a PES foi do interesse dos alunos assim como os conteúdos por mim ministrados.

Após a análise dos dados obtidos, e principalmente do questionário, afirma-se que “a utilização de um questionário para aferir a opinião dos intervenientes e destinatários acerca dos efeitos e contributos dos projectos para a resolução dos problemas identificados é um contributo para a aproximação à eficácia” (Capucha, 2008, p. 44).

No que respeita às apresentações multimédia, os alunos assinalaram que foram apelativos e claros, salientando que existia um programa de apresentações multimédia que os alunos desconheciam. Segundo os alunos os vídeos apresentados ao longo das aulas são apelativos e claros, tendo sido estes apresentados na sua íntegra. Os alunos colocaram que gostaram do formato das aulas dadas, sendo que estas eram sempre dinâmicas e sempre com alguns elementos em comum criando assim uma linha condutora entre as mesmas. Estes assinalaram também que as atividades propostas, a missa Pascal e a comemoração do 25 de Abril, foram do seu interesse colmatando com uma resposta unânime de que a música era indispensável nas suas vidas.

5.3 Conclusões Finais

Os instrumentos de recolha de dados foram idealizados mediante os Ciclos nos quais foram aplicados. As estratégias de ensino/aprendizagem, os conteúdos abordados e a ficha de avaliação sumativa foram adequados às necessidades de cada turma, de forma a facilitar a aprendizagem e a apreensão de conteúdos por parte dos alunos. No 3º CEB não foi inserida nenhuma ficha de avaliação sumativa pelo que a aplicação do questionário, tornou-se muito relevante, pois assim foi possível obter a opinião dos alunos

sobre o desenvolvimento e os conteúdos das aulas. De um modo geral e mediante as respostas positivas ao questionário, a apreciação dos alunos foi positiva.

Na PES verifiquei que todos os CEB necessitam de as estratégias de ensino-aprendizagem adequadas às suas necessidades, pelo que as por mim utilizadas foram fundamentais e significativas, o que se refletiu na ficha de avaliação sumativa, nos resultados do questionário e nas opiniões observadas *in loco*.

5.4 Síntese

Neste capítulo apresentaram-se os resultados da ficha de avaliação sumativa aplicada ao 2º CEB e do questionário aplicado no 3º CEB. Após a análise dos resultados obtidos, posso afirmar que as classificações finais da ficha de avaliação sumativa foi positiva, uma vez que mais de 50% dos alunos tirou classificação positiva. No que concerne o questionário, a apreciação dos alunos sobre o funcionamento das aulas e dos conteúdos abrangidos foi positivo, não havendo perguntas com mais de 50% de respostas negativas.

Uma prática reflexiva voltada para as dificuldades dos alunos é muito importante uma vez que ajuda a desenvolver estratégias de ensino-aprendizagem que acompanharão a carreira do docente e mesmo a dos seus alunos, colmatando assim quaisquer dificuldades nela integradas. É importante para o docente obter a opinião dos alunos sobre a sua prática e beneficiar com os resultados da mesma. A educação tem de ser voltada em prol da educação do aluno e não da instrução do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a apresentação de toda a PES, as experiências de ensino-aprendizagem e dos resultados obtidos na mesma, posso concluir que os objetivos traçados inicialmente foram cumpridos, uma vez que os resultados apresentados no capítulo anterior assim o demonstram. A música revelou-se um fator de motivação e de interesse para os alunos, tornando assim a EM benéfica para os mesmos.

As três PES foram uma fonte enriquecedora de conhecimentos, tanto práticos como teóricos, pois embora muito diversificados, trouxeram resultados muito satisfatórios. Resultados esses que levaram a um aumento do meu conhecimento acerca da atividade docente, a uma “fome” de conhecimentos, ao querer estar estudando para poder ensinar e à ânsia de ser futura docente.

No que concerne à ação docente nos três CEB, no 1º CEB esta foi planejada em torno de um teatro musical intitulado “O Macaco de Rabo Cortado”, no qual se colocaram em prática os conteúdos programáticos que lecionei durante a PES. Conteúdos programáticos esses, tais como: mímica corporal, o que permitiu que os alunos se expressassem musicalmente utilizando o seu corpo como ferramenta; exercícios escritos e auditivos de identificação de notas; exercícios melódicos na flauta de bisel e na voz. Neste CEB senti dificuldades em planejar as atividades letivas uma vez que a turma era constituída por alunos de várias idades, o que implicou que alguns soubessem ler e outros não. Mas apesar disto, adequiei os conteúdos e a forma de os lecionar de forma a ultrapassar esta dificuldade.

No 2º CEB lecionei várias canções, o que serviram de ferramenta para lecionar os conteúdos programáticos existentes no programa curricular deste ciclo. Durante a fase de observação notei dificuldades rítmicas nos alunos, o que trabalhei durante as seções letivas utilizando exercícios rítmico-melódicos, percussão corporal e canções. Notei também falta de motivação e empenho por parte dos alunos, o que tentei ultrapassar empregando atividades ao gosto pessoal e musical dos alunos. Após a cativação dos mesmos, as seções letivas e o lecionar das mesmas tornou-se mais simples.

Respeitante ao 3º CEB, na fase de observação reparei que alguns alunos, apesarem do seu reduzido número, eram desmotivados e distraídos, o que destabilizava a turma em termos comportamentais e em termos programáticos. Assim, para os motivar,

utilizei programas informáticos dinâmicos, utilizando-os como recurso para lecionar conteúdos programáticos que insidiam também, em atividades públicas previamente planeadas pelo docente. Assim, fiz referência à música tradicional portuguesa, à música de intervenção portuguesa e à revolução do 25 de Abril. Lecionei instrumentos de sala de aula, nomeadamente instrumentos de lâminas e de percussão e também alguns acordes no cavaquinho, instrumento muito pretendido pelos alunos, o que fez com que os estes se motivassem.

A PES por mim realizada foi uma ótima introdução à ação docente pois permitiu que, embora na qualidade de estudante, me inserisse num contexto educativo genérico e em contexto real e que experienciasse, em primeira mão, a carreira por mim escolhida. Esta também me permitiu colocar em prática os conhecimentos previamente adquiridos. A fase de observação permitiu-me ver, presenciar e experienciar, *in loco*, as instalações da escola, as salas de aula, o nível dos alunos e sentir preocupações referentes aos alunos. Permitiu-me também ter contacto com os alunos, o que levou a um aumento de vivências, dinâmicas, emoções e conhecimentos.

A PES foi enriquecida graças ao acompanhamento docente que obtive, pois vivenciei em primeira mão, o processo de ensino aprendizagem de um docente com muitos anos de prática; a oportunidade de proporcionar aos alunos o contacto direto com a música; a gratificação de transmitir conceitos musicais que eram desconhecidos para os alunos; e principalmente, a oportunidade de fazer com que a Educação Musical e a música fossem um fator de união social.

Observando os resultados obtidos saliento que a música em conjunto é um excelente fator de motivação nas aulas de EM, uma vez que permitiu que os alunos mostrassem interesse, empenho e espírito participativo. As experiências de ensino-aprendizagem cumpriram o objetivo de serem lúdicas, repletas de movimento e diversidade, e, acima de tudo, permitiram a socialização e o trabalho em grupo. A relação entre o professor e o aluno não deve ser meramente empírica uma vez que “ para que o processo de supervisão corra da melhor forma, tem de se criar um clima favorável, uma atmosfera afetivo-racional positiva, de ajuda mútua, recíproca, aberta, espontânea, autêntica e cordial entre o supervisor e o aluno” (Ludovico, 2007, p. 71).

Através da observação direta participante e da metodologia de investigação-ação, pude observar que os alunos se interessavam e participavam nas atividades em

grupo e nas atividades com maior movimento o que considerei um fator importante para o desenvolvimento da disciplina de Educação Musical (EM).

Toda esta investigação foi integrada numa prática docente reflexiva, construindo competências e conhecimentos através das novas experiências (Perrenoud, 2002) o que levou a uma melhor compreensão e à obtenção de melhores resultados no que respeita à transmissão de conhecimentos e à adaptação dos conceitos às dificuldades dos alunos. O professor de EM tem de ser mais do que um mero professor, tem de se adaptar e adaptar também o conhecimento às mudanças contínuas do dia-dia. Segundo Hoy (1986) para quem exerce a função da docência á poucos anos, “ o objetivo não é fazer julgamentos sobre as competências dos alunos, nem controlar o seu trabalho, mas sim trabalhar em cooperação com eles” (p. 55).

Toda esta prática letiva levou a uma extensão do leque de conhecimentos respeitantes á prática docente, um facto muito relevante para a minha carreira futura de docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação: Guia prático e crítico*. Porto: Asa Editores.
- Arends, R. I. (2008). *Aprender a ensinar* (7ª ed.). Madrid: McGraw-Hill.
- Austin, J., McPherson, G., & Renwick, J. (2007). Developing motivation. Em G. McPherson, *The child as musician* (pp. 213-238). Oxford: Oxford University Press.
- Barroso, J. (1999). *A Escola entre o Local e o Global: perspectivas para o século XXI. O caso de Portugal*. Lisboa: Fórum.
- Batista, A. P., Carvalho, H. W. & Ribeiro, C. M. (2007). *Análise da construção do conhecimento na perspectiva das teorias de Vygotsky*. Educação, 32 (2), pp. 411-424.
- Blacking, J. (1973). *How musical is man?* Washington: University of Washington Press.
- Bloom, B. S., Krathwohl, D., & Madaus, B. (1972). *Taxionomia de Objectivos Educacionais - 1 domínio cognitivo*. Porto Alegre: Editora Globo.
- Branco, J. (1995). *História da Música Portuguesa*. Lisboa: Europa-América.
- Campos, L. (2007). A música e os músicos como problema sociológico. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, pp. 71-94.
- Capucha, L. M. (2008). *Planeamento e avaliação de projectos - guião prático*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Christianson, H. (1938). *Bodily rhythmic movements of young children in relation to rhythm in music an analytical study of an organized curriculum in bodily rhythms, including potential and functioning aspects in selected nursery school, kindergarten, and first grade groups*. New York: Bureau of Publications Columbia University.
- Costa, C. R. (1923). *O Ensino da Música em Portugal - o que é, e o que deveria ser*. Lisboa: Tipografia do Comércio.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). *Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas*. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 13:2, pp. 355-379.
- Couto, A., & Santos, I. (2009). Por que vamos ensinar Música na escola? Reflexões sobre conceitos, funções e valores da Educação Musical Escolar. *Revista Opus*, 5, pp. 110-125.

Cunha, J. (2013). Da abordagem Orff-Shulwerk ao desenvolvimento do 'Eu Musical': Flow em processos de Ensino/Aprendizagem em Educação Musical. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Despacho normativo n.º 24-A/2012, 6 de dezembro de 2012.

Fernandes, A. S. (1995). *Educação e Poder Local*. Educação, Comunidade e Poder Local, atas do seminário realizado em 6 e 7 de Dezembro de 1994. Lisboa: Conselho Nacional de Educação, 43- 63.

Fernandes, A. (1999). Descentralização educativa e projecto de regionalização. *Comunidades Educativas*, 181-198.

Fernandes, D. (2004). *Avaliação das Aprendizagens: Uma Agenda, Muitos Desafios*. Lisboa: Texto Editora.

Fonterrada, M. (2008). *De tramas e fios - um ensaio sobre música e educação* (2ª ed.). São Paulo: UNESP.

Formosinho, J., & Niza, S. (2009). Iniciação à prática profissional nos cursos de formação inicial de professores. Em J. Formosinho (Ed.), *Formação de professores - aprendizagens profissional e acção docente* (pp. 119-139). Porto: Porto Editora.

Fortin, M. (2009). *O processo de investigação* (5ª ed.). Loures: Lusociência.

Fubini, E. (1999). *La estética musical desde da antigüedad hasta el siglo XX*. Madrid: Alianza Editorial, S.A.

Gomes, A. (2008). *O contributo das bandas filarmónicas para o desenvolvimento pessoal e comunitário. Um estudo efectuado no Alto Tâmega: Sub-região do Norte de Portugal*. Chaves: Edição do Autor.

Gordon, E. (2000). *Teoria de Aprendizagem Musical para Recém-nascidos em Idade Pré-Escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Grainza, V. (2002). *Pedagogia Musical*. Barcelona: Lumen.

Guerreiro, C. R. (2008). *O Movimento Reinterpretativo da Música Popular Portuguesa de Raiz Rural, Pós Abril de 74- Pós-Graduação em Estudos da Música Popular Portuguesa* (2º semestre). Universidade Nova de Lisboa: Práticas musicais tradicionais em Portugal.

Henderson, I. (1957). *Anciente Greek Music*. The New Oxford History of Music. Londres: Oxford University Press, Vol I, p. 336-403.

Hoy, W. (1986). *Effective Supervision: Theory Into Practice*. New York: Random House.

João, M. I. (2001). *Estado, Nação e Região*. Açores: Arquipélago.

Leita, M., & Testor, S. (2011). *Música para Crianças*. Corroios: Plátano Editora, S.A.

- Ludovico, O. M. (2007). *Educação Pré-Escolar: Currículo e Supervisão*. Penafiel: Editorial novembro.
- Marques, R. (2001). *Saber educar - guia do professor*. Lisboa: Editorial Presença.
- Mattoso, José (1994) História de Portugal. O Estado Novo. Coordenação de Fernando Rosas. Editorial Estampa
- Ministério, d. E. (2001). *Currículo Nacional do Ensino básico* . Departamento da Educação Básica.
- Mota, G. (Novembro de 2014). A Educação Musical em Portugal - uma história cheia de contradições. *CIPEM*, pp. 41-50.
- Moreira, M., Vieira, F. & Marques, I. (1999). *Investigação-ação e formação inicial de professores*. In A. Moreira, I. Sá-Chaves, M.H. Araújo e Sá, M.A. Jesus, e R. Neves (coord.), *Supervisão na formação – contributos inovadores*. Atas do I Congresso Nacional de Supervisão. Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 137-146.
- Oliveira, C. (1996). O Estado Novo e os Municípios Corporativos. *História dos Municípios e do Poder Local.*, 285-325.
- Palheiros, G. (1993). *Educação Musical no Ensino Preparatório: Uma Avaliação do Currículo*. Lisboa: APEM.
- Palheiros, G. (1999). *Investigação em educação musical: perspectivas para o seu desenvolvimento em Portugal*. Obtido de RECCIP: http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/3117/1/ART_GracaPalheiros_1999.pdf
- Perrenoud, P. (2002). *Aprender a Negociar a Mudança em Educação. Novas Estratégias de Inovação*. Porto: ASA Editores.
- Proença, M. C. (2000). *Um Século de Ensino de História*. Lisboa: Edições Colibri.
- Ribeiro, A. C., & Ribeiro, L. C. (2003). *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Roldão, M. D. (2010). *Estratégias de ensino: o saber e o agir do professor* (2.^a ed.). V. N. Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Ruivo, F. & Veneza, A. (1988). “*Seis Questões Pelo Poder Local*”: Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 25/26, 7-20.
- Sabbatella, P. (2008). *A inclusão de alunos com necessidades educativas especiais na aula de educação musical: um diálogo entre a musicoterapia e a educação musical*. Revista APEM, nº 138, pp. 48 – 57.

- Schopenhauer, A. (2005). *O mundo como Vontade e como Representação*. São Paulo: UNESP.
- Silva, C. A. (2008). *Vozes, música, ação: Dalcroze em cena - conexões entre a rítmica e a encenação*. Dissertação de Mestrado. S. Paulo: USP, Escola de Comunicações e Artes
- Sousa, M. (1999). *Metodologias do Ensino da Música para Crianças*. Águeda: Edições Gailivro, Lda.
- Sousa, M. & Neto, F. (2003). *A Educação Intercultural através da Música*. Lisboa: Gailivro.
- Torres, R. (1998). *As Canções Tradicionais Portuguesas no Ensino da Música*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Tripp, D. (set./dez de 2005). *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, pp. 443-466.
- Vieira, M. (2006). *O Ensino da Música em Portugal no Início do Século XXI. Estudo sobre as Políticas de Ramificação Curricular. Tese (Doutoramento em Estudos da Criança - Educação Musical)*. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Willems, E. (1970). *As Bases Psicológicas da Educação Musical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Wuytack, J. (2000). *Curso de Pedagogia Musical – 3º Grau*. Porto: Associação Wuytack de Pedagogia Musical.
- Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Porto: Edições ASA.

ANEXOS

Anexo 1 – Tabela de observação

Número	Nome	Assiduidade	Material	Comportamento	Outros
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					
12					
13					
14					
15					
16					
17					

Anexo 2 – Inquérito por Questionário



PES 3º CEB- MESTRADO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO MUSICAL -
2013/2014

INQUÉRITO

1 – Identificação

1.1 – Idade _____

1.2 – Género _____

2 – Perguntas

2.1 – Os conteúdos das aulas foram apelativos?

SIM NÃO OUTRA _____

2.2 – As apresentações multimédia foram apelativas?

SIM NÃO OUTRA _____

2.3 – Os vídeos foram apelativos?

SIM NÃO OUTRA _____

2.4 – Os conteúdos abordados nas aulas foram claros?

SIM NÃO OUTRA _____

2.5 – A Missa Pascal foi do teu interesse?

SIM NÃO OUTRA _____

2.6 – A comemoração do 25 de Abril foi do teu interesse?

SIM NÃO OUTRA _____

3 – Apreciação Global

3.1 – Gostaste do formato das aulas dadas?

SIM NÃO OUTRA _____

3.2 – Achas que a Música é indispensável na tua vida?

SIM NÃO

Grata pela atenção

Cristiana Afonso

Anexo 3 – Ficha de avaliação sumativa



Ficha de Avaliação Sumativa

Disciplina: Educação Musical

Data: ____ / ____ / 2013

Ano:

Turma:

Aluno: _____ Nº _____

O Encarregado de Educação

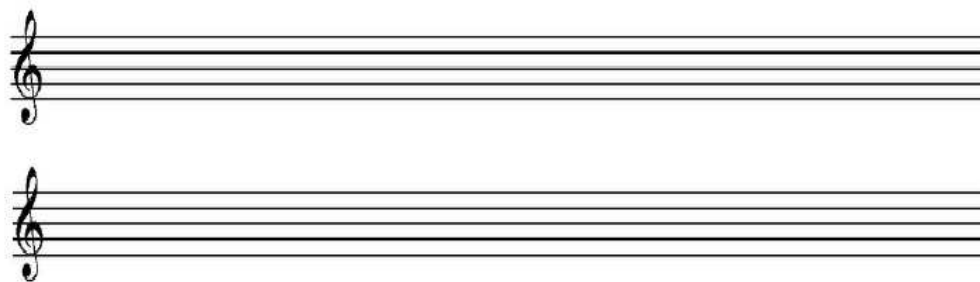
O professor

Classificação

1) Ditado rítmico



2) Ditado melódico-auditivo



3) Identificação de frases

a) _____

b) _____

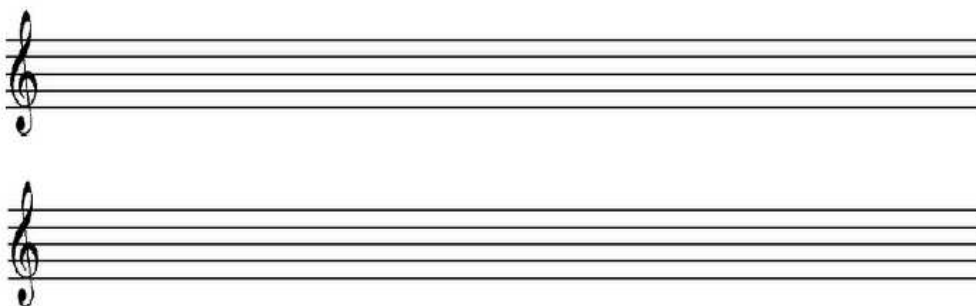
c) _____

d) _____

4) Identificação de compasso

a) _____ b) _____ c) _____ d) _____

5) Ditado rítmico melódico



6) Identificação de notas



7) Complete o seguinte quadro:

Figura	Pausa	Nome	Tempo
			
			
		Semibreve	
			3 Tempos
			
			

Anexo 4 – Canções para o teatro musical¹⁶

OS

Minha avó mandou-me à rua(re) guiz/Reco/ pratos)

Flauta ^{Re} - La la / la lala la / ^{Mi-} sol si si / ^{Sol} si ^{La} si ^{Re} / la //

Xilofone - ^{Re} la / re re la / re re re / ^{Sol} sol sol sol / la //

Minha avó mandou-me à rua para comprar um kiwi

Vi um macaco a dançar e da fruta me esqueci.

Ele pulava tão bem, dava saltos, cambalhotas

De tanta graça que achei fartei-me de dar risotas.

Minha avó, admirada, a certa altura apareceu

Deu-me tamanha nalgada que quem saltava era eu.

----///----

(Para o Baixo sem Perfeito)
(Bar Baixo)

Rabo cortado (reco/ maracas, ferrinhos)

Flauta - ^{Sol} sol sol sol / ^{fa} fa / ^{mi} mi mi mi / ^{fa} fa //

1) ^{Sol-} Corta o pelo, ^{Re-} corta o rabo, ^{LA} corta sem parar 2) ^{Re-} tra la la ^{Sol-} tralalala la ^{Re-} tra la la la ^{LA} la ^{Re-} la

3) ^{Sol-} Ai que macaco, ^{Re-} ai que vaidoso, ^{LA} ai que lindo ele vai ficar, ^{Re-} Hei!!!

----///----

4 Narradora
(Um deles cantaram)

Tiroliroliro (fa)

Flauta - ^{do} / do do do do / ^{re} re / re rere re re / do .

La / ^{fa} la lala la la / ^{Sol-} sol / ^{do} sol sol sol / ^{fa} sol / fa .

Elas-cá em cima está o tiroliroliro, Eles-cá em baixo está o tiroliroliro

Todos-Juntaram-se os dois à esquina a tocar a concertina e a dançar o solidó

Elas-Macaco, feio macaco, macaquinho de rabo cortado

Eles-Eras um macaco mais giro e agora ficaste um macaco estragado.

①

¹⁶ Texto adaptado da peça “O Macaco de Rabo Cortado”. Adaptação musical por Artur Fernandes.

MACACO
(NAVALHA)

Tenho cinco reis (do)

Flauta - ^{do}solsolsol/^{do} ^{re}dodododo/^{re} ^{sol}rererere/^{re} ^{re} ^{re} ^{re} ^{do}/do /

Todos-Tenho cinco reis, tenho um algaridar, tenho uma navalha para me barbear
Quando me levanto ponho o meu boné, com a barbicha feita olarilolé. } x2

----///----

NARRADORA
(Deu-lhe a
NAVALHA...)

Peixeira

Elas - Macaco cortado, Quem te cortou?

Eles - Foi esta navalha que aqui passou.

Elas- Eu sou a peixeira que vende na feira.

Eles- Fica lá com faca estou farto da brincadeira } x2

----///----

NARRADORA
(Deu-lhe AS
SARDINHAS...)

Padeiro

Elas-O nosso padeirinho que nos faz o pão, (x2)

arrumou a padaria e foi vender p'ro balcão (x2)

Padeiro- dá-me das sardinhas, que não almocei (x2)

Eles- tira só uma ou duas pois não sei se voltarei. (x2)

----///----

NARRADORA
(COM O SACO
ÀS COSTAS...)

Lencinho

O lencinho vai na mão, vai na mão de um viajante,

cai aos pés de uma donzela, solta a língua na lapela

Limpa o nariz de um anão, seca o suor de um gigante

Cai na boca da algibeira, consola a tia solteira

Chupa o sangue de uma ferida, dorme ao fundo da gaveta

Acorda aos tombos no chão, dá mais voltas que a roleta

Tem mais vidas do que a vida, a passar de mão em mão (bis)



o macaco
(A minha menina)

Beijinhos (re)

La/ la lala lala la / si sila / La/ la lala lala la / sol sol sola /

-Dá cá um beijinho, dá cá outro e outro. Pois estes beijinhos souberam-me a pouco.

-Beijinhos, beijinhos, toma lá, toma lá. Só mais dois beijinhos só mais dois vá lá.

-Só quero mais um, não sejas tão má. Beijinhos tão doces como os teus não há...

-Não dou mais beijinhos e vou explicar. Se dou mais beijinhos podem-se esgot

----///----

o violão
(Obeirão...)

Violão

Elas- lá vai o João aldrabão tocando o seu violão

camisa à moda na mão, eles - e então e então e então?

Trai Trai, olaré trai trai. Era a moda do meu pai

o pastor e Ah Ah Ah, lavrador enganador,

renhinhi, renhinho, ah ah ah, oh oh oh

o narrador
(cantando e trocando)

----///----

Olha o macaco mariola/ que do rabo fez navalha/ da navalha fez sardinha/ da sardinha fez menina / Da

Da menina fez camisa / da camisa fez viola / E agora deu à sola, E agora deu à sola

Kikiriki eu vi eu vi

Lalala/ la la si / la lalala / la la sol / la //

Kikiriki eu vi eu vi, Kikiriki eu vi eu vi, (Bis)

Um macaco a dançar/ Uma sardinha a saltar/ Um padeiro a amassar/ uma menina a cantar

Kikiriki eu vi eu vi, Kikiriki eu vi eu vi, (Bis)

Uma camisa a voar / Uma viola a tocar / um macaco a dar à sola / tum, tum, tum,
que eu vou para angola.

Parinha
faz menina /
(seguido)

Não se acredita em mim, mas foi mesmo mesmo assim //

3

Canção do macaco trocista (Fui ao jardim da Celeste)

(Malhão) Flauta - dodo do do / sol sisi si si / sol //bis

Solsol sol sol / la lala la la / sol solsol sol sol / do //

Eles - Pois se agora dei à sola, pois se agora vos fugi

É que a mim ninguém me enrola e de mim ninguém se ri

Tinglntim, Tinglntim, Tinglntim, tim tim (Bis)

----///----

Surriada do povo (as pombinhas da cat'rina)

Flauta - Solsol / dodo lasol /sisi lasol/ sisi lasol /dó /

Solsol/solsol solsol/ lala lala / sisi sisi/ do //

Elas - O macaco mariola, estarola e gabarola,

com pancada na cachola, dá e tira, mata e esfola

Ora parte, ora cola, ora mete na sacola.... (bis) (Lá vai uma, lá vão duas)

Dá a esmola, tira a esmola, mariola, mariola

Quem te meta na gaiola, quem te meta na gaiola.

Eles - Não me metem na gaiola que de mim niguém se ri/a tocar esta viola tinglntim, tinglntim

A dançar com castanholas vou daqui para madrid/ a dançar com castanholas vou daqui...

----///----

Um macaquinho janota

Flauta - Si si / si sisi si / la la la / la lala la / sol //

Elas -Um macaquinho janota, cansado de andar a pé

roubou uma grande mota olarilarilolé

Tive logo um acidente parti a pata e o pé, e fiquei muito doente, ai, ai, ai, ai, ai, aié

Si si / si sisi si / la la la / la lala la / sol //

Todos - Tantos gritos tantos ais a história chegou ao fim,] x 2

em roubar não falem mais, nunca mais vou ser assim.

Piano Solo - $\frac{3}{4}$ | Sol | Re | x. | Sol | x. | Do | Sol | Re | Sol | | (4)

Anexo 5 – Espiral dos conceitos e conteúdos do 5º ano de escolaridade¹⁷

NIVEL VI	Ataque, corpo e queda do som. (Perfil sonoro)		Escalas modais. Melodia. Harmonia.	Sons e silêncios em três pulsações. Organização binária e ternária. Compasso. Anacrusa.	Forma binária e ternária. A B ; A B A
NIVEL V	Combinação de timbres.	Organização dos	Duas ou três notas em diferentes registos. Escala Pentatónica. Bordão.	Sons e silêncios com duas e quatro pulsações. Padrões rítmicos.	Motivo. Frase.
NIVEL IV	Mistura tímbrica.	elementos dinâmicos.	Combinação de linhas horizontais e verticais. Agregados sonoros. Textura.	Dois sons e silêncios de igual duração numa pulsação.	Imitação. Cânone.
NIVEL III	Família de timbres.	Forte Mezzo Forte Piano.	Linhas sonoras ascendentes e descendentes; ondulatórias; contínuas e descontínuas.	Sons e silêncio organizados com a pulsação. Contratempo.	Ostinato.
NIVEL II	Contraste e semelhança tímbrica.	Crescendo e Diminuendo.	Registos: Agudo Médio Grave.	Andamentos: Rápido Moderato Lento Accelerando Ritardando.	Elementos repetitivos.
NIVEL I	Fontes sonoras não convencionais e convencionais.	Fortíssimo. Pianíssimo.	Altura indefinida e definida.	Pulsação Tempo	Organizações elementares.
NIVEIS CONCEITOS	TIMBRE	DINÂMICA	ALTURA	RITMO	FORMA

¹⁷ Cedido por Artur Fernandes.

Anexo 6 – Canção: “Canção de Natal”¹⁸

Canção de Natal

The musical score is written in 4/4 time and consists of three systems. The first system (measures 1-6) features a vocal melody with lyrics: "Na tal! Na tal! Sobe aos céus a nos sa voz Na tal! Na tal!". The second system (measures 7-10) continues with lyrics: "Fe liz pa ra to dos nós! Glória a Deus nas al tu ras E". The third system (measures 11-16) concludes with lyrics: "na Terra aos ho mens paz Gra de men sa gem de amor Esta que o Na tal nos traz". The accompaniment includes Triangle and Bass Drum parts.

*Natal! Natal!
Sobe aos céus a nossa voz
Natal! Natal!
Feliz para todos nós!*

*Tocaem felizes os sinos
Espalhando paz e amor
Os anjos entoam hinos
Já nasceu o salvador*

*Glória a Deus nas alturas
E na Terra aos Homens, paz
Grande mensagem de amor
Esta que o Natal nos traz*

*Amigos dêmos as mãos
Cantemos com alegria
Para que possamos viver
O Natal em cada dia!*

¹⁸ Disponível em: <http://www.angelfire.com/80s/traquinas/Links/cancoesdenatal.htm>. Acedido a 17 de Novembro de 2013. Adaptação musical por Cristiana Afonso.

Anexo 7 – Canção: “Canção de Natal 2”¹⁹

Canção de Natal 2

Flauta

f O Me ni no, o Me ni no 'stá dei ta do Sobre a pa lha às p'ra e fri a
p Ai, os an jos, ai os an jos 'stão can tan do Gló ri a à Vir gem Ma ri a

Xylophone

O Me ni no, o Me ni no 'stá dei ta do Sobre a pa lha às p'ra e fri a
p Ai, os an jos, ai os an jos 'stão can tan do Gló ri a à Vir gem Ma ri a

Triângulo

f

Bombo

5

Fl.

mf Co mo es tais, co mo es tais tão ga lan ti nho, Ver bo en car na do Di vi no

Xyl.

mf Co mo es tais, co mo es tais tão ga lan ti nho, Ver bo en car na do Di vi no

Tri.

Bombo

*Adorando, adorando o Deus Menino,
Lá estão os três pastorinhos
Com a fé, com a fé no coração
E na mão os cordeirinhos
Como estais, como estais tão galantinho,
Verbo encarnado Divino.*

¹⁹ Disponível em: <http://www.angelfire.com/80s/traquinas/Links/cancoesdenatal.htm>. Acedido a 17 de Novembro de 2013. Adaptação musical por Cristiana Afonso.

Anexo 8 – Canção: “Natal de Évora”²⁰

2

Natal de Évora

The musical score is written in 4/4 time. It consists of two systems. The first system has a vocal line and two piano accompaniment parts labeled 'Tri.' and 'B. D.'. The lyrics are: 'O me ni no es tá dor min do Nas pa lhi nhas des pi di nho'. The second system starts at measure 22 and has the same parts. The lyrics are: 'Os an jos Lhe' stão can tan do Por a mor tão po bre zi nho'.

O menino está dormindo] (BIS)
Nos braços da virgem pura.

Os anjos lhe'estão cantando:] (BIS)
"Hosana lá na altura".

O menino está dormindo] (BIS)
Nos braços de S. José,

Os anjos lhe'estão cantando:] (BIS)
"Glória tibi domine".

²⁰ Disponível em: <http://vitaminac.sdpjleiria.com/o-menino-esta-dormindo/>. Acedido a 17 de Novembro de 2013. Adaptação musical por Cristiana Afonso.

Anexo 9 – Apresentação *Prezi* sobre os instrumentos de altura definida e indefinida

Instrumentos de altura definida e indefinida
Instrumentos da sala de aula

Instrumentos de altura definida

- Têm a altura do som e o timbre determinado;
- Sabe-se que nota se está a tocar.

Instrumentos de altura indefinida

Xilofones

- Xilofone Soprano - XS
- Xilofone Baixo - XB
- Xilofone Contralto - XC


Metalofones

- Metalofone Soprano - MS
- Metalofone Baixo - MB
- Metalofone Contralto - MC


Jogo de sinos

Dividem-se em madeiras (xilofones) e em metais (metalofones)

Jogos de sinos



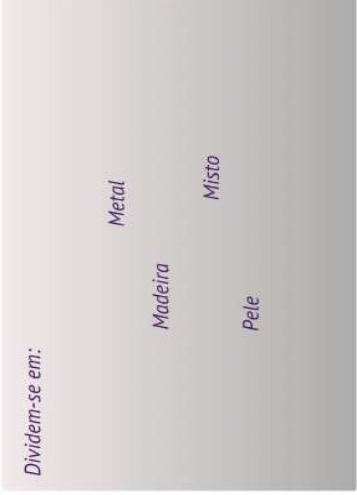
Jogo de sinos contralto



Jogo de sinos soprano

Instrumentos de altura indefinida

- Produzem som mas não se sabe a sua altura;
- Não se sabe que nota estão a tocar.



Madeiras



Clavas



Blaca de dois sons



Caixa chinesa



Castanholas



Reco-reco



Maracas

Metais



Gulzeira



Pratos



Wind chime



Gongo



Piano suspenso




Crátalos




Triângulo


Peles




Caixa de rufo




Timbales




Tamborim































Tambor



Bongôs



Congas

ALURA INDEFINIDA	 Maracas	 Tambor
	 Claras	 Tamborim
	 Caba de china	 Bongos
	 Reco-reco	 Timbale
	 Bloco de dois tons	 Cabo de rufu
	 Caxambolas	 Pandeirola
	 Triângulo	 Triângulo
	 Guizeta	 Guizeta
	 Pratos	 Pratos
	 Prato suspenso	 Prato suspenso
 Caxambolas/embalagens	 Caxambolas/embalagens	
 Pandeirola	 Pandeirola	
ALURA DEFINIDA	 Xilofone	 Metalofone
	 Jogo de pratos	 Jogo de pratos

Instrumento misto



Pandeirola

Anexo 10 – Ficha sobre os instrumentos de altura definida e indefinida



Disciplina: Educação Musical Ano/Turma: 5º C Data: ____ / ____ / 2014

1. Indica a altura dos instrumentos completando com Definida ou Indefinida



a) _____



b) _____



c) _____



d) _____



e) _____



f) _____



g) _____



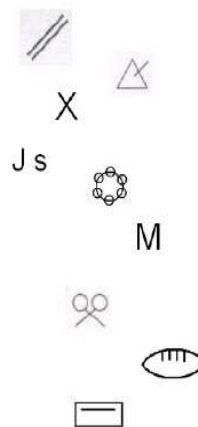
h) _____



i) _____

2. Faz corresponder o símbolo ao instrumento

- Maracas ●
- Pandeireta ●
- Caixa chinesa ●
- Metalofone ●
- Reco-Reco ●
- Xilofone ●
- Clavas ●
- Jogo de sinos ●
- Triângulo ●



Anexo 11 – Ficha sobre os símbolos dos instrumentos Orff



AGUSTO MORENO
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
CÓDIGO 150799

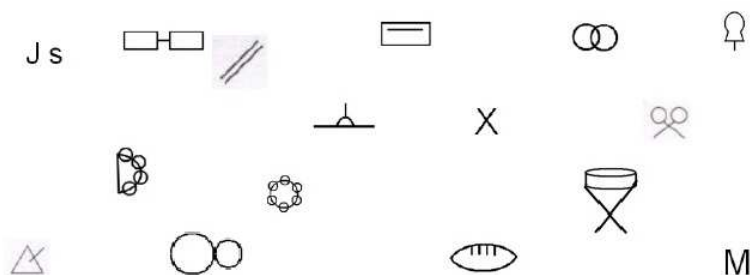


Disciplina: Educação Musical **Ano/Turma:** 5º C **Data:** ____ / ____ / 2014

- 1) Ouve com atenção os seguintes trechos musicais. Identifica o nome dos instrumentos e a sua altura.
- 2) Coloca o símbolo correspondente a cada instrumento.

Número	Nome	Altura	Símbolo
1			
2			
3	Crótalos	Indefinida	
4			
5			
6			
7	Bloco de dois sons	Indefinida	
8			
9			
10			
11			

Exemplos de símbolos Orff:



Anexo 12 – Canção: “Hino à Alegria”²¹

Hino à Alegria

L. V. Beethoven

0

15

²¹ Disponível em: http://maiseducaomusical.blogspot.pt/p/5-ano_2.html. Acedido a 3 de Março de 2014.

Anexo 13 – Exercícios de percussão corporal

Percussão Corporal

1
 ME - Peito □ □
 MD - ESTALO / / / /
 MD/ME - PALMAS P E P E
 MD - ESTALO

2
 ME - Peito □ □ □ □
 MD - ESTALO / / / / / / / /
 ME - ESTALO P E E E P E E E
 MD - ESTALO
 MD/ME - PALMAS

3
 ME - Peito □ □ □ □
 PD - Peito P P E E P P E E
 PE - ESTALO
 PD - ESTALO
 PD/ME - Palma
 PD/PE - Palma

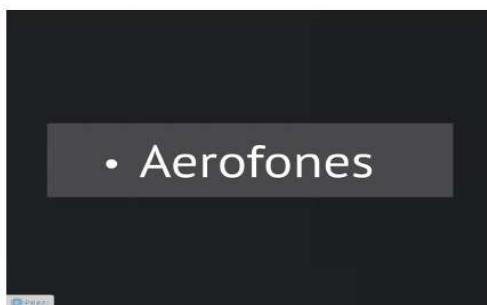
- Peito | | | |
 / / / /
 P P P P

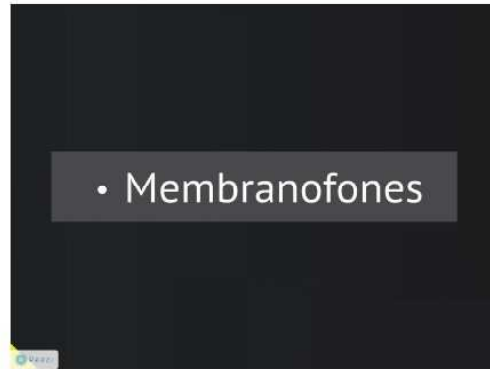
- Peito - estalo □ □ □ □
 / / / /
 P P E E

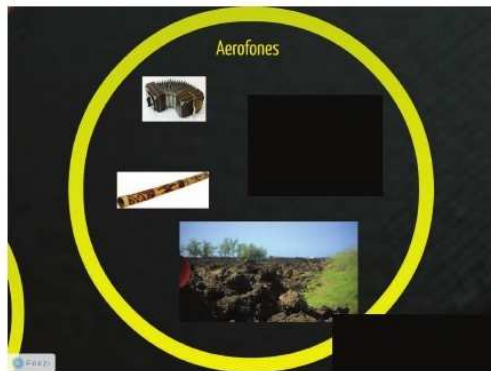
- PE - Peito □ □ □ □
 / / / /
 PD - ESTALO P E P E
 PD/ME - Palmas

- ME - Peito PE - Peito □ □ □ □
 - PD - ESTALO ME - Peito / / / /
 - PD/ME - Palma MD - ESTALO P E P P P E

Anexo 14 – Apresentação Prezi sobre a família dos instrumentos musicais





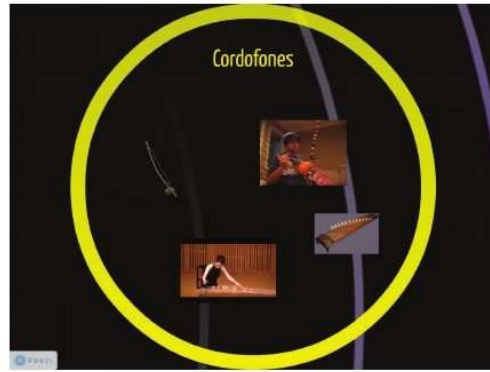




Cordofones



Produzem som pela vibração de cordas

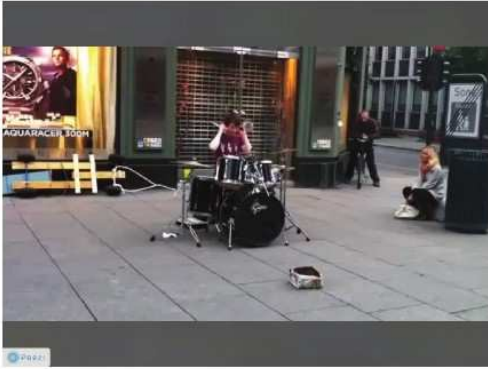




Membranofones

Produzem som por meio da vibração de membranas.







Idiofones

Produzem som através da vibração de seu próprio corpo.



Anexo 15 – Canção: “Canção do Adeus”²²

DOCUMENTAÇÃO PRÁTICA

Peça musical com pontos de aumentação

A musical score for a piece with augmentation points. It consists of three staves (treble, alto, and bass clefs) in 3/4 time. The melody is written in the treble clef. The score is divided into two systems. The first system ends with a double bar line and a first ending bracket labeled '1.'. The second system begins with a second ending bracket labeled '2.'. The music features various note values including quarter, eighth, and sixteenth notes, as well as rests.

Peça musical com entrada em anacrusa

Canção do Adeus

A musical score for the song "Canção do Adeus". It consists of three systems of three staves each (treble, alto, and bass clefs) in 4/4 time. The melody is written in the treble clef. The lyrics are written below the treble staff. The score includes a key signature of one flat (Bb) and a common time signature (C). The lyrics are: "Che-gou a ho-ra do a-deus ir-mãos va-mos par-tir com fé e con-fi-an-ça ir-mãos va-mos nos des-pe-dir. Par-ti-mos com a Esperança ir-mãos de um dia a-qui vol-tar com fé e con-fi-an-ça irmãos par-ti-mos a can-tar". The score includes various note values and rests, and ends with a double bar line.

²² Canção retirada de: Neves, Amaral, & Domingues, 2014, p. 91.

**Anexo 16 – Canções de carnaval: “Olha o Carnaval”, “Viva o Carnaval” e
“É Dia de Carnaval”²³**

Flauta
 Solsol sol sol / la lala la la / si sisi si si / do sol solsol sol sol / fa fa fafa fa fa / mi .
 mi..... fa..... Sol mi mi re re do

Xilof -... solsol sol sol / sol -----lala la la / la ----- sisi si si / si ---- dodo do do / do //
 Do do / si si / dodo dodo / do //

Do fa sol do

Olha o Carnaval a espreitar, abre os teus olhinhos para o ver chegar
 Do fa sol do

Ele é tão bonito, todo enfeitado, muito colorido e mascarado
 Fa sol do do(la-)

Carnaval, Carnaval, já te vi aí, podes aparecer anda lá brincar
 Fa(re-) sol do

que só são 3 dias e vais viajar.

Flauta - Solsol/ do do do do/ re re re do / si la sol fa / mi //
solsol/ la la la sol / fa fa la / sol sol la si / do .

Xilof – dore mifa / sol sol / solfa mire/ do do // fasol la/ sol sol / solla si / do do //
 Do sol sol do fa(re-) sol sol do

Carnaval ó Carnaval, festa de tanta alegria://vimos cantar e bailar toda a noite e todo o dia.
 Do sol sol do fa(re-) sol sol do

Toda a noite e todo o dia enquanto solteira for:// que depois de casadinha já me ralha o meu amor
 Do sol sol do fa(re-) sol sol do

Dançam novos, d. velhos, dança tudo em geral, não há festa mais bonita do que o nosso Carnaval
 Do do sol dó

Viva o zé Pereira, viva o Carnaval, viva a alegria que a ninguém faz mal. (bis)

Flauta Do/ do dodo do do/ do dodo do do / si sisi si si / do //
 Sol/ sol.... / la / sol..... sol/ sol //
 Mi/ mi..... / fa / re / mi //

Xilof – ...mi fa sol / fa sol la / sol la si / do do //
Do si la sol / sol sol / sol fa me re / do do //

Do fa sol do

Cai a chuva, cai a chuva, cai a chuva no jardim
 Fa do sol do

Gosto de brincar à chuva, mas depois atchim atchim.
 Do fa sol do

Cai a chuva, cai a chuva, cai a chuva e não faz mal
 Fa do sol do

Hoje posso brincar à chuva, que é dia de Carnaval.

²³ Cedido e adaptado musicalmente por Artur Fernandes.

Anexo 17 – Correção da ficha de avaliação sumativa



Ficha de Avaliação Sumativa

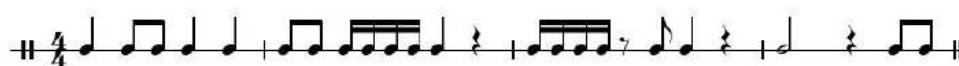
Disciplina: Educação Musical

Data: 18 /11 / 2013

Ano:

Turma:

1) Ditado rítmico



2) Ditado melódico-auditivo



3) Identificação de frases

a) AAB

b) ABA

c) ABC

d) ABB

4) Identificação de compasso

a) Quaternário

b) Binário

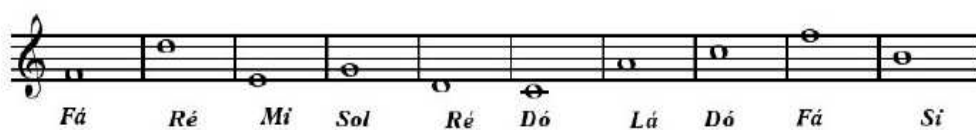
c) Binário

d) Ternário

5) Ditado rítmico melódico



6) Identificação de notas



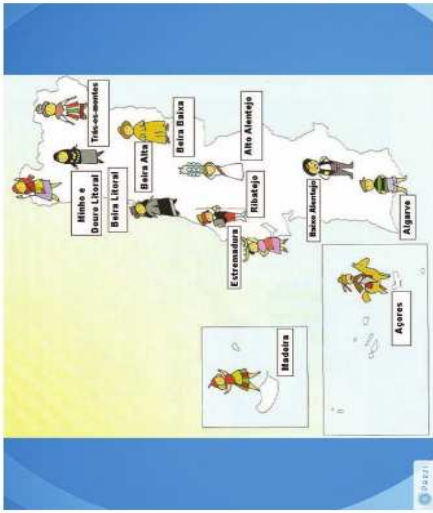
7) Complete o seguinte quadro:

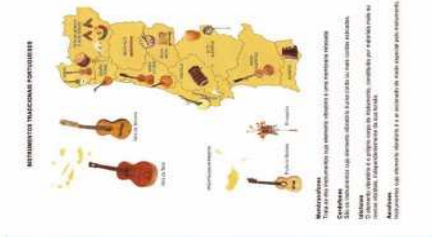
Figura	Pausa	Nome	Tempo
		Semínima	1 Tempo
		Semicolcheia	$\frac{1}{4}$
		Semibreve	4 Tempos
		Mínima com ponto	3 Tempos
		Mínima	2 Tempos
		Colcheia	$\frac{1}{2}$

Cotação:

- 1) 1x16=16 pontos 2) 1x16=16 pontos 3) 3x4=12 pontos 4) 3x4=12 pontos 5) 1x16=16 pontos
6) 1x10=10 pontos 7) 1x18=18 pontos **Total: 100 pontos**

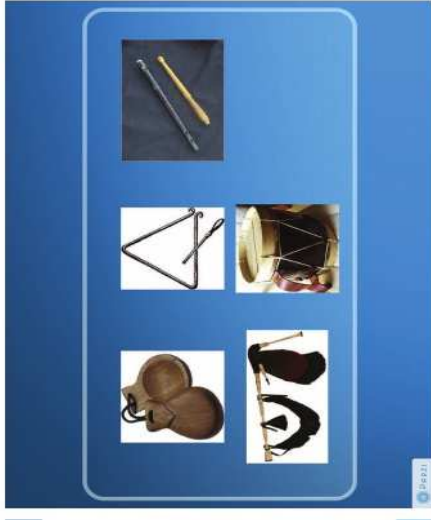
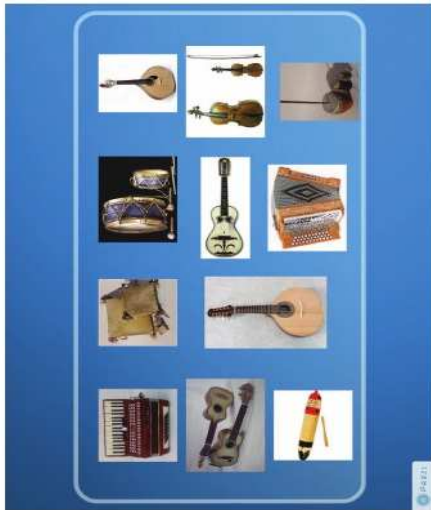
Anexo 18 – Apresentação *Prezi* sobre a Música Tradicional Portuguesa





Instrumentos

Violas portuguesas (várias)	Reco-reco
Guitarra portuguesa	Castanholas
Acordeão	Ferrinhos
Gaite de foles	Adufe
Caixa de ritmo	Sarronca
Bombo	Cavaquinho
Tamboril	Rabeca
Flauta	Concertina
Bandolim	



Ó Ferreiro Guarda a Filha

O FERREIRO GUARDA A FILHA,
NÃO A TRAGAS A JANELA,
ANDA AI LUM SURETINHO,
QUE NÃO TIRA OS OLHOS DELA.

VAI TU VAI TU VAI BELA,
VAI TU PRÁ TERRA DELA,
VAI TU VAI TU VAI BELA,
VAI TU PRÁ TERRA DELA.

E DO MEU GOSTO
E DA MINHA OPINIÃO
HELDE AMAR A MORENINHA
DA RAIZ DO CORAÇÃO
E DO MEU GOSTO
E DA MINHA OPINIÃO
HELDE AMAR A MORENINHA
DA RAIZ DO CORAÇÃO

Ó Ferreiro guarda a Filha
Mário Pezão
Adapt. por José Carlos de Aguiar

The image shows the musical notation for the song 'Ó Ferreiro Guarda a Filha'. It consists of three staves of music. The first staff is the melody, the second is the bass line, and the third is the guitar accompaniment. The key signature is one flat (B-flat), and the time signature is 2/4. The lyrics are written below the notes.

E B7 E B7 E B7 E B7
E E7 A D#m E C#7 F#m B7
E m7 E7 A D#m E C#7 F#m B7
E m7 G#m F#m E B7 E

A Caminho de Viseu

V 07
Indo eu, indo eu,

C
A caminho de Viseu, {Bis}

07
Encontrei o meu amor,

C
Ai Jesus, que lá vou eu! {Bis}

refrão

Ora zus, truz, truz,
Ora zás, trás, trás,
Ora chega, chega, chega,
Ora arreda lá pr'a trás!

C

Indo eu, indo eu,
A caminho de Viseu,
Escorreguei, torci um pé,
Ai que tanto me doeu!

{Refrão}

Vindo eu, vindo eu,
Da cidade de Viseu,
Deixei lá o meu amor,
O que bem me aborreceu!

{Refrão}

²⁴ Disponível em: <http://www.cifras.com.br/cifra/musica-popular-portuguesa/a-caminho-de-viseu/>.
Acedido a 28 de Março de 2014.

Alecrim

{B}A{C}lecrim alecrim aos no{Dm}lhos
por causa de ti

choram os meus o{C}lhos

ai meu am{F}or

quem te disse a {C}ti

que a flor do mon{B}te

era o alecr{C}im

Alecrim alecrim dairado

que nasce no monte

sem ser semeado

ai meu amor

quem te disse a ti

que a flor do monte

era o alecrim

²⁵ Disponível em: <http://www.cifras.com.br/cifra/musica-popular-portuguesa/alecrim/>. Acedido a 28 de Março de 2014.

Apita o comboio

(C)Apita o comboio que coisa tão linda

Apita o comboio perto de Coimbra
 Apita o comboio lá vai apitar
 Apita o comboio à beira do mar
 à beira do mar, mesmo à beirinha
 Apita o comboio no centro da linha
 Apita o comboio debaixo do chão
 Apita o comboio cá na estação
 Apita o comboio lá vai a apitar
 Apita o comboio à beira do mar
 à beira do mar, mesmo à beirinha
 Apita o comboio no centro da linha
 Apita o comboio sobre o rio Douro
 Apita o comboio ao chegar ao Porto
 Apita o comboio lá vai a apitar
 Apita o comboio à beira do mar
 à beira do mar, mesmo à beirinha
 Apita o comboio no centro da linha
 Apita o comboio logo de manhã
 Vai cheio de moças para à covilhã
 Apita o comboio lá vai a apitar
 Apita o comboio à beira do mar
 à beira do mar, mesmo à beirinha
 Apita o comboio no centro da linha

²⁶ Disponível em:

<http://www.cifras.com.br/cifra/musica-popular-portuguesa/apita-o-comboio/>.
 Acedido a 28 de Março de 2014.

Bailinho da Madeira

Introdução: **D A D A D**

refrão

D G
Deixem passar

D
Esta linda brincedeira,
A
Que a gente vamos bailar

D
Pr' a cantinha da Madeira! (Bis)

D A D A D (2x)

D A
Eu venho de lá tão longe,
D
ei eu venho de lá tão longe,
A
Venho sempre à beira-mar,
D
venho sempre à beira-mar.
A
Trago aqui estas "colbinhas",
D
trago aqui estas "colbinhas",
A
Pr' amanhã, pr' seu jantar,
D
pr' amanhã, pr' seu jantar.

Refrão (Bis)

D A D A D (2x)

A Madeira é um jardim,
a Madeira é um jardim,
No mundo não há igual,
no mundo não há igual.
Seus encantos não têm fim,
seus encantos não têm fim,
É via de Portugal,
é via de Portugal.

Refrão (Bis)

D A D A D (2x)

²⁷ Disponível em:

<http://www.cifras.com.br/cifra/musica-popular-portuguesa/bailinho-da-madeira/>. Acedido a 28 de Março de 2014.

Cheira a lisboa

Am
Lisboa já tem sol nas cheira a lua,
E7
Quando nasce a madrugada sorrateira
E o primeiro eléctrico da rua
Dm E7 Am
Faz coro c'oa chinela da Ribeira,
Dm Am
Se chove, cheira a terra prometida,
E7 Am
Procissões têm cheiro a rosmaninho,
Dm Am
Na tasca da viola mais escondida,
E7 A
Cheira a iscas (com elas) e a vinha.

refrão

A
Um craveiro numa água furtada,
E7
Cheira bem, cheira a Lisboa!
Uma rosa a florir na tapada,
A
Cheira bem, cheira a Lisboa!
E7
A fragata que se ergue na proa,
A
A varina que treme em passar,
A7 D
Cheiram bem porque são de Lisboa,
A E7 A
Lisboa tem cheiro de flores e de mar!

Lisboa cheira aos cafés do Rossio,
E o fado cheira sempre a solidão,
Cheira a castanha assada, se está frio,
Cheira a fruta madura, quando é Verão.
Nos lábios tem o cheiro dum sorriso,
Manjerico tem o cheiro de cantigas,
E as rapazes perdem o juízo
quando lhes dá o cheiro a raparigas.

{Refrão}

Eu Ouvi O Passarinho

Intro: **C F** (4x)

C F
Alentejo quando canta

C
Pelo dedo é solido

F
Traz alma na garganta

C
E o sonho no coração

C F
Eu ouvi o passarinho

C
Às quatro da madrugada

F
Cantando lindas canções

C
À porta da sua amada

C F
Por ouvir cantar tão bem

C
A sua amada chorou

F
Às quatro da madrugada

C
O Passarinho cantou

Final: **C F C**

²⁹ Disponível em: <http://www.cifras.com.br/cifra/musica-popular-portuguesa/eu-ouvi-o-passarinho/>.
Acedido a 28 de Março de 2014.

Machadinha

Dm

Ah, ah, ah, minha machadinha,

Ah, ah, ah, minha machadinha,

A7 Dm

A7

Quem te pôs a mão, sabendo que és minha?

A7 Dm

Quem te pôs a mão, sabendo que és minha?

Sabendo que és minha, também eu sou tua,
 Sabendo que és minha, também eu sou tua,
 Salta machadinha, p'ro meio da rua,
 Salta machadinha, p'ro meio da rua.

No meio da rua não hei-de ficar,
 No meio da rua não hei-de ficar,
 Eu hei-de ir à roda, escolher o meu par,
 Eu hei-de ir à roda, escolher o meu par

³⁰ Disponível em: <http://www.cifras.com.br/cifra/musica-popular-portuguesa/machadinha/>. Acedido a 28 de Março de 2014.

Malhão

(C) Ó malhão, malhão (G)

Que vida é a tua

Ó malhão, malhão

Que vida é a tua

Comer e beber

Ó trim tin tin

passear na rua

Ó malhão, malhão

Ó malhão vem ver

As ondas do mar

Ó trim tin tin

Aonde vão ter

Ó malhão, malhão

Ó malhão do norte

Quando o mar está bravo

Quando o mar está bravo

Faz a onda azul

Ó malhão, malhão

Ó malhão do Porto

Quem morreu morreu

Ó trim tin tin

Quem morreu está morto

³¹ Disponível em <http://www.cifras.com.br/cifra/musica-popular-portuguesa/malhao/>. Acedido a 28 de Março de 2014.

Mulher gorda

{x2}

Am A mulher gorda para mim não me convém **E**

eu não quero andar na rua com as banhas de ninguém **Am**

{Refrão 2x}

Dm Ai Ai Aiii... Eu gosto dessa mulher **Am**

quero tê-la ao pé de mim, beijá-la quando quiser **E** **Am**

{x2}

A mulher do Mickey para mim não me convém
eu não quero andar na rua com a rata de ninguém

{Refrão 2x}

{x2}

A mulher baixa a mim não me convém
eu não quero andar na rua com o banco de ninguém

{Refrão 2x}

{x2}

A mulher alta a mim não me convém
eu não quero andar na rua com o poste(escadote) de ninguém

{Refrão 2x}

{x2}

A mulher negra a mim não me convém
eu não quero andar na rua com o esqueleto de ninguém

³² Disponível em <http://www.cifras.com.br/cifra/musica-popular-portuguesa/mulher-gorda/>. Acedido a 28 de Março de 2014.

Oliveira da serra

Oliveirinha da serra, E

Que'o vento leva a flor. {Bis} E

Ó-1-ó-ai, só a mim ninguém me leva, B7 E

Ó-1-ó-ai, para o pé do meu amor. {Bis} B7 E

Oliveirinha da serra,

Que'o vento leva a ramada.

Ó-1-ó-ai, só a mim ninguém me leva,

Ó-1-ó-ai, para o pé da minha amada.

³³ Disponível em <http://www.cifras.com.br/cifra/musica-popular-portuguesa/oliveira-da-serra/>. Acedido a 28 de Março de 2014.

Anexo 21 – Canção: “Deus Está Aqui”³⁴

\1 Deus está aqui

FLAUTAS

Do do si si / dosiladol mi sol / do do si la /sol sol /
/fa fa solfamire /mi la / fa sol la si do do .

Re re y dodore do do re re y dosila sol sol
Si si y solsolfa sol sol si si y solsolfami mi

METALOFONE

(do sol la-mi-/fa sol do do /re- sol mi la-/fa sol do do(Bis)
sol sol do do/sol sol do do(bis)

Xilofones

Sol mifa/sol sol /solsol mifa/sol sol / fa mi re re/mimi mifa mi
Fa remi/ fa fa / mi re / do do / re remi/ fa sol / mi mi .

Si si solsolfa sol sol si si solsolfami mi

2 Acto penitencial (Senhor tem piedade de nós)

FLAUTA

Do sol sol / la solmi sol /fa mi mi /re mi fa .

Mi sol sol / do la sol la / do la sol fa /mi .

METALOFONE - mi mi mi /fa mi fa /sol sol la sol / la si do

Miredosi.....

XILOFONE - Dosiladol ,silasolfa ,lasolfami mi /lasolfami, solfamire, famiredo re /
Dosiladol ,silasolfa ,lasolfami mi /lasolfami famiredo do

(corda re)

VIOLINO -Mi fa sol sol / la si do do / fa sol la la / si dore re
Mi fa sol sol / la si do do / fa mi re re / do /

³⁴ Cedido e adaptado musicalmente por Artur Fernandes.

Anexo 23 – Apresentação PowerPoint sobre a música de intervenção Portuguesa



- Música popular
- Chamar a atenção para um determinado problema da atualidade
- Combater a injustiça através da música
- Conta uma história
- Faz a mensagem
- Mensagem de luta anti fascismo



A slide with a black background. On the left, there is a list of six bullet points in white text. On the right, there is a circular yellow icon with a black megaphone inside.

Principais músicos



Adriano
Correia de
Oliveira



Frisco
Bordalo Dias



José Afonso

A slide with a black background. At the top, the text "Principais músicos" is written in white. Below this, there are three small, square, black and white photographs of musicians. Each photograph has a name written below it in white text.

Principais músicos



Luis Cilia



Brigada
Victor Jara



Sergio
Godinho

A slide with a black background. At the top, the text "Principais músicos" is written in white. Below this, there are three small, square, black and white photographs of musicians. Each photograph has a name written below it in white text.

TA) Vem Noivo - DO LA- FA RE- SOL DO (BIS)

7 - Cordeiro de Deus

SOL DO RE- NI-
Cordeiro de Deus, que tiras o pecado do mundo
1. e 2. - Tem piedade de nós (bis) LA- RE SOL NI- LA- RE SOL DO SOL
3. - Dá-nos a tua paz. (bis)

9 - Comunhão NI- FA RE- FA SOL DO
Via de afor, és Tu Jesus o Pão do céu que nos transformas em Ti.

FA RE- SOL NI- FA DO FA DO
1. Não, não estamos só sobre esta terra, pois Tu ficaste entre nós para nos saciar.
2. És o Pão da vida e inflammas com o teu amor toda a humanidade. DO

2. Sim, temos o céu sobre esta terra, pois Tu ficaste entre nós, mas nos levas contigo para Tua casa onde viveremos junto de Ti toda a eternidade.

3. Não, a sombra da morte não nos assusta pois Tu ficaste entre nós, e quem vive de Ti vive pra sempre és Deus conosco, és Deus pra nós, és Deus no meio de nós.

10 - Pós-Comunhão

RE- LA
Descalcei as sandálias, fechei a porta e entrei. Num lindo bosque de Dãtono, Deus
me falou e eu rezei. RE-
Descalcei as sandálias, pisei o grão que dá vida. Fiquei guardando a lição, de cada
folha caída. RE+

RE (FA) NI- LA RE (FA) NI- LA RE
1. No silêncio abri meu coração como uma flor, e por um grão por tanta falta de amor
Olhei pra Jesus, Jesus também me olhou e um olhar de amor sobre mim lançou. RE-

2. No silêncio vi, uma nova luz, lado a lado comigo caminhava Jesus. Na brisa suave, no
passarano e cantar. Entre as folhas caídas vi Jesus a andar.

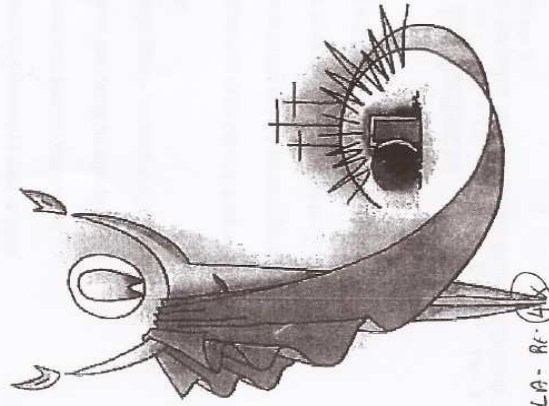
11 - Final

DO SOL LA- FA DO SOL LA-
Se creês em Deus, se acreditas que Ele te vai voltar, segue o caminho que Jesus te veio
ensinar. Então verás que a vida se pode tornar melhor. DO DO7
Canta, canta, canta o que Deus nós veio ensinar, que a maneira de chegar ao céu
é amar, é amar, é amar, é amar. DO NI- LA- SOL
é que há no Senhor. DO

3. Se Deus quiser vai de deixar de pensar egoísta e assim vou dar tempo ao tempo para O
adorar, serrei feliz e comigo será tudo o que cantar. DO DO7

Páscoa na Escola

Agrupamento de Escolas Abade de Baçal



ADULT

RE- LA- DO LA- RE- LA7
SIB DO LA- SIB SIB DO LA- LA7
RE- DO SIB DO RE- DO SIB DO

Catedral de Bragança
10 de abril – 10h30m

³⁶ Cedido e adaptado musicalmente por Artur Fernandes.

D^o SOL LA - *
1 - Entrada: "Deus está aqui"
 FA SOL DO *
 Tão certo como o ar que respira
 FA SOL ni LA -
 Tão certo como a manã que se levanta
 RE - SOL DO *
 Tão certo como este canto que podes ouvir

SOL
 Tu O podes ouvir movendo-se entre os ramos
 Tu O podes ouvir cantando conosco aqui
 Tu O podes levar quando por estas portas saís
 Tu O podes guardar para sempre no teu coração

REFRÃO

Tu O podes notar ao teu lado neste instante
 Não sejas também daqueles que não o querem ver
 Podes-lhe contar esse problema que tens
 Jesus está aqui, se quiseres podes segui-Lo.

2 - Acto Penitencial

DO ni - LA - * FA LA - RE - * DO ni - LA - * FA SOL
 Senhor, tem piedade. Senhor, tem piedade de nós. Senhor, tem
 piedade DO *
 Cristo, tem piedade. Cristo, tem piedade de nós. Oh, oh,
 Cristo, tem piedade.

3 - Salmo Responsorial

DO ni - LA - SOL LA - ni - FA RE - SOL (bis)
 LA - ni - LA - SOL LA - ni - FA RE - SOL

4 - Aclamação ao Evangelho DO SOL LA - ni - FA DO RE - DO
 (taizé)
 Aleluia, o Senhor ressuscitou, vamos cantar, Aleluia
 RE - SOL

5 - Apresentação dos Dons: "Hino de Louvor"

Se a tua voz trouxer mil vezes para cantar,
 vais descobrir mil harmonias belas
 Sí - que ao céu não-de chegar. ni
 FA - mais rica a alma de quem dá. ni
 ni - mais alto o hino de quem vive a partilhar.

Tu tens que dar um pouco mais do que tens,
 tens que deixar um pouco mais do que há, RE
 se vais ficar muito orgulhoso - vê bem, ni
 tens que te lembrar. ni
 és o gracinho de uma praça maior,
 e deves dar tudo o que tens de melhor, RE
 pr'avalhar a tua Alma: há leis! ni
 Tu tens que dar um pouco mais do que tens! LA

Olhou pra Deus, sentiu que a sorte estava alt.
 E com valor foi conseguindo
 tornar bem o que até era mau.
 ni - E graça a graça construiu o seu poder. ni
 ni - E pouco a pouco subiu a escadaria do Amor.

O tempo vai e de um repente um Homem vem.
 Sem medo de o teu destino
 vai em frente pra servir o Bem.
 ni - É tão profunda a mensagem que chegou, ni
 ni - São tão seguras e largas as portas qu'Ele deixou.

6 - Santo

FAH - SOL
 Hossana, ni, Hossana ni, Hossana ni, Hossana ni, RE
 Ele é o Santo, é o nosso salvador, é o rei de Israel, é o Cristo Redentor.

1
1 Deus está aqui

FLAUTAS

Do do si si / dosilasol mi sol / do do si la / sol sol /
/fa fa solfamire /mi la / fa sol la si do do .

Re re y dodore do do re re y dosila sol sol
Si si y solsolfa sol sol si si y solsolfami mi

METALOFONE

(do sol la-mi-fa sol do do /re- sol mi la-fa sol do do(Bis)
sol sol do do/sol sol do do(bis)

Xilofones

Sol mifa/sol sol /solsol mifa/sol sol / fa mi re re/mimi mifa mi
Fa remi/fa fa / mi re / do do / re remi / fa sol / mi mi .

Si si solsolfa sol sol si si solsolfami mi

2 Acto penitencial (Senhor tem piedade de nós)

FLAUTA

Do sol sol / la solmi sol /fa mi mi /re mi fa .

Mi sol sol / do la sol la / do la sol fa /mi .

METALOFONE - mi mi mi /fa mi fa /sol sol la sol / la si do

Miredosi.....

XILOFONE - Dosilasol ,silasolfa ,lasolfami mi /lasolfami, solfamire, famiredo re /
Dosilasol ,silasolfa ,lasolfami mi /lasolfami famiredo do

(corda re)

VIOLINO -Mi fa sol sol / la si do do / fa sol la la / si dore re
Mi fa sol sol / la si do do / fa mi re re / do /

4 Aleluia

metalofone - Mi re do si la sol la (si) sol

FLAUTA - Do si la sol fa mi re sol (do)

MET. Baixo - Do sol la- mi- fa do fa sol

JSS - Sollasollasol sol / sollasolla sol sol / lasilasi do do / doredore re (do)

Flauta - Do mifasol miredododore mi / fa solfa mi fa mi re sol (do)

5 Ofertório (Dar Mais)

.... La la la si la / la la / la la la si la / mi mi /

Si si si mi mi / fa# fa# / fa# fa# fa# fa# / mi mi /

Si si si / la la la / la la do# do# / mi mi /

Si si si / la la la / la la fa# fa# / mi mi /

La la la la / La la la la / si si si si / re do# re /

La la la la / mi mi mi mi / la la do# do# / si mi /
La .

6 Santo

....la la si/la la la si/la / si la sol sol / la /

La sol fa# fa# / si la sol sol / sol fa# mi mi / re /

Metalofone - re re / la la / si si / la la // la la / si sol / si sol / la la

Violino - Re do# re / do# si do# / re do# si do# / re /

Fa# mi re re / sol fa# mi mi / la sol fa# mi / re re /

Xilofone - Rere rere re / mi...../sol..../la....

7 Pai nosso

Do redoredosi/la silasilasol/fa solfasolfami/re mifasollasi/do (bis)

Xilofone - Do mi sol /la do mi / fa la do / re fa sol famire

Do do la-la- fa fa re- sol met-sol do /mi re mi / la do / redo re /

Xilofones -Do re mi mire/ Do re mi mire/ Do re mi fami/ redo sila /sol

8 Cordeiro de Deus

.... Sol sol mi sol/ la lalasal la/ si re si la /sol sol /

/doredosi la la /lasilasol la la /silasido re re / silasila sol sol /

doredosi la la /lasilasol la la / si do si //

XILOFONE (2ªParte)- la sol /la la / re mi/re re / sol la/sol sol /
mi re / mi mi /la sol /la la / re mi/re re / sol sol sol

metal- do re / mi mi /re mi/re / si do/si la / si / si /
do re / mi mi /re mi/re sol sol/mi mi/sol / sol

9 Pane del Cielo

Flauta - Mi fa sol/ sol / la si do' / sol //
Do re mi/ mi re / fa mi do re do do //

Fa fa sol fa re re re mi re do re // Sol sol sol la sol do mi //
..fa fa/ do do re do // mi fa sol re sol //
La si do si la sol la mi // sol la sol do re do //

METALOFONE - (do sol fa do la- re- fasol do bis //
fa re- sol mi- fa do // fa do la- sol la- sol la- mi- fa fa)

XILOFONE - Do si la sol / fa mi re do / do re mi fa / mi . //
Re do
la la / re do si la / si si / mi re do si / do do / do //
la la / sol sol sol (3x) si si / re re re do do do Do /

4

FLAUTA 2

do sol do / silasolfami re / la mi la / solfamire mi / mi fa sol la /
fa sol la si / do si la sol / sol sol /

fasol la la / fasol la la / solla si si / solla si si / fasol la la /
sol sol / la do la / sol sol / la do la / sol sol /
mi fa sol / sol la si / mi fa sol / si do re . / do la sol / sol sol

10 Descalcei as sandálias

Re re / sibla sib / re re / la sol la / re re / do# la la / la sol lasib / la /

....si la sol fa# / mi / la sol fa# mi / re / sol la si re / do# do# / re la la sol / fa# (re)

Met- Re la re / Re la re / re la la / la la Re // re la sol / lalala / lala sisi / la la re

Xilof-..... solsolsol fa la solfafafa mi sol famimimire fa mirereredo mi re
2x(sollasolla....)

.... Silasila si la silasollasol la sol la Sollasolla sol la si lasilasila si la
....

11 Final (Cantarei)

Metalof - Do do * sol sol la la fa fa (3x) mi mi mi

Fa fa sol sol mi mi mi mi / (4x)

Do / * si la sol fa / sol / la sol fa mi

Solsolsolsol la si la sol fa / sol do / fasollasi do (re)

Solsolsolsol la si la sol fa / sol do / fasollasi do (re) do

do do do do la / re re re re si / mi re / do si la sol

La la la re / si si si re / do si la sol / do

JSS -Do re mi do / *re re / do re mi do / fa fa / do re mi fa / sol la si do /
Do do / la la / do si la sol / sol sol / do si la sol / fa fa / sol sol sol

La la la la fa / si si si si sol / do si / la sol fa mi / fa fa fa / fa
la / Sol sol sol fa / mi re do re / do

FELIZES OS QUE AMAM O SENHOR SALMO 118 (119)

**Felizes os que amam o Senhor,
Felizes os que andam seus caminhos,
Felizes são os pés daqueles
Que vivem e anunciam a verdade.**

1. Felizes aqueles cuja vida é pura
E caminham na vontade do Senhor;
Felizes os que observam Seus preceitos
E O procuram de todo o coração

2. Promulgaste, Senhor, os Vossos mandamentos,
Para serem observados fielmente,
Oxalá se firmem os meus passos
Na observância da Vossa lei.

3. Mostrai-me, Senhor, o Vosso caminho
Para que o siga na fidelidade,
Ajudai-me a obedecer à Vossa lei,
E a guardá-la de todo o coração.

Pe. José Luís Souto Coelho – Movimento Shalom
(p.k.a. Pe. Zé Luis)

Introdução

LA D#F#- FA#- Si - Re - D#F#- Si - (p.k.a. Pe. Zé Luis)

C Em Am G Am Em F Dm7 LA C

9 13 18 22

Fe - lizes os que a - mam o Se - nhor, fe - lizes os que an - dam seus cami - nhos, -
fe - lizes são os pés - da - que - les que vivem e anun - ci - am a verda - de - de - Fe - de -

1. Fe - li - zes a - que - les cu - ja vi - da é pu - ra e ca - mi - nham na vont - de do Senho - or, -
2. Promul - gas - te Senhor os Vos - sos man - da - men - tos, para se - rem ob - ser - va - dos fi - el - men - te, -
3. Mos - trai - me Senhor o Vos - so ca - mi - nho, para que o si - ga na fi - de - li - da - de, -

Fe - li - zes os que ob - ser - vam Seus pre - ceí - tos e O pro - cu - ram de to - do co - ra - ção. Fe
o xa - lá se fir - mem os meus pas - sos na ob - sân - cia da Vos - sa lei.
a ju - dai - me a ob - de - cer à Vos - sa lei e a guar - dá - la de to - do co - ra - ção.

Coro da Paróquia de São Pedro do Prior Velho – www.paroquia-sppv.pt

Anexo 25– Canções para comemoração do 25 de Abril³⁷

Uma Gaivota

Ontem apenas
fomos a voz sufocada
dum povo a dizer não quero;
fomos os bobos-do-rei
mastigando desespero.

Ontem apenas
fomos o povo a chorar
na sarjeta dos que, à força,
ultrajaram e venderam
esta terra, hoje nossa.

C G7

Uma gaivota voava, voava,

C

Asas de vento, coração de mar. {Bis}

C7 F C

Como ela, somos livres,

G7 C

Somos livres de voar. {Bis}

Uma papoila crescia, crescia,
Grito vermelho num campo qualquer. {Bis}
Como ela somos livres,
Somos livres de crescer. {Bis}

Uma criança dizia, dizia
"Quando for grande não vou combater". {Bis}
Como ela, somos livres,
somos livres de dizer. {Bis}

Somos um povo que cerra fileiras,
Parte à conquista do pão e da paz. {Bis}
Somos livres, somos livres,
não voltaremos atrás. {Bis}

³⁷ Canções cedidas por Artur Fernandes.

Grândola Vila Morena

Grândola, vila morena Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena Dentro de ti, ó cidade

Dentro de ti, ó cidade O povo é quem mais ordena
Terra da fraternidade Grândola, vila morena

Em cada esquina, um amigo Em cada rosto, igualdade
Grândola, vila morena Terra da fraternidade

Terra da fraternidade Grândola, vila morena
Em cada rosto, igualdade O povo é quem mais ordena

À sombra duma azinheira Que já não sabia a idade
Jurei ter por companheira Grândola, a tua vontade

Grândola a tua vontade Jurei ter por companheira
À sombra duma azinheira Que já não sabia a idade

Maria Faia

Am E Am
Eu não sei como te chamas Ó Maria Faia
G C E Am
Nem que nome te hei-de eu pôr Ó Maria Faia Ó Faia Maria

Cravo não, que tu és rosa Ó Maria Faia
Rosa não, que tu és flor Ó Maria Faia Ó Faia Maria

Não te quero chamar cravo Ó Maria Faia
Que te estou a engrandecer Ó Maria Faia Ó Faia Maria

Chamo-te antes espelho Ó Maria Faia
Onde espero me ver Ó Maria Faia Ó Faia Maria

O meu amor abalou Ó Maria Faia
Deu-me uma linda despedida Ó Maria Faia Ó Faia Maria

Abarcou-me a mão direita Ó Maria Faia
Adeus ó prenda querida Ó Maria Faia Ó Faia Maria

Vejam Bem

Dm C Dm C Dm C Dm C
Vejam bem, Que não há só gaivotas em terra Quando um homem se põe a pensar Quando um homem ...
Quem lá vem Dorme à noite ao relento na areia Dorme à noite ao relento do mar Dorme à ...

Dm C Dm F A7
E se houver Uma praça de gente madura E uma estátua E uma estátua de febre a arder

Anda alguém Pela noite de breu à procura E não há quem lhe queira valer E não há quem...

Vejam bem Daquele homem, a fraca figura Desbravando os caminhos do pão Desbrav...
E se houver Uma praça de gente madura Ninguém vai levantá-la do chão Ninguém...

Vejam bem, Que não há só gaivotas em terra Quando um homem Quando um homem se põe a pensar.

Quem lá vem Dorme à noite ao relento na areia Dorme à noite ao relento do mar Dorme ...

E depois do adeus

re la la- mi-
Quis saber quem sou O que faço aqui Quem me abandonou De quem me esqueci
la sol F#m7(5+) fa7 la
Perguntei por mim Quis saber de nós Mas o mar Não me traz Tua voz.

re la la- mi-
Em silêncio, amor Em tristeza e fim Eu te sinto, em flor Eu te sofro, em mim Eu te lembro, assim
la sol F#m7(5+) fa7 la
Partir é morrer Como amar É ganhar E perder.

Tu viste em flor Eu te desfolhei Tu te deste em amor Eu nada te dei
Em teu corpo, amor Eu a—dormeci Morri nele E ao morrer Renasci.

E depois do amor E depois de nós O dizer adeus O ficarmos sós Teu lugar a mais
Tua ausência em mim Tua paz Que perdi Minha dor Que aprendi.

De novo vieste em flor Te desfolhei... E depois do amor

A9/C#

E depois de nós

Am/C

O adeus

G/D D9 Dsus4 D

O ficarmos sós.

Trova do Vento que Passa

D A D
Pergunto ao vento que passa
A A7 D D7
notícias do meu país
G Gm D Bm
e o vento cala a desgraça
Em A D D7
e o vento nada me diz.
G Gm D Bm
E o vento cala a desgraça
Em A D
e o vento nada me diz.
D A7 D

Mas há sempre uma candeia, dentro da própria desgraça, há sempre alguém que semeia canções no vento que passa. Há sempre alguém que semeia canções no vento que passa.

Mesmo na noite mais triste, em tempo de servidão, há sempre alguém que resiste, há sempre alguém que diz não. Há sempre alguém que resiste, há sempre alguém que diz não.

EU VIM DE LONGE JOSÉ MÁRIO BRANCO

A E7 A E7
Quando o avião aqui chegou
A E7 A
quando o mês de Maio começou
D A
eu olhei para ti
D A
e então eu entendi
E E7 A
foi um sonho mau que já passou
D E7 A
foi um mau bocado que acabou

Tinha esta viola numa mão, uma flor vermelha na outra mão, tinha um grande amor, marcado pela dor e quando a fronteira me abraçou, foi esta bagagem que encontrou

(Chorus:)
D A D A
Eu vim de longe de muito longe
D C A
o que eu andei p'ra aqui chegar
D A D A
Eu vou p'ra longe p'ra muito longe
D F Am - Am/G
onde nos vamos encontrar
F7M E - E7
com o que temos p'ra nos dar

E então olhei à minha volta, vi tanta esperança andar à solta, que não hesitei e os hinos que cantei foram feitos do meu coração feitos de alegria e de paixão

Quando a nossa festa se estragou, e o mês de Novembro se vingou, eu olhei p'ra ti e então eu entendi foi um sonho lindo que acabou, houve aqui alguém que se enganou

(Chorus)

Tinha esta viola numa mão, coisas começadas noutra mão, tinha um grande amor, marcado pela dor e quando a espingarda se virou, foi p'ra esta força que apontou

(Chorus)

Pedra Filosofal

sol do mi
Eles não sabem que o sonho é uma constante da vida

Fa sol
tão concreta e definida como outra coisa qualquer

como esta pedra cinzenta em que me sento e descanso
como este ribeiro manso em serenos sobressaltos

como estes pinheiros altos que em verde e oiro se agitam
como estas árvores que gritam em bebedeiras de azul

eles não sabem que sonho é vinho, é espuma, é fermento
bichinho alacre e sedento de focinho pontiagudo
sol do
que fuça através de tudo Em no perpétuo movimento

Eles não sabem que o sonho é tela é cor é pincel
base, fuste ou capitel arco em ogiva, vitral

Pináculo de catedral contraponto, sinfonia
máscara grega, magia que é retorta de alquimista

mapa do mundo distante Rosa dos Ventos Infante
caravela quinhentista que é cabo da Boa-Esperança

Ouro, canela, marfim florete de espadachim
bastidor, passo de dança Columbina e Arlequim

passarola voadora pára-raios, locomotiva
barco de proa festiva alto-forno, geradora

cisão do átomo, radar ultra-som, televisão
desembarque em foguetão na superfície lunar

Eles não sabem nem sonham que o sonho comanda a vida
e que sempre que o homem sonha o mundo pula e avança
como bola colorida entre as mãos duma criança

Anexo 26 – Apresentação PowerPoint sobre a revolução do 25 de Abril



ANTES DO 25 DE ABRIL

- Não havia liberdade;
- So havia censura;
- Não havia liberdade de expressão;
- Perseguição;
- Controlo pela PIDE,



A slide with a white background and a red and yellow wavy border at the top. The title 'ANTES DO 25 DE ABRIL' is in red. Below it is a bulleted list of conditions. To the right is a small black and white portrait of a man with glasses.

MÚSICOS ANTI FASCISMO



José Afonso
(Zeca Afonso)

José Mário
Branco

Sérgio Godinho

A slide with a white background and a red and yellow wavy border at the top. The title 'MÚSICOS ANTI FASCISMO' is in red. Below it are three small black and white portraits of musicians. Under the first portrait is the name 'José Afonso (Zeca Afonso)'. Under the second is 'José Mário Branco'. Under the third is 'Sérgio Godinho'.

25 de Abril

- Transmissão da canção Grândola, Vila Morena
- Ação militar;
- Opressão durante o regime (1974)
- Liberdade ao povo;



A slide with a white background and a red and yellow wavy border at the top. The title '25 de Abril' is in red. Below it is a bulleted list of events. To the right is a black and white photograph of a crowd of people holding a banner that says 'LIBERDADE'.

REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

Os soldados colocaram-nos nos canos das espingardas.



Assim, o cravo vermelho tornou-se num dos símbolos do 25 de Abril.

A slide with a white background and a red and yellow wavy border at the top. The title 'REVOLUÇÃO DOS CRAVOS' is in red. Below it is a paragraph of text. To the right is a black and white photograph of a group of soldiers holding rifles with red carnations attached to the barrels. Below the photograph is another paragraph of text.

REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

Os soldados colocaram-nos nos canos das espingardas.



Assim, o cravo vermelho tornou-se num dos símbolos do 25 de Abril.

A slide with a white background and a red and yellow wavy border at the top. The title 'REVOLUÇÃO DOS CRAVOS' is in red. Below it is a paragraph of text. To the right is a black and white photograph of a group of soldiers holding rifles with red carnations attached to the barrels. Below the photograph is another paragraph of text.